

Departamento de Sociologia

Perfis de *Self-representation* no Facebook durante a transição para o ensino superior: O caso dos estudantes negros no ISCTE.

***Facebook Self-Representation Profiles during the transition to higher education:
The case of black students at ISCTE.***

Mariana Mattar Yunes

Dissertação submetida para obtenção do grau de Mestre em Comunicação, Cultura e
Tecnologias da Informação.

Orientador:

Doutor Tiago Lapa,

Professor Auxiliar, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa.

Orientadora:

Doutora Cristina Roldão,

Professora Auxiliar Convidada, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa.

Outubro, 2019

Departamento de Sociologia

Perfis de *Self-representation* no Facebook durante a transição para o ensino superior: O caso dos estudantes negros no ISCTE.

***Facebook Self-Representation Profiles during the transition to higher education:
The case of black students at ISCTE.***

Mariana Mattar Yunes

Dissertação submetida para obtenção do grau de Mestre em Comunicação, Cultura e
Tecnologias da Informação.

Orientador:

Doutor Tiago Lapa,

Professor Auxiliar, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa.

Orientadora:

Doutora Cristina Roldão,

Professora Auxiliar Convidada, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa.

Outubro, 2019

AGRADECIMENTOS

Posso dizer que a minha inspiração principal esteve sempre dentro de casa, através do meu pai e da minha mãe que são dois educadores de excelência, pós-doutores e muito bem-sucedidos em suas áreas de atuação. Para além disso, minha irmã, escritora por profissão, apesar de ser mais nova não deixou de me inspirar com a sua capacidade intelectual e o seu amor sempre muito evidente pelos livros.

Hoje, posso dizer que estou realizando um sonho, que veio carregado de milhares de desafios, mudanças e inúmeros sentimentos. Este trabalho carrega consigo uma vitória que vai além dos finais de semana que deixei de descansar e de algumas noites mal dormidas. Este trabalho carrega consigo, desafios que só um imigrante poderia vivenciar, como a falta da família, a busca por novos amigos, emprego, os desafios de encontrar moradia em um país que não é o seu, validação de documentações entre milhares de outros.

Não poderia deixar de mencionar que uma pessoa que participou muito deste processo e esteve junto comigo foi meu namorado, que neste 1 ano de convivência demonstrou acreditar e me apoiar na livre expressão de minhas ideologias e crenças humanitárias.

Meu profundo agradecimento aos alunos do ISCTE-iul que se disponibilizaram a partilhar a sua *timeline* comigo e expressar de forma muito sincera todos os seus sentimentos e percepções, sem eles este estudo não seria possível. Também agradeço aos meus orientadores que foram excelentes e me auxiliaram desde o início a delinear muito bem este estudo e foram sempre impecáveis em todas as suas pertinentes observações.

Por fim, deixo meu agradecimento a todos que de alguma forma, fizeram parte de minha história e hoje posso dizer que sou uma pessoa para além de mais madura, com convicções e valores muito mais sólidos e devo isso a todos que me apoiaram e estiveram comigo nesta desafiante e bela caminhada.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo questionar como a transição para o ambiente universitário é expressada por meio dos conteúdos presentes na *timeline* da rede social Facebook de um grupo de universitários negros, estudantes, jovens nativos digitais, do ISCTE, Lisboa. Sendo assim, buscou investigar se existem conteúdos/posts presentes na *timeline* destes indivíduos entrevistados que manifestem e expressem esta transição para o ambiente universitário, na percepção destes indivíduos, bem como, na interpretação e análises da investigadora deste estudo. A metodologia deste estudo foi estruturada por meio de desenho de pesquisa qualitativa, entrevistas realizadas em profundidade e de análise de conteúdo da *timeline* dos estudantes universitários participantes da amostra. Para tal, optou-se pelo uso da metodologia *Scroll Back*, pois sua aplicação permite analisar se existem fatores que evidenciem e expressem essa transição de indivíduos negros para o ambiente universitário por meio do estudo das expressões na *timeline* presente no Facebook. O *Scroll Back* funciona por meio do envolvimento dos participantes nesse sistema como co-analistas. Sendo assim, este estudo teve como alicerce a divisão em dois (02) períodos de análise: anterior a vida acadêmica do indivíduo e quando o indivíduo já está no meio acadêmico, cursando o ensino superior. A escolha pela análise das transições dos estudantes negros se deve as diferentes condições sociais e a baixa representatividade de negros no meio acadêmico. Os resultados deste trabalho possibilitaram a análise e construção de dois perfis de transições distintas: Transições Expressivas do *Self* (TES) e Transições Reprimidas do *Self* (TRS). Em ambos os casos se observou a existência de conteúdos e manifestações que marcam a transição para o ambiente universitário, entretanto de formas diferentes. Os perfis de Transição Expressiva demonstraram uma frequência mais alta de postagens, bem como uma necessidade de autoafirmação de seu *self* e de um *lifestyle* de muitas atividades sociais. Já os perfis de Transição Reprimida demonstram uma outra lógica estruturante de estudantes, que ao longo do processo transitório para o meio acadêmico possuem atitudes de baixa frequência de compartilhamento na referida rede social, reprodução de mensagens de caráter menos expansivo do ponto de vista da partilha de sentimentos, opiniões e outras formas de expressão de si, ou seja, expressões restritivas, em que sua liberdade de expressão dentro da ferramenta está condicionada por preocupações com terceiros. Neste perfil a transição para o ambiente universitário deu espaço para uma sensação de repressão no meio online o que é visível a partir de seu comportamento no Facebook. Independente do conteúdo e das expressões que serão manifestadas e visualizadas ao decorrer deste estudo em ambos os perfis, a origem para a mudança de atitude na *timeline* é única e a mesma: a necessidade de adaptação a um cenário social desafiador, com baixa representatividade de negros e com inúmeros obstáculos a serem ultrapassados.

Palavras-chave: Facebook. *Timeline*. Ensino Superior. Racismo. Representação do *self*

ABSTRACT

This study aims to question how the transition to the university environment expressed through the contents of the Facebook social network timeline of a group of black university students, young digital natives, from ISCTE-iul, Lisbon. Thus, it sought to investigate whether there are contents / posts present in the timeline of these interviewed individuals who manifest and express this transition to the university environment, in the perception of these individuals, as well as in the interpretation and analysis of the researcher of this study. This methodology was structured through qualitative research design, in-depth interviews and timeline content analysis of a sample of university students. Therefore, we chose to use the Scroll Back methodology, because its application allows analyzing if there are factors that evidence and expressing this transition of black individuals to the university environment through the study of expressions in the Facebook timeline. Scroll Back works by involving participants in this system as co-analysts. Thus, this study was based on the division into two periods of analysis: prior to the academic life of the individual and when the individual is already in the academic environment, attending higher education. The choice of analysis to be black students is due to the different social conditions and the low representativeness of blacks in academia. The results of this work allowed the construction and analysis of two distinct transitions profiles: Self Expressive transitions and Repressed Self transitions. In both cases, the existence of contents and manifestations that mark the transition to the university environment was observed, however in different ways. Expressive transition profiles demonstrated a higher frequency of posts, as well as a need for self-affirmation of their self and a lifestyle of many social activities. The Repressed transition profiles, on the other hand, demonstrate another structuring logic of students who, throughout the transitional process for the academic environment, demonstrate attitudes within the low frequency sharing tool. This means they are a less expansive character from the point of view of sharing their feelings, opinions and other forms of self-expression, that is, restrictive expressions, in which their freedom to express within the tool is subject to certain third party concerns. In this profile, the transition to the university environment gave room for a feeling of repression in the online environment, which is visible from their behavior on Facebook. Regardless of the content and expressions that will be manifested and visualized during this study in both profiles, the origin for the change of attitude in the timeline is unique and the same: the need to adapt to a challenging social scenario, with low representation of blacks and with numerous obstacles to overcome.

Keywords: Facebook. Timeline. Higher Education. Racism. Self-representation

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - AS REDES SOCIAIS ONLINE E A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS	3
1.1 Representações do <i>Self</i> e Identidade	6
1.2 A rede social Facebook e a ferramenta da <i>timeline</i>	9
CAPÍTULO II - REFLEXOS DA COLONIZAÇÃO, IMIGRAÇÃO E SITUAÇÃO SOCIAL ATUAL DOS NEGROS EM PORTUGAL.....	11
2.1 O negro na educação superior em Portugal	19
2.2 O Racismo Institucional	25
CAPÍTULO III - PLANO METODOLÓGICO	29
3.1 Problema de investigação, modelo de análise e estratégia metodológica.....	29
3.2 <i>Scroll Back</i>	32
3.3 Selecção dos entrevistados e instrumentos de recolha de informação	34
CAPÍTULO IV - PERFIS DE EXPRESSÃO DO <i>SELF</i> NA TRANSIÇÃO PARA O ENSINO SUPERIOR	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
ANEXOS.....	I
ANEXO I - Guião de entrevista	I
ANEXO II - Respostas por entrevistado	XIV

ÍNDICE DE TABELAS

QUADRO 1. CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA – PALOP	24
QUADRO 2. CARACTERIZAÇÃO SOCIAL DOS ENTREVISTADOS.....	36
QUADRO 3. MATRIZ ANALÍTICA DE TIPOLOGIA DE PERFIS DOS ESTUDANTES ENTREVISTADOS DO ISCTE	39

INTRODUÇÃO

Os sites de redes sociais (SRSs) na contemporaneidade têm adquirido de forma exponencial um papel que vai além do simples entretenimento e das possibilidades de realizar conexões sociais. Estas geram e mantêm identidades no meio online. Desta forma, a frequência e os conteúdos que são expressados publicamente via perfis das redes sociais, se tornaram elementos fundamentais para a construção de uma reputação no mundo moderno. As redes sociais mais usuais na atualidade, como o Facebook, *Instagram*, *twitter* e *youtube*, são muitas vezes acessadas diariamente e por diversas vezes. Os usuários buscam expressar suas opiniões, compartilhar imagens, notícias, entre outras coisas, com o objetivo principal de tornar essas informações públicas e, portanto, acessíveis a diferentes interlocutores. De acordo com Boyd & Ellison (2007) os sites de redes sociais podem ser definidos como serviços baseados na web que permitem que os indivíduos: (1). Construam um perfil público ou semi-público (2) articular uma listagem de demais usuários com quem estes compartilham uma conexão (3) visualizar e percorrer sua lista de conexões, bem como realizadas por outros indivíduos dentro do sistema.

Sendo assim, o rápido acesso a essa nova sistemática possibilitou que algumas oportunidades de articulação e expressão no mundo offline fossem reduzidas, pois a facilidade e o acesso para manter contatos e realizar discussões via redes sociais tornou-se mais atraente nos dias atuais. Logo, é recorrente observarmos expressões desde caráter crítico, político e social nas redes sociais. É frequente ainda a ocorrência de expressões emocionais, de momentos especiais no perfil de muitos indivíduos, que em vista da facilidade de acesso, buscam explorar uma determinada identidade online.

A rede social Facebook existe desde 2004 e tem como singularidade, em relação às demais redes, possibilitar que formas de expressões diferentes sejam compartilhadas com o público, desde fotos, arquivos, textos entre outros conteúdos. Desde então, o usuário tem construído sua identidade e a forma que gostaria de ser visto pelo público também através desta rede social. Assim, ao longo do tempo a união destas construções em formato de post, possibilitaram a construção de uma narrativa que acaba por contar uma história. Estas histórias representam sentimentos, momentos e desejos singulares que os usuários optam por disseminar na sua rede social, ou seja, por tornar público.

A construção de narrativas e gestão de identidades será utilizada nesse estudo sob a denominação de *self-representation*. Em face da dimensão que as diferentes redes de tecnologia alcançaram e a necessidade de estudos de impacto das mesmas nos indivíduos modernos, esta investigação busca aprofundar a relação de construção e expressões identitárias por meio do perfil do Facebook de estudantes negros do ensino superior. O ponto de partida será o momento do ingresso dos discentes em ambiente universitário, ou seja, local majoritariamente dominado por indivíduos brancos, conforme ressalta Seabra et al (2016):

Algumas pesquisas mais genéricas abrangem jovens a frequentar o ensino superior. No estudo de Vala et al. (2003), a amostra de 400 jovens negros conta com 20% de jovens com habilitações superiores ao 12.º ano; e no estudo JODIA, de Machado, Matias e Leal (2005), os jovens com ensino superior constituíam 16,9% dos 1000 inquiridos, uma percentagem inferior quando comparados com os jovens portugueses em geral (23,6%). Mas pouco sabemos sobre as taxas de participação atuais e as suas especificidades, sobre as condições sociais que as enformam e as condições institucionais que as enquadram. (Idem :51)

Estas observações trouxeram à presente pesquisa que está orientada pela seguinte pergunta de partida: “Em um processo de transição para o ambiente universitário que implica uma socialização numa cultura estudantil marcadamente branca, que formas distintas de expressão e representação identitária são suscitadas por meio da *timeline* do Facebook de estudantes negros? ”. Sendo assim, este estudo visa aprofundar-se e compreender como a transição para o ambiente universitário é expressada por meio dos conteúdos presentes na *timeline* de um grupo de determinados universitários negros, estudantes, jovens nativos digitais, do ISCTE, Lisboa.

Logo, esse estudo será fundamentado por meio da análise de sua *self-representation* em seu perfil do Facebook e demonstrações na *timeline*, presentes ao longo do período anterior e posterior ao ingresso ao meio acadêmico a partir de sua auto percepção. Para isso será utilizada a metodologia *scroll back* introduzida pelos estudiosos Robards e Lincoln (2017), que propõe uma análise de tempo através das expressões e conteúdos compartilhados através da *timeline* online dos indivíduos. Por meio desta metodologia foi possível compreender de forma mais aprofundada determinados comportamentos dos oito entrevistados, estudantes do ISCTE-iul, e com isto, realizar o reconhecimento e a determinação dos perfis de estudo.

Optou-se por analisar o público de estudantes negros, pela constatação da escassez de pesquisas científicas acerca da presença e das necessidades desses indivíduos em instituições universitárias e em outros ambientes tanto na cidade de Lisboa, quanto no contexto português. Da mesma forma, Portugal não realiza a recolha de dados étnico-raciais, o que dificulta e cria uma lacuna ao aprofundamento de estudos científicos que abordam as temáticas do racismo institucional e estrutural, igualdade e exclusão social¹. Por isso, a escolha de descendentes negros, independentemente de sua origem geográfica, se deve a uma necessidade de aprofundamento científico por meio dos

¹ Pesquisa: https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-PT&as_sdt=0%2C5&q=estudantes+negros+universitarios+em+portugal&btnG=https://ces.uc.pt/pt
<https://museudigitalafroportugues.wordpress.com>
<https://run.unl.pt/>
<https://ualmedia.pt/cristina-roldao-a-escola-esta-feita-para-uma-crianca-de-classe-media-branca-e-urbana/?fbclid=IwAR1z5uQV4stkWyh2RMsl6pzUkO3SSh2prS-l1wGfRL9vVHq3LEU3OFZO3e0>
<https://www.publico.pt/2019/06/17/sociedade/noticia/censos-1876683>

aspectos visíveis que causam diferenciação dentro de um determinado contexto social, neste caso, a cor da pele.

A análise do contexto do ensino superior, se deve ainda à necessidade de compreensão e observação das transformações étnico-raciais, bem como expressões identitárias que podem ser compartilhados e publicados por este público a partir de sua entrada em um ambiente que é majoritariamente frequentado por indivíduos brancos. Logo, este trabalho busca compreender de que forma estes indivíduos se observam em acontecimentos pessoais e coletivos na sua *timeline* na relação com seu ingresso na Universidade. Como já mencionado, será considerado o tempo que estes indivíduos ainda não pertenciam ao ambiente do ensino superior, até o momento de pertença ao ensino superior. Em suma, a análise buscará compreender a *timeline* destes indivíduos entre 3 a 4 anos, ou seja, 1 ano antes de pertencerem a este ambiente e os subsequentes anos de pertença à universidade.

CAPÍTULO I - AS REDES SOCIAIS ONLINE E A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS

Na era das Novas Tecnologias e da Web2.0, as redes sociais online se tornaram cada vez mais um espaço que propicia construção de identidades pessoais, por meio da facilidade de acesso, exposição e produção de conteúdo. De acordo com Bauman (2005: 51), “houve um tempo em que a identidade de uma pessoa era determinada fundamentalmente pelo trabalho produtivo desempenhado na divisão social do trabalho”. Hoje, o indivíduo possui poder de construir, (re) construir e desempenhar atividades em ambientes como as redes sociais que propiciam inúmeras formas de expressão individual.

Essas ferramentas sociais fazem parte do sistema em rede onde a sociedade moderna está inserida. A sociedade em rede acontece por meio de uma estrutura social que é feita por redes e abastecida por comunicações e informações tecnológicas. A estrutura social são os arranjos organizacionais dos seres humanos dentro das relações de produção, expressão, consumo através de comunicação que é codificada pela cultura da sociedade. Sendo assim, a cultura da internet acontece a partir de seus criadores que utilizam uma lógica de valores e crenças para influenciar o comportamento dos indivíduos imersos neste sistema cultural (Castells, 2001/2004). Para complementar a teoria de Castells, o autor Joaquim Fialho (2015: 64) afirma que “os conceitos fundamentais numa rede social são os atores, os nós e as ligações que nos permitem através da visualização gráfica, uma radiografia da estrutura social”.

Assim, o sistema em rede acontece por meio de uma base estrutural, onde existem princípios e valores culturais de uma sociedade tecnológica, e através desse mesmo sistema acontecem os reforços e a expressão das lógicas normativas e crenças que estão enquadradas naquele ambiente

social. As pesquisadoras Boyd e Ellison (2007), tornaram-se referências nos estudos sobre sites de redes através do seu trabalho *Social Network Sites: Definition, History and Scholarship*. Elas definem as SRS como: “Serviços baseados na web que permitem aos indivíduos: (1) construírem um perfil público ou semi-público dentro de um sistema restrito; (2) articularem uma lista de outros usuários com quem eles compartilham uma conexão e, (3) olharem e cruzarem sua lista de conexões e aquelas feitas por outros dentro do sistema”² (Idem: 211).

Portanto, “o espaço das redes sociais configura-se como um local onde essa e outras vertentes das representações identitárias convergem. (...) é um espaço de construção dos sujeitos. (...) A construção das identidades, virtuais ou não, ocorre no espaço do simbólico. (...) o ego se torna algo central na rede”. (Nóbrega, 2010: 97)

Conforme Matuck e Meucci (2005), “a palavra representação possui origem etimológica no latim, o que significa ser a reprodução de alguma coisa, melhor dizendo: uma reconstrução”. (Idem: 165). Stuart Hall (2016), em sua obra *Cultura e Representação*, realiza uma análise política da cultura, por meio das noções de representação, que perpassam a ideia de “significados compartilhados” e a sua relação com os conceitos de discurso, linguagem, semiótica, signos e significados. O autor utiliza a exemplificação do conceito de representação na cultura ao fazer a relação com os conceitos de “raça”. Para Hall (2016) “A linguagem é um dos “meios” através dos quais pensamentos, ideias e sentimentos são representados em uma cultura” (Hall, 2016:18) Esta mesma linguagem possibilita que os sentidos sejam criados e expressados, através da escrita, fala, expressões faciais, linguagem corporal etc. Os sentidos possibilitam ter as noções de identidade própria e estes são continuamente reelaborados conforme o período de vivência daquele determinado indivíduo, bem como suas experiências e interações sociais. Logo, as elaborações destes sentidos regulam as práticas e as condutas sociais do ambiente ao qual pertencemos. Hall (2016) também utiliza da abordagem construtivista da linguagem, onde os significados são construídos na linguagem e através dela. Para tal apresenta o conceito da semiótica e discursiva. Dentro do conceito da semiótica, o signo é analisado como significante e significado. O significante se trata da forma como a informação se apresenta (foto, imagem, palavras) e o significado é o conceito resultante, ou seja, o resultado do que permanece em nossas mentes por meio dessas informações. Ambos os conceitos são necessários para a produção de sentido, entretanto é a sua relação e imersão em uma determinada cultura, linguagem e/ou código que dará a base para a representação.

A abordagem discursiva enfatiza a importância do discurso com a relação de poder e a questão do sujeito, ou seja, a produção do sentido através da linguagem. Este poder exerce uma função em rede que opera em todos os campos da vida social e permeia todos os níveis sociais. O autor enfatiza ainda as práticas de representação por meio dos estereótipos, utilizando-se de exemplos como as imagens e discursos produzidos para a representação de negros. Isso demonstra que os indivíduos

² Livre tradução.

podem ser guiados a realizar diferentes leituras de imagens e fazerem a relação dessa linguagem com vários tipos de linguagens em diferentes momentos históricos. Em contextos históricos que perduraram até o século XX notam-se mudanças a partir dos movimentos pelos direitos civis nos EUA na década de 60 com discursos que foram construídos para enfraquecer os negros e conservar a hegemonia branca no poder. (Hall, 2016)

Da mesma forma, Hall (2014) realiza uma reflexão sobre a “cultura popular negra” como uma contra narrativa aos estereótipos de como o negro é representado na sociedade pós-moderna.

Não importa quão deformadas, cooptadas e inautênticas sejam as formas como os negros e as tradições e comunidades negras pareçam ou sejam representadas na cultura popular, nós continuamos a ver nessas figuras e repertórios, aos quais a cultura popular recorre, as experiências que estão por trás delas. Em sua expressividade, sua musicalidade, sua oralidade e na sua rica, profunda e variada atenção a fala; em suas inflexões vernaculares e locais; em sua rica produção de contra narrativas; e, sobretudo, em seu uso metafórico do vocabulário musical, a cultura popular negra tem permitido trazer à tona, até nas modalidades mistas e contraditórias da cultura popular *mainstream*, elementos de um discurso que é diferente — outras formas de vida, outras tradições de representação. (Hall, 2014: 342)

O uso da palavra “representação” possui importância para os conceitos de representação social nos estudos de Psicologia Social de Moscovici (1976). Para esse autor trata-se da construção e interpretação da realidade através de ideias e valores que são compartilhadas pelos grupos e que consequentemente regulam as atitudes admitidas e desejáveis naquela comunidade (Moscovici, 1976), bem como “fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar, um modo que cria tanto realidade quanto senso comum ” (Moscovici, 2003:48). Sendo assim, existe aqui uma relação da palavra representação que pode ser utilizada tanto nos contextos identitários, ou seja, do “*self*”, quanto no âmbito dos processos de funcionamento normativos e de senso-comum na sociedade.

Logo, é interessante compreender como os indivíduos se comportam nos perfis de suas redes sociais e constroem narrativas de forma a obedecer às normas, valores e representações sociais de comunidades compreendidas como majoritárias em uma determinada sociedade. É fato que os usuários possuem a liberdade para se “apresentar” nas redes sociais da forma que acharem adequado para atender as normas e manter reputações sociais, o que não necessariamente está sempre em coerência com a sua personalidade no meio offline.

1.1 Representações do *Self* e Identidade

O sociólogo Goffman (1959) em sua obra “A representação do eu na vida cotidiana”, utiliza o termo “representação relacionado ao papel de ator social, mais especificamente o indivíduo como um personagem que está numa peça teatral e que busca se “apresentar” num quadro de condicionamento. Logo, se usarmos o pensamento de Goffman (1959), pode-se considerar que muitas pessoas buscam se “auto apresentar” perante a sociedade, enquanto sujeitos reflexivos e conscientes das normas sociais vigentes.

Diante das múltiplas realidades, pode-se dizer que o mundo físico possui um contorno primário, ou seja, um ambiente onde o indivíduo irá construir e modificar de acordo com a sua ordem social, como força de expressão maior. As estruturas primárias sociais, ou seja, as normas estruturantes têm também relação com o preconceito. Estes são contextos da mentalidade que agem de forma a controlar os envolvidos. Pelas próprias palavras do autor “submetem o realizador a padrões, à avaliação social de sua ação baseada em honestidade, eficiência, economia, segurança, elegância, tato, bom gosto e assim por diante”. (Goffman, 1959/1974: 22)

As questões relacionadas à auto identidade e ao *self* são mencionadas por Giddens (2002: 70), “como a consciência reflexiva, algo que não é determinado apenas por influências externas, mas também pela autoconsciência. (...) não se trata de algo que é apenas resultado das continuidades da performance de cada indivíduo, mas algo que tem de ser diariamente sustentado nas suas atividades reflexivas” (Giddens, 1994: 49). Logo as dimensões do *self* são denominadas como um “projeto reflexivo”, um processo de autoconhecimento, reconstrução e construção do sentimento de identidade (Giddens, 2002: 70).

Ambos autores se aprofundam na temática das teorias da identidade, mas de formas diferentes. Goffman (1990) demonstra seu enfoque na construção de concepções de desempenho, já Giddens (1991) nas noções de (in) seguranças ontológicas. Para Giddens (2009) Goffman (1959/1990) utiliza métodos antropológicos em sua obra, entretanto suas preocupações com o que ele chama de *everyday* são mais direcionadas aos acontecimentos mundanos do que aos excêntricos. Logo, aqui ele não demonstra uma preocupação clara com os aspectos que grande parte dos antropólogos estão envolvidos, ou seja, das divergências culturais. O seu enfoque é de um território universal, visto que seu discurso se aplica a grande parte das culturas.

Sendo assim, as análises de Giddens (2003) buscam justamente compreender as transformações das concepções de identidade e “self” por meio de uma ruptura com a ordem tradicional. Para além disto, a sua teoria pressupõe que a mudança social é algo possível, visto que os atores sociais são apropriados de capacidades racionais de compreender as informações que recebem para então idealizarem estratégias de atuação que buscam modificar o ambiente e as condições em que estes se encontram. (Giddens, 1989, 2000b, 1998, 2001). Para o autor “os agentes

sociais são capazes de atuar de outro modo, isto é, são capazes de intervir no mundo, ou abster-se de tal intervenção, com o efeito de influenciar um processo ou estado específico de coisas” (Giddens, 1989: 11) O conceito de reconstrução e construção de identidade, ou seja, do *self* por Giddens (1994, 2002) está alinhado com o que os autores Matuck e Meucci (2005) afirmam sobre as diferenças entre apresentação e representação: “não é adequado que o conteúdo de um blog, ou de qualquer outro site desse tipo, seja considerada a representação de um indivíduo, e sim uma apresentação em busca de auto definição. A representação ocorre no processo em que o sujeito reapresenta, ou seja, reconstrói a definição do outro na sua mente” (Idem: 165)

Com o objetivo de instituir o conjunto de características que tornam cada indivíduo singular e, bem como referir aquelas que, compartilhadas com outros indivíduos, o tornam parte integrante de uma comunidade ou grupo, o conceito de identidade surge como produto de uma autobiografia pessoal e única e reflexo do contexto social em que o indivíduo se articula. (Buckingham, 2008b).

De acordo com Boyd (2002), a identidade social é definida por meio dos aspectos internos aos quais o indivíduo recorre para, projetando-os na sua dimensão social, permitir a negociação e o relacionamento com os seus pares. Sendo assim, é através da negociação entre a identidade interna e a social que os indivíduos percebem quem são relativamente ao mundo que os cerca, estabelecendo essa identidade que lhes possibilita trabalhar e negociar em cenários sociais:

Enquanto a identidade interna é inteiramente construída e mantida pelo indivíduo, a identidade social é percebida externamente, não confiando na intenção, mas na expressão e percepção efetiva da apresentação de um indivíduo. (...) ao interagir socialmente, as pessoas estão cientes e a reagir ao feedback que eles recebem pelas outras pessoas em um determinado ambiente.³ (Boyd, 2002: 22)

A autora Davis (2014) afirma que alguns teóricos tentaram aproximar-se desses modelos de identidade. Adams desenvolveu a abordagem contextual (Adams & Marshall, 1996) que teve por base o modelo ecológico de desenvolvimento de Bronfenbrenner (1977), que propõe que a pessoa sofre influências de uma série de ambientes conectados que fazem parte da construção da identidade individual e coletiva na medida em que os indivíduos absorvem e negociam os recursos sociais. Em ambos os modelos, a identidade de uma pessoa está fundamentalmente ligada e arraigada ao seu contexto social. Demais teorias do desenvolvimento da identidade estão focadas em dimensões socioculturais específicas da experiência, das categorias étnico-racial e da sexualidade. (Davis, 2014)

No que se refere à identidade online como um conceito que evoluiu culturalmente e tecnicamente nos últimos tempos, os autores Warburton *et al.* (2010) defendem que esta necessitará ser abordada como um elemento da identidade pessoal que é mediada por meio da Internet e que faz parte do mundo digital:

³ Livre tradução

Quer o chamemos de "identidade digital", "persona on-line" ou "eu virtual", estamos falando de dados eletrônicos acumulados que nos referenciam como indivíduos - as coisas que dizemos sobre nós e/ou o produto de nossas transações eletrônicas são movidos por interações homem-máquina ou máquina-máquina⁴ (Warburton *et al.*, 2010: 8).

Complementando essas ideias, as autoras Banepali *et.al* (2017) observaram que a realidade social ganhou um novo formato através da tecnologia digital. Trata-se de uma nova visão, uma identidade considerada sem limites, que pode ser chamada de “Identidade Social Digital”. Nesta realidade, o novo ator proeminente desempenha um papel significativo na vida de cada indivíduo e consequentemente reflete aquilo que chamam de “realidade hiper”. Esta hiper-realidade é o reflexo da vida real no espaço digital, como nó na rede e a identidade social digital é o ponto de entrada dos indivíduos, grupos e famílias nesta rede. Sendo assim, a identidade é um forte elenco da realidade social e também é responsável por refletir a vida real, como um loop. (Banepali *et.al*, 2017)

Logo, a construção e reafirmação dessa identidade online se faz presente quando os indivíduos optam por fazer parte de uma rede social, como exemplo o Facebook. Esta rede social, passou a representar um arquivo de memórias que podem ser editadas, excluídas e reorganizadas a depender da vontade do usuário. Entretanto, conforme Hogan (2010), os mecanismos de automatização e os processamentos que estão por trás desta rede social, também são responsáveis por exercer um grande controle sobre a apresentação de sua *self*.

Sendo assim, a necessidade individual de atitudes como a reconstrução e expressões do *self*, em um ambiente que proporciona a liberdade de expressão, como as redes sociais é um aspecto latente e pode evidenciar inúmeros comportamentos relevantes e importantes a serem analisados nos dias de hoje. Tendo em vista, principalmente, a imersão em uma determinada sociedade que age conforme padrões e estereótipos.

Por tais argumentações, é importante que se compreendam os aspectos e contextos históricos geradores e mantenedores de determinados comportamentos padronizados da sociedade portuguesa e em Lisboa. No caso deste estudo, seria o locus de inserção dos grupos minoritários negros. A histórica escravidão, o racismo e a segregação social e política, acarretaram não apenas desigualdades e diferenciação social, mas também em casos extremos genocídios em diversas culturas. Ao longo de séculos os escravizados, negros, foram desumanizados, excluídos e maltratados, sobrevivendo à margem dessa diferenciação e do conceito do que é essa “boa sociedade”. Entretanto, com a existência das lutas e movimentos afirmativos/identitários, foi possível adquirir uma resistência adquirida pelo Movimento Negro na busca por seus direitos pelo mundo.

⁴ Livre tradução

A compreensão destas formas de expressão identitárias e do *self* por meio das redes sociais neste estudo é baseada na utilização de linguagens e imagens, via postagens na *timeline* do Facebook que podem remeter a atitudes expressadas de formas variadas.

1.2 A rede social Facebook e a ferramenta da *timeline*

O empresário Mark Zuckerberg, fundou a ferramenta Facebook em 2004, enquanto estudava psicologia na Universidade de Harvard. Conhecido por ser um grande programador de computadores, antes do Facebook já havia desenvolvido vários sites de redes sociais para colegas, como exemplo das redes: Coursematch e o *Facemash*. Tornou-se denominado *Facebook.com* em agosto de 2005, mas só em setembro de 2006, a rede ampliou-se para ser desdobrada para além das instituições de ensino para qualquer indivíduo que possuísse um endereço de e-mail registrado⁵.

Com a modernização e avanço das ferramentas, determinados campos começaram a ser usados dinamicamente, com o objetivo de gerar compartilhamentos frequentes, como exemplo da ferramenta de atualização de status em 2006 e da *timeline* em 2011. Essas ferramentas possibilitam que os usuários compartilhem novas informações com grande frequência, como por exemplo por diversas vezes ao dia. Isso ocorre ao contrário de outras ferramentas que são igualmente compartilhadas, mas são informações estáticas que não mudam, como por exemplo: cidade natal ou músicas favoritas (podem mudar com menor frequência). Essa tendência de incentivo ao compartilhamento reflete a transição dos perfis do Facebook de representações de caráter mais estático (como as informações de identificação pessoal nome, gênero, cidade natal) para uma outra lógica estrutural de novas informações criadas e modificadas com frequência. As ações utilizadas dentro da rede social como: as curtidas, atualizações de status, comentários e mensagens para outros usuários, lugares visitados, eventos atendidos e outros movimentos virtuais ocorrem para suprir a necessidade de interação do dono do perfil com outros (usuários, empresas, sites) através da sua rede. Essa tendência também elucida as transformações existentes no tipo e na qualidade das informações pessoais de forma explícita ou implícita divulgadas pelo usuário sobre si mesmo. (Stutzman, Ralph e Acquisti, 2012)

O processo da *timeline* acontece a partir de um determinado sistema de rede social que gera unidades de linha do tempo com base em dados deste mesmo sistema e está associado a entidades que através destes geram representações exibíveis de unidades de linha de tempo. Estas unidades são enviadas para dispositivos de clientes/usuários em formato de exibição em uma determinada linha de tempo. A seleção de unidades da linha do tempo para exibição nessa mesma interface, podem ser

⁵ Fonte: <https://www.theguardian.com/technology/2007/jul/25/media.newmedia>

baseadas em um ranking de unidades candidatas desta linha do tempo, onde existe um modelo aprendido pelas máquinas para executar o ranking. Estas entidades podem ser desde indivíduos, corporações, bandas, marcas, eventos, grupos de fãs ou outras organizações não individuais e /ou grupos⁶.

Abram e Karasavas (2018) em uma obra com ensinamentos de como utilizar a rede social Facebook, descrevem num capítulo dedicado à ferramenta da *timeline*:

Quando você se inscreve no Facebook, uma das primeiras coisas que você faz é estabelecer seu perfil ou Timeline. A razão pela qual o Facebook usa ambos os termos para se referir à mesma coisa é porque um perfil no Facebook é muito mais do que uma biografia instantânea. Em vez disso, seu perfil é centrado em sua linha do tempo, que é atualizada toda vez que você adiciona algo ao Facebook. Sua *timeline* se torna uma história contínua de sua vida no Facebook.⁷(Idem: 11)

Outro autor que investigou esse tema de forma inovadora é o pesquisador Robards (2014) destacando a importância que a rede possui na vida cotidiana dos indivíduos modernos, em especial para os jovens. Ele argumenta que o Facebook foi incorporado no dia a dia de muitos usuários em partes significativas de suas vidas sociais. Segundo o autor, a rede permite que haja espaços em que identidades, trocas sociais e sistemas de pertencimento possam ser articulados e visíveis, bem como, tornam-se arquivos de transição para jovens pois capturam de maneira efetiva as histórias com uma crônica de experiências mediadas de forma transitória. Por meio do seu formato cronológico, o Facebook deu início a uma estruturação de natureza arquivista para o seu site. Sendo assim, quando a rede buscou enfatizar esta mediação por meio de trocas sociais, recordações de atualizações de status antigas ou imagens carregadas anos antes, o Facebook se tornou um site onde além de narrativas de transição serem executadas e organizadas, determinadas divulgações públicas e privadas podem ser relembradas e refletidas. (Robards, 2014)

Para além da análise da linha do tempo e da rede social é fundamental abordar o conceito de imagem social, visto que esta compreende uma forma de classificar os indivíduos tanto no meio offline quanto no meio online, por meio da construção de teorias implícitas sobre eles ou sobre os indivíduos que agem de determinada forma. Essas teorias são responsáveis por guiar as interações e ações com esses indivíduos que são classificados reforçando essas imagens e classificações que foram previamente criadas em torno desse público (Domingues, 2013). Logo, essas imagens sociais construídas sobre esses grupos alvo dependem da concepção e do *status* do próprio grupo alvo, bem como do *status* e do interesse dos grupos que os percebem/julgam. (Tajfel,1974).

⁶ <https://patentimages.storage.googleapis.com/ef/1f/f9/f2087bfdc67a79/US9377933.pdf>

⁷ Livre tradução

Sendo assim, o contexto/situação social onde um certo grupo está enquadrado, reflete diretamente em sua imagem social. Esta imagem pode ser especificada de forma breve, como a classificação a partir da visão do outro, por meio da união de aspectos externos, estereótipos, contextos históricos entre outros. Desta forma, para compreender expressões geradas por usuários do ambiente online e narrativas de *self* dentro da ferramenta da *timeline*, é imprescindível um envolvimento prévio com a sua conjuntura social e a sua história.

CAPÍTULO II - REFLEXOS DA COLONIZAÇÃO, IMIGRAÇÃO E SITUAÇÃO SOCIAL ATUAL DOS NEGROS EM PORTUGAL

Tratar do tema do racismo em Portugal implica considerar múltiplas situações, como origens geográficas, sociológicas, nacionalidades entre outros. Entretanto, com base na literatura científica, este estudo evidencia que os portugueses brancos, colocam a representação do negro na mesma categoria de pessoas naturalmente não-portuguesas. Isso quer dizer que estes indivíduos são categorizados do ponto de vista de pertencimento nacional em função de sua cor, mecanismo que possui base nos fundamentos teóricos de contraste e homogeneização (Vala *et.al*, 2015). Portanto, este capítulo que segue considera abordar os contextos históricos do negro na sociedade portuguesa em Lisboa, as consequências socioculturais da colonização, imigrações e as noções de identidades racializadas.

A autora Ribeiro (2005) proporciona uma reflexão apoiada no discurso do sociólogo Boaventura de Sousa Santos (1993), a respeito de uma ocultação da verdadeira realidade por parte do estado Português. A realidade poderia estar associada à distância que Portugal estava do continente Europeu e que colocou Portugal de uma forma privilegiada em relação aos países africanos.

Em sua obra “Os Negros em Portugal: Uma presença silenciosa” (1988/1997), José Tinhorão realiza uma análise da presença e a participação dos negros na sociedade e vida portuguesa desde o século XIV até o XX. Além de levantar materiais relacionados à literatura do cordel, festas e música, expõe em sua obra o papel do negro como trabalhadores no artesanato, no serviço doméstico, no campo e nos serviços mais pesados. Segundo ele, a partir do século XIV são também frequentes nos registros históricos as referências da palavra “negro” para definir “mouros” ou “africanos”. Além disso a palavra também era utilizada como apelido identificador da cor da pele. (Tinhorão, 1988/1997: 107)

De acordo com Marques (1999) “Portugal na ordem dos fatos foi um dos países ocidentais que mais tarde decretou a abolição da escravatura e um dos que durante mais tempo permaneceu maioritariamente estanque ou refratário às ideologias e políticas abolicionistas” (Idem: 174)

O presidente atual de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa em uma de suas visitas ao Senegal, local de tráfico de escravos nas rotas atlânticas, discursou a respeito desta temática mencionando que houve abolição da escravatura por Marquês de Pombal no ano de 1761 reafirmando a existência de uma “adesão humanista” para tal ato.

Logo, o ano de abolição da escravatura “legalmente” foi em 1875, ou seja, mais de um século depois. Entretanto, com a abolição, houve espaço para ao trabalho forçado e ao Regulamento do Trabalho do Indígena, o qual obrigava os “indígenas” das tais ex-colônias a trabalharem. Esta sistemática impositiva continuou inscrita na lei até o ano de 1962⁸. Sendo assim, como forma de “mascarar” esta sistemática que nunca deixou de ter uma base exploratória, a ideologia que era reforçada por detrás desta legislação era de que “o trabalho era civilizador”, ou seja, cumpria uma “missão civilizadora”. Jerónimo (2009) realizou uma análise das contradições da autoproclamada “missão civilizadora” de Portugal a partir do período que antecede à corrida a África em final do século XIX até meados de 1930. De acordo com esse autor, a base do discurso “civilizador” tinha motivações econômicas para extrair riqueza dos súbditos africanos. Esse autor contribuiu com uma análise social da ideologia colonial e a política laboral e a educação missionária. Descreveu a importância da rede de missionários e educadores que apoiavam o projeto colonial, apesar de criticarem o colonialismo português pelo não cumprimento do seu mandato civilizador. Para ele este discurso humanitário era a forma de justificar e ocultar os imperativos econômicos por detrás do domínio colonial, utilizando a educação e o cristianismo em suporte a esta “missão civilizadora” (Jerónimo, 2009). No período do Estado Novo (1933 a 1974), Portugal foi marcado por um modelo autoritário e nacionalista, onde a exploração colonial, era uma forma de legitimar politicamente o regime e reerguer a economia do país. (Mattoso, 1997)

Esta retórica ideológica de origem luso-civilizatória foi denominada “Mística Imperial” sobretudo presente entre as décadas de 1930 e 1940, em aspectos da administração colonial. Surge um discurso de afirmação do orgulho do povo português e de afirmação nacionalista por meio de um contexto de ameaças e incertezas acerca do destino do Estado e da conservação das colônias. Com Salazar no poder, a gestão colonial entre 1930 até o fim da II Guerra Mundial (em 1945) passou a ser delineada, em seus aspectos legais e administrativos, através da já referida Mística Imperial. O modelo de Estado Novo, se preocupava invariavelmente em explicar e legitimar a ação colonial portuguesa por meio da propaganda e do discurso. Na década de 1940, a Mística Imperial já se encontrava fora de tom no contexto internacional em virtude do fim da II Guerra Mundial e da emergência de uma nova ordem no cenário global, na qual os colonialismos necessitariam ser abolidos e requeridos movimentos de independência na Ásia e África. Logo, a ideia da “Mística Imperial” não convinha mais dentro do contexto Salazarista, que em busca pela perpetuação do colonialismo, necessitava mudar o discurso legitimador da presença portuguesa em África. E é por meio deste contexto que é dada a origem às

⁸ Referência: <https://fumaca.pt/jose-pedro-monteiro-e-miguel-bandeira-jeronimo-sobre-a-missao-civilizadora-portuguesa/>

contribuições do brasileiro Gilberto Freyre ao colonialismo português. Entre 1945 a 1951, o Estado português começou a debater soluções para manutenção de suas colônias, enquanto que ao mesmo tempo a ONU, bem como as forças internacionais pressionavam o país para a emancipação dos seus “territórios não autônomos”. É a partir deste corte cronológico, que a ideologia colonial da “Mística Imperial” é abandonada. Com isso abre-se precedentes para uma aproximação do discurso do Estado com as ideias do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre. O pensamento de Freyre até o momento havia tido uma recepção controversa no Portugal estado novista. Autor da obra, *Casa Grande & Senzala*, publicada em 1933, obteve uma avaliação positiva no cenário cultural português. Entretanto, no campo político, o Estado Novo esteve entre a rejeição e a crítica às ideias do pernambucano. Este Estado Novo procurou em Freyre a elaboração de discurso colonial original, mais apropriado à conjuntura do Pós II Guerra, através de uma maior interação, bem como a harmonia de Portugal com seus respectivos territórios ultramarinos e a desconstrução do discurso de império impositivo. Em 1951, Salazar decide retirar a Mística Imperial como princípio norteador da política colonial lusa, através do decreto-lei 2.048/51, que anula o Ato Colonial e teve como principal medida a mudança do estatuto do Império Colonial Português, que passou a ser denominado Estado Português. Assim, as antigas Colônias foram reclassificadas como Províncias Ultramarinas. Tal legislação aponta pela primeira vez para uma constituição retórica Freyriana muito empregada pelo Estado português, a qual foi imagem de Portugal como uma nação Pluricontinental compostas por unidades de mesmo valor e unidas pela mesma cultura e idioma. Tal construção se tornaria a base da argumentação que estava por surgir, o Luso tropicalismo desenvolvido pelo próprio Gilberto Freyre. Esta teoria incensou o sentimento português e reforçou a sua persuasão na legitimidade da colonização lusa exposta como isenta de preconceitos raciais (Barros, 2013).

Com as mudanças nos discursos do estado Português, por meio do envolvimento de Freyre, os planos da diplomacia internacional endossam o discurso de que Portugal: “constitui uma comunidade multirracial, composta por parcelas territoriais geograficamente distantes, habitadas por populações de origens étnicas diversas, unidas pelo mesmo sentimento e pela mesma cultura.” (Castelo, 2011: 97)

Ao longo do governo de Salazar a busca pela assimilação de algumas franjas dos nativos foi um instrumento para a obra metropolitana, fazendo com que os portugueses utilizassem grupos locais que trabalhavam como intermediários com as populações a serem colonizadas, visto que compreendiam, seus códigos culturais e sociais, promovendo desta forma a atuação de Portugal em suas colônias. Quem realizava este papel eram os Assimilados que durante parte do governo salazarista português eram assegurados pelo Estatuto do Indigenato (1926 - 1961) e seus documentos complementares, dessa forma dando acesso a um status legal de civilizado. Esses grupos obtiveram um novo bilhete de identidade, ferramenta que lhes garantia alguns direitos, como por exemplo: o voto, autonomia de deslocamento dentro da colônia, bem como trabalho dentro da administração portuguesa.

Os assimilados – a terceira categoria presente no espaço colonial – encontram também expressão neste estatuto, que estipulava em detalhe as condições de acesso ao mesmo. Nos termos do Estatuto, assimilados eram os antigos indígenas que haviam adquirido a cidadania portuguesa, após provarem satisfazer cumulativamente os requisitos que transitavam do passado recente: a) ter mais de 18 anos; b) falar corretamente a língua portuguesa; c) exercer profissão, arte ou ofício de que aufera rendimento necessário para o sustento próprio e das pessoas de família a seu cargo, ou possuir bens suficientes para o mesmo fim; d) ter bom comportamento e ter adquirido a ilustração e os hábitos pressupostos para a integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses; e) não ter sido notado como refratário ao serviço militar nem dado como desertor (artigo 56º). (Meneses, 2010: 85)

No ano de 1961 é que se dá início a um ciclo de guerras entre Portugal e os movimentos de libertação que tinham como sua causa a independência dos territórios africanos dominados pelo colonialismo. Esse conflito extenso definiu de forma direta ou indireta as independências de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Bem como a presença no Movimento das Forças Armadas, que deu início em 25 de Abril de 1974 a intervenção militar que consequentemente derrubou o então Estado Novo. Este fato abriu caminho para abertura da democracia portuguesa. (Martins e Cardina, 2018)

O impacto da entrada de Portugal na Comunidade Europeia, e consequentemente os investimentos na construção de infraestruturas existentes oportunizaram o crescimento e o surgimento de vagas no mercado de trabalho nacional. Estas novas oportunidades disseminadas por meio das redes informais, que uniam estas comunidades de ancestralidade africana às suas comunidades de origem, atraíram ao mercado de trabalho nacional uma quantidade crescente de familiares, bem como, conterrâneos que haviam permanecido, mesmo após a independência nos seus próprios países (Baganha, 2005). O fim do império colonial português foi marcado pelo retorno a Portugal de aproximadamente 500 mil nacionais, destes estima-se que 59% haviam nascido na metrópole. Os demais 41% incluíam os seus descendentes e também indivíduos de ancestralidade e naturalidade africana, mas de nacionalidade portuguesa (Pires *et al.*, 1984). Sendo assim, o último grupo de retornados surgiu aumentando a quantidade de portugueses descendentes de africanos e residentes em território nacional. Por meio do decreto de lei de n.º 308-A/75, em 24 de julho, que tinha como objetivo retirar a nacionalidade portuguesa a uma parte substancial destes portugueses, acabou por retroativamente instituir uma comunidade estrangeira, “imigrante”, de ancestralidade africana que subsequentemente vai aumentar em virtude do processo de reunificação familiar. Em 1981 de 27 mil nacionais dos PALOP, estes eram 43% da população estrangeira legalmente residente em território nacional, sua presença era atribuída ao regresso involuntário à “Metrópole do Império”, no mesmo instante dos fragmentos dos nomeados estados soberanos, e a imposição do decreto-lei n.º 308-A/75. Naquela altura o mecanismo de entrada legal mais expedito e eficaz era o de vistos de curta duração

(turismo etc.), com isto radica-se em território nacional e majoritariamente, em Lisboa, uma quantidade crescente de imigrantes dos PALOP sem autorizações de residência. (Baganha, 2005)

Logo, durante o período de maior prosperidade econômica de Portugal até 2007 (em grande parte em virtude da integração do país na União Europeia) observou-se um aumento da vinda de africanos não apenas do PALOP (Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe), mas também de outros países como Brasil, Ucrânia e Romênia, embora de menor representação. Com essa última leva de imigração, os africanos já representavam cerca de metade da população total de imigrantes no país (Machado, 1997).

A questão referente às formas de denominação desses grupos surge diante desse aumento constatado de imigrantes africanos em Portugal e em outras partes do mundo. De acordo com a Década dos Afrodescendentes proposta pela ONU, o termo afrodescendente considera as pessoas de ascendência africana que vivem em muitos países do mundo. Em sua maioria estão dispersos entre a população local e/ou nas suas comunidades, fazem parte dos grupos mais marginalizados, e sofrem discriminação como consequência dos legados históricos relacionados ao tráfico negreiro e a escravidão. Mesmo os afrodescendentes que não são descendentes diretos de indivíduos que foram escravizados enfrentam o racismo e a discriminação até os dias de hoje, sendo reconhecido que o seu sofrimento é causado pelo colonialismo e ações que contribuíram para fatores de desigualdades sociais e econômicas pelo mundo⁹.

Como resultado desta histórica e contínua imigração, a população africana e afrodescendente em Portugal é numerosa, porém difícil de quantificar, já que as estatísticas de imigração e o controle de estrangeiros residentes no país não conseguem mensurar dados e considerar a alta parcela da população que possui nacionalidade portuguesa (Vasconcelos, 2012). Entretanto, há diversas discussões e ações atuais realizadas na sociedade portuguesa em favor do contributo do levantamento destes dados¹⁰.

Estas reivindicações por meio de pessoas, coletivos e organizações internacionais que exigem uma coleta de dados já ocorrem há anos e de acordo com estes elementos ter acesso a esses dados: “poderá ser um passo sem precedentes no combate ao racismo e às desigualdades étnico-raciais na sociedade portuguesa”¹¹.

⁹ Referência: United Nations Human Rights Disponível em: <http://www.un.org/en/events/africandescendentdecade/assets/pdf/PAD-final%20for%20NY.pdf>. Acessado em: 21.05.2018.

¹⁰ Em setembro de 2017, ao ser entrevistado pelo site de notícias Público, o ministro adjunto Eduardo Cabrita afirmou que o governo está trabalhando juntamente ao Instituto Nacional de Estatística (INE). Dentre estas ações para exigir o levantamento de dados por parte do estado português, destaca-se como exemplo o documento oficial do *Committee on the Elimination of Racial Discrimination* do ano de 2016 para que no próximo Censos de 2021 seja incluída uma questão sobre a origem étnico-racial da população.

https://www.publico.pt/2017/09/02/sociedade/noticia/governo-quer-que-censos-tenha-dados-etnicos-da-populacao-1784145?fbclid=IwAR2bl9-71pWKifBNSrXF_R1nAbM7nipoWh-CEU7umyrnRVMBkGHIapTCIhI
Acessado em: 13.06.2019

¹¹ <https://bit.ly/331AaRx>. Acessado em: 13.06.2019

A maior parte desta população que sofre as consequências tanto da falta de dados como de manifestações de racismo reside na área metropolitana da cidade de Lisboa em bairros considerados sociais ou de autoconstrução e possuem empregos pouco qualificados e de baixa remuneração. Os homens em geral trabalham na construção civil e as mulheres em trabalhos domésticos ou em empresas de limpeza e restauração. A população mais jovem tende a alcançar qualificações escolares melhores de que seus pais. (Machado, 2008).

Pode-se constatar que os aspectos históricos mencionados tiveram por consequência a distribuição e divisão sistemática cultural e social dentro da comunidade Portuguesa, bem como, na cidade de Lisboa. Nesta lógica, o conceito de assimilação e as divisões em categorias sociais afetam essas identidades minoritárias negras de forma presente nos tempos atuais. De acordo com Deschamps (1987) “Os mecanismos de assimilação, através dos quais os membros de uma categoria são homogeneizados, indiferenciados ou tornados equivalentes, estão particularmente presentes quando os indivíduos categorizados são membros de uma categoria minoritária e de baixo estatuto, como é o caso” (Deschamps, 1987 *apud* Vala *et.al*, 2015: 26).

De acordo com Manuela Cunha (2000: 199) “os mesmos cientistas que fazem as imputações de ingenuidade ao senso comum, consideram que os caracteres visíveis (cor da pele, textura do cabelo) se prestam quase ‘automaticamente’, isto é, ‘naturalmente’, à racialização”. Desta forma, os aspectos naturais continuam presentes nos estudos de ciências sociais, porém organizados diferentemente:

As ‘raças’ são criações sociais e não entidades biológicas, mas os traços fenotípicos fornecem uma base natural em que a cultura investe, constituem uma matéria neutra da qual ela se apropria; os traços físicos são dados fixos e evidentes que a cultura é chamada a interpretar e a transformar em símbolos. E é assim, por via desta incontornável base natural, que somos quase conduzidos ao ponto inicial, quer dizer, à especial dificuldade que enfrentariam as tentativas de combate às classificações raciais (Cunha, 2000: 200).

Desta forma, a altura, a cor dos olhos, a cor do cabelo, entre outros, são traços fenotípicos, igualmente naturais, manifestados e expostos. (...) A aparência física, enquanto matéria-prima para as classificações raciais, não é terreno neutro, já que a própria saliência de determinadas características físicas é resultado de significados sociais e não do direcionamento ‘natural’ da percepção humana. Sendo assim, o recurso a determinados traços físicos em detrimento de outros não institui um fenómeno natural, mas provém de sistemas ideológicos que devem ser historicamente centrados. Avaliar a aparência física como um suporte meramente “biológico e a-histórico” é desconsiderar que foram ideologias ocidentais num certo período histórico que determinaram características físicas como mais importantes do que outras para apontar diferenças, e colaboraram assim, para a sua visibilidade. (Cunha, 2000)

Um dos fenômenos associados ao efeito de categorização é a acentuação, ou seja, a sobrestima, por parte do observador. Isto acontece a partir do entendimento de semelhanças entre indivíduos e objetos que pertencem à mesma categoria - efeito de assimilação - e das diferenças entre indivíduos e objetos que pertencem a diferentes categorias - efeito de contraste. (Tajfel, 1981/1983). Uma das formas de categorização, é, portanto, responsável por gerar efeitos de contraste entre os grupos sociais é a diferença visível de raça, e daí advém o termo “racismo”. Este termo indica uma teoria que pode ser resumida em duas afirmações: “1. Que existem raças humanas biologicamente diferentes, e, portanto, desiguais; 2. Existe uma relação necessária entre essas características biológicas e esses comportamentos individuais”. (Marques, 2004: 4).

Em estudos baseados em amostras na cidade de Lisboa, Vala, Brito e Lopes (1999) afirmaram que a atribuição de diferenças constitui, de fato, uma forma de preconceito expresso em crenças racistas organizadas da mesma forma que os demais países europeus. Um padrão de racismo flagrante e um padrão de racismo sutil pode ser observado. Estes resultados também demonstravam que a percepção de diferenças entre o endogrupo (portugueses) e os imigrantes negros estava relacionada com a escala de racismo flagrante. Os autores também constataram a existência de uma metapercepção por parte de jovens negros que são vistos como culturalmente diferentes e estava correlacionada com a sensação de discriminação. Estes resultados possibilitaram definir diferenças culturais a exogrupos minoritários como um processo de “hetero-etnicização”, um processo onde é atribuído implicitamente uma cultura inferior a esses grupos, em relação ao endogrupo que é considerado “universal” e não uma “etnia particular”. Essas diferenças culturais atribuídas a exogrupos são geralmente a diferenciação avaliada de forma implicitamente negativa e pode ter consequências comportamentais. Tendo em vista que esse processo poderia ser compreendido no âmbito da mudança de expressões de racismo nas sociedades democráticas, no âmbito da transformação do racismo biológico para racismo cultural, os autores buscaram então demonstrar que a atribuição de diferenciação se trata de uma dimensão do preconceito racial, que é paralela à “infra humanização” e à “ontologização”. Ainda se observa uma medida de avaliação (positiva vs. negativa) dos negros e uma escala de racismo que estimava a crença geral de que os grupos humanos são intimamente desiguais a nível biológico e cultural e de que existem grupos superiores a outros. (Vala; Brito e Lopes, 2015).

De acordo com uma pesquisa de 2017 do programa de investigação *Atitudes Sociais dos Portugueses*, com dados do *European Social Survey* que entrevistou 30 mil pessoas com mais de 15 anos, em 20 países, Portugal expõe um alto índice de racismo. Mensurando o racismo biológico (com as perguntas: “acredita que há raças ou grupos étnicos que nasceram menos inteligentes do que outros? Acha que há raças ou grupos étnicos que nasceram mais trabalhadores do que outros? ”) e o racismo cultural (“pensando no mundo hoje, diria que há culturas muito melhor do que outras ou que todas as culturas são iguais?”) Os entrevistados em Portugal têm dos índices mais elevados de crença nos dois

tipos de racismo: 52,9% no biológico e 54,1% no cultural, tendo em vista que a média europeia é de 29,2% e 44%, respectivamente¹².

Vala e Lima (2004), também, definem as expressões de racismo em duas formas: racismo simbólico e o racismo moderno. Na perspectiva do racismo simbólico as atitudes contra os negros decorrem menos das ideias de que estes representam uma ameaça econômica, mas sim, uma ameaça simbólica, aos valores e à cultura dominante. Sendo assim, os negros são percebidos como infratores dos valores que mantém o *status quo*. Já o racismo moderno, da mesma forma que o simbólico reflete a percepção de que os negros estão ganhando mais do que merecem e infringindo valores importantes para os brancos. (Vala e Lima, 2004)

No estudo realizado em Portugal mostra-se que a percepção de diferenças culturais não é uma descrição neutra de diferenças, mas uma avaliação negativa da diferença, e que, quanto maior é a diferença percebida entre brancos e negros, maior é a orientação para a discriminação dos negros nas políticas sociais e para a restrição dos direitos sociais e de cidadania política dos imigrantes negros. (Vala e Lima, 2002: 182)

De acordo com Allport (1954), o contato interpessoal pode impedir a generalização de todos os membros de uma determinada categoria minoritária do seu conjunto de características, por vezes negativas e relacionadas a essa categoria. Pode, desta forma, colaborar para diminuição do preconceito. Logo, o contato interpessoal pode impedir a atribuição de traços estereotípicos e auxiliar a particularização ou construção de informação individualizante sobre membros de exogrups¹³, como a atração baseada na semelhança. (Allport, 1954 *apud* Vala *et.al*, 2015)

Autores que trabalharam com estudos raciais (Katz & Braly, 1933/1935) consideram os estereótipos como um fenômeno sociocultural, ou seja, são crenças transmitidas por meio dos agentes de socialização (família, escola, meios de comunicação social etc.). Assim sendo, os fatores externos também são responsáveis por construir e desconstruir imagens mentais e sociais que estão presentes na sociedade. Por outro lado, Lippman (1922/1961) conceitua a palavra “estereótipo” como sendo a rigidez das imagens mentais, principalmente quando diz respeito aos grupos sociais com os quais há pouco ou nenhum contato. Estas imagens mentais se interpõem de forma enviesada entre o indivíduo e a realidade. Sendo assim, os “estereótipos” são formados a partir do sistema de valores do indivíduo,

¹²Fonte: http://www.ardina.news/article/2017_09_02_370212770_portugal-e-dos-paises-da-europa-que-mais-manifestam-racismo Acesso em: 13.06.2019

¹³ Exogrups: São os grupos externos. A avaliação positiva do próprio grupo é correlata à avaliação negativa dos grupos externos. Esse viés na avaliação do endogrupo e do exogrupo parece ser um componente fundamental na constituição da identidade social e tende a se manifestar quando ocorre qualquer diferenciação, por mínima que seja, entre o endogrupo e o exogrupo. A explicação para este fenômeno assenta-se na suposição de que a pessoa em geral mantém contatos bem mais intensos com os membros do próprio grupo, o que faz com que desenvolvam uma visão bem mais complexa a respeito dos que grupos em que transitam do que sobre os grupos externos. Fonte: Walter (1985). Disponível em: <https://estereotipos.net/tag/exogrupo/> acesso em: 22.05.2018

tendo como objetivo sistematizar a realidade vigente que é demasiada complexa para ser compreendida (Lippman, 1922/1961).

Da mesma forma Gans (2005) determina como "etnicidade simbólica", os traços étnicos mantidos após a entrada no *mainstream*, da diluição por meio da aculturação; e as imagens e narrativas do coletivo reinventadas por meio das gerações subsequentes. Com o início da terceira geração, as questões étnicas se transformaram em memórias ancestrais, de forma exótica, de forma identitária a serem expostas voluntariamente, sem relação direta com as condições socioeconômicas precárias que de fato caracterizam as populações imigrantes. Essa etnicidade simbólica é definida por uma fidelidade nostálgica à cultura ancestral, um orgulho por esta tradição que pode ser sentida automaticamente sem necessariamente ser incorporado na vida quotidiana dos indivíduos. Bem como, por meio da celebração desde consumos culturais a cerimônias/gastronomia e participação coletiva/política (Idem: 910).

Sendo assim, todos os aspectos históricos apresentados parecem estar sendo determinantes e sistematizam a visão acerca da sociedade portuguesa e em especial da cidade de Lisboa. Acredita-se que indivíduos jovens afrodescendentes, estudantes e trabalhadores possam sofrer consequências de um sentimento de exclusão na construção de suas identidades, fruto do racismo biológico e cultural que acompanha a sociedade portuguesa moderna, podendo repercutir na inserção dessa população no ambiente de ensino superior.

2.1 O negro na educação superior em Portugal

Um dos fluxos desenvolvidos ao longo do período colonial é marcado com a vinda de jovens das colônias portuguesas para Portugal com o objetivo de frequentar e concluir o ensino superior. A 2ª. fase deste fluxo, que representa também os tempos atuais, se inicia após a independência das colônias portuguesas em África, juntamente com a transição para o regime democrático. A partir destes acontecimentos, a presença de jovens estudantes de origens africana, em sua maioria negros, continua a ser frequente no ensino superior, de forma diferente à fase anterior (1ª. fase). (Costa e Faria, 2012; Pedreira, 2013; Alves, 2015)

Com os eventos da significativa imigração africana ao final da década de 80, as escolas portuguesas, especialmente da Área Metropolitana de Lisboa (onde estão grande parte dos alunos), ficaram expostas a vários desafios, visto que um número crescente de crianças e jovens imigrantes entraram no sistema de ensino. Através disso, foram originadas iniciativas de cunho pedagógico que tinham como objetivo percorrer o percurso escolar destes indivíduos. Essas iniciativas têm como objetivo proporcionar a inclusão escolar dirigidas a esses alunos. Apesar destas iniciativas, os efeitos do contexto histórico da colonização, deu lugar a um racismo camuflado na sociedade portuguesa. A autora Henriques (2018), dá início ao capítulo que trata da temática da educação na sua obra “Racismo no país dos brancos costumes” com a seguinte ideia:

Nada revelará de forma tão escancarada as desigualdades raciais como o sistema de educação, punitivo por definição para quem não arranca do mesmo ponto de partida na escada social. (...). De uma perspectiva institucional e estrutural, o racismo no sistema de ensino atravessa a sala de aula ao determinar quem está onde, e chega às mensagens transmitidas pelos livros. Da escola em que estudamos – se tem bons meios e bons professores – ao lugar onde está se situa – se está num território segregado e com privações várias -, muito interfere no que irá ser o percurso escolar e, por consequência, profissional de cada pessoa (Idem: 109).

Para a autora, o racismo no sistema de educação começa desde cedo, desde a forma como as crianças socializam o olhar para a diferença como um defeito¹⁴. O professor que deixa os seus preconceitos se sobressaírem na forma como trata os seus estudantes, bem como nos manuais escolares onde uma menina branca não precisa lidar com a ausência de representatividade, ao contrário da menina negra, estudante, que tem a sua representatividade definida por subalternidade com posições sociais discriminatórias e estereotipadas. (Henriques, 2018)

A ausência de um sistema de educação multicultural/intercultural é uma problemática presente em Portugal. O autor Ford (1989, s/p) define o conceito da seguinte forma: “Educação multicultural é a educação que se empenha na criação de um meio educacional no qual estudantes de uma variedade de grupos micro culturais (i.e, raça e etnia, gênero, classe social e excepcionalidade) têm a experiência da igualdade educacional”. De um modo bastante similar, outros autores Cortesão & Pacheco (1990) colocam os dois conceitos da seguinte forma:

A educação multicultural é entendida como uma constatação da presença de diferentes culturas num determinado meio e da procura de compreensão das suas especificidades, enquanto que a intercultural é vista como um percurso agido em que a criação da igualdade de oportunidades, através de uma interação crescente, o seu enriquecimento mútuo (Idem: 34)

A escola portuguesa dos tempos atuais não parece estar orientada para valorizar as minorias presentes no processo educativo, pois não são consideradas as necessidades e os interesses dessas culturas etnicamente e socialmente minoritárias. Há um crescente número de evidências, que mostram de forma mais ou menos explícita que a escola é responsável pelo aumento de um sistema característico hegemônico da cultura dominante e consequentemente, a diminuição simbólica (coletiva) das culturas minoritárias. Diversas circunstâncias relacionadas aos fatores históricos contribuíram para que o sistema de ensino português se tornasse pluricultural, e até a atualidade esses problemas sociais continuam a ser presentes nas práticas educativas. (Cortesão & Pacheco,1990)

¹⁴ Francisco Noa em *Racismo em Português. O lado esquecido do colonialismo* – “O racismo é transformar a diferença em defeito”. Henriques, 2016.

Em um estudo que compara os níveis de escolaridade dos descendentes de imigrantes africanos em Portugal com os seus pais e mães, observa-se que os descendentes de imigrantes africanos têm globalmente um maior nível de escolarização do que os seus pais e mães. Além do fato de seus pais e mães serem analfabetos, mais de 60% deles não concluíram o 2.º ciclo do ensino básico. Entre uma minoria que atingiu o ensino superior, os jovens são uma quantidade maior que os seus pais e mães, o que significa que, além de haver uma reprodução escolar entre as gerações (Machado *et.al*, 2005). Sendo assim, o pano de fundo social não é apenas, de jovens que realizam o seu percurso académico até à universidade com pais menos escolarizados do que eles, e que da mesma forma estudaram só quando eram crianças ou até mesmo ao longo do processo até a juventude, é de família onde pais e/ou mães e filhos se encontram juntos em certa fase do sistema de ensino, algo que gera efeitos de influência mútua positiva, considerando que esta união de fatores, ela própria já se trata de um exemplo do efeito intrafamiliar. (Machado *et.al*, 2003)

Os dados do perfil do aluno mais atuais do DGEEC (Direção Geral de Estatísticas de Educação e Ciência) de 2016/2017 mostra a percentagem de alunos inscritos no ensino superior em Portugal distribuídos por sexo e país de nacionalidade estrangeira (os 20 mais frequentes). Os dados evidenciam que os imigrantes dos PALOP representam: 8,8% total de Angola, 6,6% de Cabo-verde, 2,5% de São Tomé e Príncipe, 2,0% de Moçambique e 1,4% do Guiné-Bissau. Ao contrário da pesquisa anterior, a representatividade de homens inscritos desses países é maior do que a de mulheres.

O modelo ecológico-cultural desenvolvido por Gibson and Ogbu (1991) defende que o desempenho escolar das minorias é determinado por dois conjuntos de fatores: o tratamento com o qual as minorias, em grande parte, os imigrantes africanos tem que lidar no ambiente escolar e na sociedade em geral e, as dinâmicas das comunidades minoritárias (crenças, atitudes e comportamentos no domínio da educação). Logo o insucesso escolar é uma consequência das baixas expectativas de recompensa desse esforço educacional tendo em vista um contexto discriminatório, o incentivo do pensamento oposicionista e à disseminação da ideia de que o sucesso escolar requer: “agir como um branco” (*acting White*) (Fordham e Ogbu, 1986). Outros estudos, também afirmam que existe uma espécie de vantagem ao acesso destes mesmos grupos nativos, isto quando as suas condições sociais são da mesma forma desfavorecidas, mas os desempenhos escolares são elevados (também chamada de *net black advantage*), cenário recorrente em casos de afro-americanos, filhos de imigrantes negros e filhos de imigrantes hispânicos. Isto porque quando o desempenho escolar e a origem social são elevados, os grupos demonstram uma maior possibilidade de realizar escolhas mais arriscadas dentro do cenário educativo quando comparado aos demais grupos. (Bennett & Lutz, 2009; Fischer, 2007; Jackson, 2012).

O estudo realizado por Cabecinhas (2003) com alunos do ensino superior de diversas regiões de Portugal teve como objetivo averiguar o estatuto social e numérico percebido por quatorze grupos na sociedade portuguesa, designados em função da sua origem nacional, geográfica e/ou grupo étnico (angolanos, brasileiros, cabo-verdianos, ciganos, guineenses, indianos, macaenses, moçambicanos,

portugueses, são-tomenses e timorenses) bem como função da cor da pele (brancos, negros e mestiços. Seus resultados demonstraram que:

Aos brancos é atribuído um estatuto social significativamente mais elevado ($M = 57.30$) do que o atribuído aos mestiços ($M = 35.32$). Por sua vez, aos negros ($M = 29.86$) é atribuído um estatuto social significativamente mais baixo do que aos dois primeiros grupos. Isso demonstra uma hierarquização dos grupos em função da cor da pele: aos brancos é atribuída uma posição superior e aos negros uma posição inferior, sendo atribuída aos mestiços uma posição muito mais próxima dos negros do que dos brancos. Quanto às designações numéricas baseadas na cor da pele, aos brancos foi atribuído o estatuto maioritário (75.32 %), seguido dos negros (18.84 %) e dos mestiços (10.16 %) (Idem: 18;20).

De acordo com Cabecinhas (2003) as respostas dos participantes remeteram para uma ‘naturalização’ ou ‘essencialização’ das categorias raciais e étnicas (Allport, 1954/1979; Rothbart e Taylor, 1992), ou seja, os participantes consideraram as características culturais como intrínsecas as características físicas relacionadas à hereditariedade. Ressalta-se a centralidade da cor da pele na categorização dos grupos sociais, bem como sua forte associação com a questão da nacionalidade (por exemplo: português, logo branco).

Vala *et.al* (2003), realizou um estudo a respeito de jovens “negros” origem nos PALOP, percorrendo os contextos das transições escola e trabalho, as percepções acerca da discriminação e da justiça, bem como as noções de identidades. Como resultado desta pesquisa, foi possível observar um cenário presente de desvantagem socioeconômica, a representação de um conjunto de valorização ambiente-escola, sucesso escolar reprimido, início precoce ao mercado de trabalho, bem como acúmulo de atividades estudantis e laborais. (Ferreira, 2008)

O caráter dos conteúdos relativos às aspirações é determinado etnicamente por uma estereotipização expandido por meio de grupos de pares co-étnicos, onde os jovens decidem as suas ideias de sucesso, bem como suas ambições com base em imagens estereotipadas atribuídas ao seu grupo étnico de origem. Observa-se que entre os jovens "brancos", há uma forte amplitude e flexibilidade, enquanto os jovens negros buscam formular suas aspirações de evitamento do insucesso. (Kao, 2000)

Estes estudantes em Portugal, em grande parte são imigrantes e filhos destes, muitas vezes nascidos no país e chamadas "segundas gerações" ou "filhos de imigrantes". O inconveniente desta geração é que estes designaram as populações a partir da experiência migratória dos seus pais e/ou avós, implicando que a experiência social destes últimos continua a influenciar o seu destino social. Além disso, os filhos se tornaram a objetificação da existência dos pais, visto que estes são observados e abordados retrospectivamente. (Gomes, 2013). Trata-se da criação de uma nova geração artificial de imigrados, tendo em vista que parte destes jovens nunca realizou uma trajetória migratória. Sendo assim, uma “exterioridade por continuidade genealógica” é imputada nestes jovens. (Rudd e Evans, 1998)

Para compreender os resultados dessa segunda geração e seu caráter segmentado, no entanto, é necessário aprofundar-se no significado dos modos de incorporação do ponto de vista destes jovens imigrantes. Sendo assim, existem três características dos contextos sociais observados pelos recém-chegados da atualidade que criam vulnerabilidade ao contexto de assimilação descendente. A primeira é a questão da cor, a segunda é a localização e a terceira é a ausência de escadas de mobilidade. Grande parte dos imigrantes contemporâneos não são brancos. Por mais que essa característica possa, à primeira vista, parecer uma característica do indivíduo, de fato é uma característica que pertence à sociedade que os recebe. O preconceito não é inerente a uma determinada cor da pele ou tipo racial e, muitos imigrantes nunca tiveram estas experiências em suas terras nativas (Portes & Zhou, 1993).

As diversas literaturas sobre as diferenças raciais e étnicas nas crenças dos alunos tem consistentemente demonstrado que tanto os estudantes negros quanto os latinos têm expectativas mais altas do que os brancos. Entretanto os pesquisadores ainda discutem se as crenças dessas respectivas minorias melhoram as suas ideias de realização. Além disso, alguns estudos recentes consideraram se a diversidade racial e étnica de professores e alunos das escolas afeta também as crenças dos alunos. Acredita-se por meio de estudos, que o mix de alunos das escolas, acaba por moldar os valores, expectativas, atitudes e comportamentos destes, independentemente de seu respectivo background racial. (Goldsmith, 2004 *apud* Alwin e Otto, 1977; Coleman *et al.*, 1966; Gamoran, 1992).

Sendo assim, o próprio contexto escolar também pode tornar as crenças dos alunos mais ou menos eficazes a depender do ambiente. Um outro exemplo disso é do autor Foster (1990, 1997) “que argumentou que os professores negros são professores particularmente eficazes para os estudantes negros por causa de suas mensagens políticas que transmite aos seus alunos”. (Idem: 123;141) Em Portugal, em virtude da ausência de dados étnico-raciais, conforme já mencionado, não é possível comprovar qual é a representatividade (%) de negros na academia, entretanto, por meio de notícias é possível compreender que a realidade é de uma quase presença nula. As palavras da professora Inocência Mata a respeito desta realidade: “Entre os académicos, conheço pessoas que respeito que falam da desigualdade de género, mas não lhes passa pela cabeça que igualmente tão grave é a desigualdade étnico-racial. A presença de negros na academia é nula. Isto é um grande problema, mais grave porque acontece na academia”¹⁵. (Henriques, 2017:6)

Um exemplo disto são os dados da instituição ISCTE que apesar de não realizar um tratamento de dados pessoais que revelem a origem étnica de seus estudantes, é possível perceber a presença (%) de alunos com nacionalidade dos PALOP por meio de seu estudo. A cada ano letivo a instituição ISCTE realiza esse estudo com base em um inquérito aplicado aos novos alunos dos 1º. e 2º. Ciclos da instituição tanto de licenciatura quanto de mestrado. De acordo com o relatório matricularam-se 1003 novos estudantes do 1º ciclo no ano letivo de 2018/2019 e no mesmo ano letivo, inscreveram-se 997

¹⁵Fonte: http://saladeimprensa.ces.uc.pt/ficheiros/noticias/17976_Publico_Porto-20170909_racismo.pdf
Acessado em 30.06.2019

novos estudantes no 2º ciclo de ensino. Deste total de 2000 estudantes dos 1º. e 2º. ciclos, 1896 responderam ao inquérito, correspondendo a 94,8% do universo.

Quadro 1. Caracterização sociodemográfica – PALOP

Nacionalidade		Universo		Amostra	
		N	%	n	%
Portugal		1675	80,8%	1612	82,5%
PALOP	Angola	24	1,2%	19	1,0%
	Cabo Verde	17	0,8%	15	0,8%
	Guiné	2	0,1%	1	0,1%
	Guiné-Bissau	18	0,9%	15	0,8%
	Moçambique	9	0,4%	7	0,4%
	São Tomé e Príncipe	4	0,2%	1	0,1%
Brazil		92	4,4%	83	4,2%
EU		80	3,9%	74	3,8%
Outros		153	7,4%	127	6,5%
TOTAL		2074		1954	

A representatividade de estudantes vindos da Angola (32,4%) é a maior quando comparado aos demais países dos PALOP. Na sequência temos Guiné-Bissau (18%) e Cabo Verde (17%), que possuem uma representatividade significativa dentro do cenário PALOP de estudantes no ISCTE-iul.

O que acontece no ensino superior é um reflexo do que acontece em todos os níveis de ensino no estado português. Como exemplo, outros resultados mostram que os alunos cabo-verdianos são aqueles que apresentam taxas mais elevadas de insucesso nos três ciclos de ensino obrigatório. (Casa-Nova, 2002,2003,2004b). As razões explicativas para esse fenómeno residem no fato destas minorias migrantes, em sua maioria negros, por motivos de ordem cultural e social de um sistema maioria/minoria, terem se transformado em minorias étnicas que tiveram que lutar e desenvolver estratégias de sobrevivência dentro de uma sociedade de “acolhimento”, onde o modo de vida é desigual (Machado, 2002). Isso pode ser operacionalizado por atividades de sensibilização (Sarup, 1991), de educação multi/intercultural ou a favor da cidadania (Gillborn, 1995), que envolvem a dinâmica ‘raça’/poder e promovem sobretudo a necessidade de compreender o “outro”. (Maeso e Araújo, 2013).

Sendo assim é possível compreender que as noções de "racismo", bem como "racismo institucional" pressupõem o conceito de um sistema discriminatório com base na diferenciação étnica e multiculturalidade que ultrapassa a internalidade individual e decorre de aspectos estruturais a nível cultural, social e económico. Essas definições são estruturas rígidas que moldam os ambientes de

indivíduos de uma minoria étnica que enfrentam desafios de convivência todos os dias, neste caso, no cenário Português.

2.2 O Racismo Institucional

O conceito de racismo institucional foi abordado por diversos teóricos que se aprofundaram nas questões dos estudos raciais. De acordo com Jones (1997), o racismo institucional pode ser descrito como estruturas e processos institucionais organizados de forma a promover a desigualdade racial. Sendo assim, se trata de um efeito e consequência de determinadas organizações e modelos sociais que foram solidificados ao longo dos anos. Logo, esses efeitos são visíveis em todos os cenários e ambientes, incluindo o espaço acadêmico. Para Jones (1997): “Esses efeitos são difundidos em toda a cultura por meio de estruturas institucionais, crenças ideológicas e ações cotidianas pessoais, dos indivíduos dentro de uma determinada cultura, e esses efeitos são transmitidos de geração em geração” (Jones, 1997: 472).

Para outros autores, o racismo institucional representa "o fracasso coletivo de uma organização em fornecer um serviço adequado e profissional às pessoas por causa de sua cor, cultura ou origem étnica". Isto pode ser observado através de processos e comportamentos que possuem como efeito a discriminação por meio de preconceito inconsciente, irreflexão e estereótipos racistas que acabam por prejudicar as minorias étnicas¹⁶ (MacPherson, 1999: 28, *apud* Gillborn, 2005: 498).

O racismo institucional pode ser determinado em três níveis de uma organização: o extra-organizacional, o intra-organizacional e o individual. No nível extra-organizacional, o racismo institucional demonstra a relação de reciprocidade entre as organizações e o seu ambiente externo. Já, no nível intra-organizacional, o racismo institucional atua através das políticas, clima e procedimentos internos de uma organização. Nisto, por exemplo, se incluem os relacionamentos entre os funcionários, que estão enraizados em hierarquias formais e informais, bem como as relações de poder. Por fim, no nível individual, o racismo opera através de atitudes, crenças e comportamentos dos funcionários. (Griffith *et.al*, 2007)

A diferença entre racismo individual e racismo institucional pode ser definida da seguinte forma: O "racismo" consiste em condutas ou palavras ou práticas que beneficiam ou prejudicam as pessoas devido à sua cor, cultura ou origem étnica. Na sua forma mais sutil, é tão prejudicial como na sua forma aberta. Já o "Racismo Institucional" consiste no fracasso coletivo de uma organização em fornecer um serviço adequado e profissional às pessoas por causa de sua cor, cultura ou origem étnica. (Anthias, 1999)¹⁷

Sendo assim, se trata de um fracasso coletivo que permeia a sociedade tanto no nível individual quanto no institucional, secretamente ou abertamente que deriva das características estruturais de uma

¹⁶ Livre tradução.

¹⁷ Definição retirada do “The Macpherson report” e citado pela autora.

sociedade capitalista. Envolve a dominação de classe dos brancos sobre os negros. (Carmichael & Hamilton 1968; Sivandandan, 1974)

Para a autora Anthias (1999) a questão principal que deve ser observada é que algumas das maneiras pelas quais o racismo atua é por meio dos aspectos tomados como certos, por uma determinada cultura étnica de forma mais ampla, e em conjunto com constructos e identidades baseados em classe e em gênero. Desta forma, se o racismo é mais do que um produto da categorização racial e de categorização étnica, não é necessário perguntar quais ações sociais são estruturadas em termos de 'raça' (isto é, motivadas racialmente):

Uma prática racista, além de ter facetas explícitas racistas ou etnocêntrica, pode ser qualquer prática que produza efeitos racistas e onde marcadores étnicos se correlacionam com tratamento diferenciado. Entre outros fatores, isso pode ser um produto de: Procedimentos que podem levar a processos e políticas que afetam diferencialmente os grupos étnicos minoritários, servindo para prejudicá-los ou excluí-los. (...) Falha em fornecer oportunidades de capacitação em que questões de proficiência em idiomas e conhecimentos internos de informação privilegiada podem ser aspectos de inclusão. A falta de tais oportunidades para adquirir habilidades pode se tornar a base para práticas que produzem efeitos racistas – ie, levar ao assédio, discriminação, falta de direitos legais ou exclusão de oportunidades ou alocações¹⁸. (Anthias, 1999: s/p)

Por outro lado, o autor Miles (1989) afirma que é difícil distinguir entre os efeitos da desigualdade de classes, desigualdade de gênero e racismo. Por este motivo ele não concorda com o termo "racismo institucional" ou a ideia de racismo como um resultado. Logo, ele prefere enxergar o racismo como uma ideologia. (Miles, 1989). Logo, tornou-se evidente que os aspectos institucionais da discriminação são, ao mesmo tempo, os mais ardilosos em seus efeitos e os mais complexos de identificar e eliminar. Isto porque a discriminação institucional não é necessariamente uma questão de intenção ou consciência individual, visto que, uma organização pode ser explícita e genuinamente comprometida com a eliminação da discriminação em suas próprias operações e, ainda assim, continuar a funcionar de maneiras que são discriminatórias em efeito. Sendo assim, as práticas de um determinado sistema organizacional podem continuar a resultar em discriminação, apesar do fato de que suas políticas proíbem especificamente e há uma completa ausência de intenção de discriminar. (Fiman, 1976)

Talvez a essência do problema, e fundamental para que haja compreensão a respeito do racismo institucional, seja a reflexão acerca de que o mesmo serviço para todos deveria equivaler a um serviço de maneira igual para todos. Isso pode ser consequência de uma genuína ignorância, um fracasso deliberado de se envolver com a diversidade, ou de estar em muito sobrecarregado pelas dificuldades para cuidar de uma população multiétnica em que a prestação de um serviço genérico é vista de forma

¹⁸ Livre tradução.

mais fácil. O resultado, entretanto, é o mesmo e os serviços obscurecem seus fracassos em atender às necessidades das minorias étnicas, assumindo que tratam todos da mesma maneira. Na realidade, isso quer dizer que os serviços são organizados, por padrão, de acordo com uma "norma branca" e não reconhecem a diferença e a diversidade. Há então uma suposição subjacente, e errada, de que políticas e procedimentos são igualmente apropriados por todos. (Atkin, 2014)

Os efeitos da discriminação e da segregação dentro de um determinado modelo social possuem como consequência o agrupamento em comunidades. Isto é aspecto visível em diversos ambientes, desde de zonas de moradia, locais de entretenimento e para prática de esportes e também dentro do ambiente educacional. Kelly (1966) e Ley (1974) apontam especificamente para a importância do sistema comunitário que possui ao fornecer aos indivíduos uma diversidade de papéis e oportunidades de status e de transmitir um sentido de importância a seus membros. Em um nível individual, os membros de uma determinada comunidade trazem para essa interação o seu conhecimento, estratégias de resolução de problemas, auto atitudes (por exemplo, autoestima, confiança, etc.) e estilos comportamentais. Sendo assim, a capacidade de os sistemas sociais responderem de forma flexível às necessidades das diversas populações é o que determina a eficácia desses sistemas. Assim, a inflexibilidade leva à eficácia diferencial. O termo "eficácia" é aplicado às muitas funções dos sistemas sociais, como exemplo, o fornecimento de serviços como: saúde, educação e recreação, ou até mesmo a garantia de estabilidade econômica através de emprego significativo. A clarificação dessa abordagem para descrever o racismo institucional pode ser obtida pela compreensão do que se entende por eficácia diferencial em vários sistemas sociais (isto é, moradia, educação, emprego e saúde mental). Esses sistemas são relevantes visto que a eficácia diferencial leva a baixa renda, subemprego e níveis educacionais limitados, e têm consequências devastadoras para os indivíduos de minorias, famílias e suas determinadas comunidades (Barbarin, 1976).

López (1999) desenvolveu uma teoria que recorre a uma análise institucional dentro da sistemática do racismo, que ele denomina de *New Institutionalism*. Este “Novo Institucionalismo” postula que práticas sociais ou padrões frequentemente são repetidos e não examinados e ao mesmo tempo estruturam e dão sentido à interação humana. Essa afirmação tem componentes cognitivos, e culturais. No nível cognitivo, a análise institucional postula isso por meio da operação de vários processos mentais e padrões de atividade frequentemente repetidos que assumem relativamente rápido um status, similar a uma regra, de tal modo que eles são espontaneamente seguidos e interrompidos apenas com dificuldade. De outra forma, o *New Institutionalism* argumenta que, em um grau significativo, o comportamento humano não é conscientemente motivado, ou pelo menos não em primeira instância, mas, em vez disso, deriva da repetição desconsiderada de rotinas cognitivamente familiares. Para o autor a análise institucional postula que muitas vezes o indivíduo age de maneira definível sem um propósito conscientemente formulado, simplesmente porque é "o modelo em que é feito". O novo institucionalismo também faz a afirmação cultural de que sequências rotineiras de comportamento acabam por definir a normalidade, ou mais amplamente, a realidade. Logo, os

complexos de ação aceitos tornam-se caminhos para formar juízos sobre o mundo social, ao mesmo tempo em que fornecem os termos pelos quais se age nesse mundo. Essas gramáticas socialmente ordenadas frequentemente repetidas e semelhantes a regras constituem as "instituições" no mundo. No "Novo Institucionalismo", a "Instituição" assume um significado técnico distinto, ou seja, refere-se não a organizações, mas às práticas e conforme López (1999):

Para alguns, o racismo institucional equivale ao racismo intencional nas instituições - isto é, discriminação intencional em contextos formalmente organizados". Outras, refere-se a práticas de raça neutra que impõem efeitos prejudiciais às comunidades minoritárias, independentemente das ações ou atitudes dos tomadores de decisão individuais. Note que o primeiro modelo se concentra em motivações individuais, enquanto o segundo se move na direção oposta, negando a relevância do comportamento individual. Eu rejeito ambas as abordagens. Proponho um modelo de racismo institucional que não se baseia em comportamentos motivados nem descarta completamente o comportamento, mas sim um que enfoca o tipo de comportamento não intencional enfatizado pela análise institucional. Desta forma, o termo "racismo institucional" funciona aqui em ambos os níveis técnico e popular¹⁹.
(Idem: 1727)

Uma educação para a cidadania tradicionalmente oferece um ambiente curricular para a discussão de questões sociais e morais, especialmente aquelas vistas como muito genéricas ou muito controversas para o tratamento dentro das especialidades do assunto (Osler, 2000). Sendo assim, não existem dúvidas de que em algumas escolas, onde os professores aproveitaram a oportunidade para trabalhar com diversas comunidades e desafiar suposições convencionais, a educação para a cidadania pode fornecer parte do contexto para um trabalho antirracista significativo (Gillborn, 2006)

O racismo é um sistema de dominação e desigualdade social. Na Europa, nas Américas e na Austrália, isso quer dizer que uma maioria "branca" (e às vezes uma minoria) encontra-se numa posição dominante face às minorias não-europeias. A dominação é caracterizada como o abuso de poder de um grupo sobre outro, e é representada por dois sistemas inter-relacionados de práticas sociais e sociocognitivas cotidianas, ou seja, por várias formas de marginalização, discriminação, além de atitudes preconceituosas e estereotipadas. O motivo mais simples é que os indivíduos discriminam os outros porque acreditam que os outros são um pouco inferiores, têm menos direitos, etc. O discurso é a prática social que relaciona esses dois campos do racismo, proeminente como as outras, exclusiva das elites e instituições simbólicas. Isso quer dizer que o que elas "fazem" através de textos ou dissertações e o uso dessas como uma maneira pela qual os preconceitos racistas são expressos e reproduzidos na sociedade. Adquiridas através da mídia, livros-texto e conversas diárias com os membros do público, família, conhecidos, amigos ou colegas, conversas que, por sua vez, podem ser baseadas no que as

¹⁹ Livre tradução.

peças veem na televisão ou leem no jornal. O que a maioria das pessoas sabe sobre os países não europeus, sobre imigrantes e minorias, se dá através da mídia, e o mesmo vale para suas opiniões e atitudes, que são a base das práticas sociais de discriminação e exclusão. Desta forma, o processo de produção e reprodução de conhecimentos, opiniões e ideologias deve ser definido principalmente em função das práticas discursivas das instituições dominantes e as suas elites. Isto também se aplica à reprodução de ideologias e práticas racistas. Seguindo essa mesma lógica, isso se aplica, principalmente, à reprodução do antirracismo (Bastida *et.al*, 2006).

Com todas as informações aqui dispostas, continua-se com a reflexão focando a situação do estudante negro numa instituição específica de ensino superior, o ISCTE-iul de Lisboa, alvo do interesse dessa pesquisa.

CAPÍTULO III - PLANO METODOLÓGICO

3.1 Problema de investigação, modelo de análise e estratégia metodológica

A condução deste processo de investigação parte do questionamento de como a transição para o ambiente universitário é expressada por meio dos conteúdos presentes na *timeline* FB de um grupo de universitários negros, jovens nativos digitais, do ISCTE-iul, Lisboa. Esta é: “Em um processo de transição para o ambiente universitário que implica uma socialização numa cultura estudantil marcadamente branca, que formas distintas de expressão e representação identitária são suscitadas por meio da *timeline* do Facebook dos estudantes negros?”.

Desta forma, o objetivo principal é investigar se existem conteúdos/posts presentes na *timeline* destes indivíduos entrevistados que manifestem e expressem esta transição para o ambiente universitário, na percepção destes indivíduos negros, bem como, na interpretação e análises da investigadora deste estudo.

Logo, este estudo terá como alicerce a divisão em dois períodos de análise:

1º. Período: anterior a vida acadêmica do indivíduo;

2º. Período: quando o indivíduo já está no meio acadêmico, cursando o ensino superior.

A partir do objetivo principal, foram desenvolvidos objetivos específicos, para possibilitar o alcance do objetivo geral:

- Quais são os conteúdos/temas mais frequentemente expressados através da *timeline* do seu Facebook durante o período universitário e anterior a este e se os entrevistados percebem diferenças?

- Identificar temas/conteúdos que remetam a aspectos de afirmação identitária negra, bem como sua representação de identidade online por meio da *timeline* a partir da percepção destes indivíduos e de que forma são expressados;
- Investigar indícios de conteúdo/temas propositalmente publicados e/ou com objetivos de criticar a sociedade e seus modos de operar?

Diante do status de minoria dos indivíduos negros, da ausência de estatísticas oficiais acerca de sua representatividade na sociedade portuguesa, faz-se necessário investigar os indícios de estereótipos, práticas racistas e preconceitos sofridos por essa população de forma implícita ou explícita na sociedade de Lisboa. Tendo como base teórica, os autores mencionados e as reflexões trazidas e apresentadas com destaque até o momento, pretende-se por meio de desenho de pesquisa qualitativa que terá como base o material entrevistas realizadas em profundidade e de análise de conteúdo da *timeline* dos estudantes universitários negros participantes. Para tanto, a metodologia *Scroll Back* foi eleita como inovadora e pertinente, pois sua organização e aplicação permitem analisar se existem fatores que evidenciem essa transição de indivíduos negros para o ambiente universitário por meio do estudo das expressões e de *self-representation* em sua *timeline* presente no Facebook.

Sendo assim, o foco será uma rede social específica, o Facebook, que permite uma análise cronológica da *timeline*. Além disso, se trata de uma rede social com múltiplas funcionalidades, desde notícias, textos, fotos, vídeos o que possibilita que diversos conteúdos possam ser compartilhados e acessados pelos usuários a depender dos objetivos específicos de cada indivíduo. Logo, o uso da ferramenta será objeto determinante no momento da escolha dos entrevistados para esta investigação. A compreensão destas formas de expressão identitárias e do *self* por meio das redes sociais neste estudo é baseada na utilização de linguagens e imagens, via postagens na *timeline* do Facebook que podem remeter a atitudes expressadas de formas variadas. Algumas das características para escolha da amostra foram: categoria étnico-racial (entrevistado deve se auto perceber e/ou auto classificar como negro), estar cursando o ensino superior no ISCTE-iul e possuir perfil no Facebook por mais de 3 anos. Foi utilizado o modelo bola-de-neve com objetivo de facilitar a realização das entrevistas.

Optou-se por entrevistar estudantes universitários, um público majoritariamente mais jovem, e “nativos digitais”, visto a necessidade de haver envolvimento e literacia digital para que seja possível alcançar os resultados. As definições e debates a respeito da origem dos nativos digitais iniciaram nos anos 90 quando começaram a surgir comentários a respeito de uma distinção entre os jovens daquela época, seus pais e professores. (Corrin *et.al*, 2010: 643). O termo apresentado por Prensky (2001a) é o mais referido e citado quando discutidas as características desta geração. Para este autor, os jovens são nativos digitais, pois compreendem as linguagens digitais de forma nativa, da internet, computadores e jogos digitais. Caracterizam-se pelas diferenças que apresentam quando comparados com a geração anterior, visto que são a primeira geração a crescer *pari passo* com as novas tecnologias. Logo seu

pensamento e processamento é diferente dos seus antecessores. Prensky (2001b) afirma que essa geração recebe a informação de uma forma veloz, preferem uma linguagem mais visual aos textos, têm prazer em utilizar as novas tecnologias, exigem gratificação e reconhecimento de imediato. Além disso, eles pensam e agem diferente da geração anterior. O autor chega a afirmar que inclusive os seus cérebros são diferentes de seus antecessores em virtude da interação com as novas tecnologias da informação.

Optou-se por estudantes da universidade ISCTE, tendo em vista que a investigadora deste estudo também é uma estudante da escola, logo a facilidade para ter acesso aos entrevistados que será, portanto, de conveniência.

Como argumentado em outros momentos desse projeto, optou-se pela amostra de conveniência utilizando-se do fato de a pesquisadora ter acesso facilitado ao ambiente universitário do ISCTE-iul em Lisboa. Historicamente a cidade de Lisboa se trata do local que estatisticamente recebeu maior imigração de africanos, majoritariamente negros, conhecidos como os PALOP (língua oficial portuguesa – Cabo-verde, Angola, Guiné-bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe), sendo que, em sua maioria os cabo-verdianos possuem maior destaque em termos quantitativos. Além disso, a incidência de imigração de brasileiros para Lisboa também possui representatividade significativa²⁰. Entretanto, diante da ausência de dados objetivos não é possível constatar quantos destes são negros moradores em Lisboa, bem como, negros que frequentam o meio acadêmico. Sendo assim, a base de estudo de natureza geográfica possui uma estrutura sociocultural calçada em fatores históricos de colonização, bem como, das recentes imigrações que construíram manifestações de divisões grupais, racismo, estereótipos e exclusão social. Estes pensamentos sociais ainda são muito expressivos e manifestados pela comunidade de Lisboa.

Procedimentos metodológicos:

Para que seja possível responder à pergunta de partida e atender os objetivos específicos mencionados, optou-se por utilizar o método de análise qualitativa, através dos seguintes procedimentos:

1. Entrevista semiestruturada de forma presencial combinada com os participantes. As entrevistas em profundidade foram realizadas no modo de entrevista semiestruturada, com abordagem indireta, ou seja, será preenchido pela entrevistadora. De acordo com Triviños (1987) a vantagem do modelo semiestruturado é que este “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade (...)” (Triviños, 1987: 152). Logo, esta é a mais adequada para que seja possível atingir os resultados desta investigação. De acordo com o autor Foddy (1996) “As questões abertas permitem aos inquiridos expressarem exatamente o que lhe vem à cabeça sem sofrer influências de sugestões

²⁰ Estudos Regionais – Perfil dos Imigrantes em Portugal por Países de Origem e Regiões de destino. Disponível em: <http://www.apdr.pt/siterPer/numeros/RPER24/24.2.pdf>. Acessado em: 23.04.2018

avancadas pelo investigador. ” (Foddy, 1996: 2). Portanto, quando se trata de uma pesquisa em que as perguntas que serão esclarecidas são de caráter sensível e de viés identitário, a entrevista em profundidade semiestruturada é a mais adequada.

2. Inserção na *timeline* prévia (antes das entrevistas) no perfil de Facebook dos entrevistados para análise de dados/conteúdo das suas postagens públicas e do direito concedido ao pesquisador para tal. Durante a realização das entrevistas em profundidade, a investigadora também solicitará permissão para que seja feita a análise dos conteúdos presentes e postados na *timeline* desses indivíduos e fará questionamentos aos entrevistados. Desta forma, a entrevista será dinâmica e estruturada também a partir das observações previamente identificadas nos conteúdos/temáticas das postagens pela investigadora.

3.2 Scroll Back

A metodologia *Scroll Back* foi criada pelos autores Brady Robards e Siân Lincoln. Estes em 2017, realizaram a publicação de um trabalho que utilizava esta metodologia como forma de explorar o papel potencial do uso sustentado de mídias sociais na pesquisa qualitativa longitudinal (QLR). O projeto de pesquisa explorava o uso sustentado (cinco ou mais anos) do site da rede social Facebook entre jovens na faixa dos vinte anos. O objetivo foi de descobrir como as histórias de "crescimento" são contadas e arquivadas online e como as práticas de divulgação (o que as pessoas dizem e compartilham nas mídias sociais) mudam através do tempo. Estes autores questionam como é possível compreender o "traço digital" inscrito na Linha do Tempo do Facebook, ou seja, da ferramenta da *timeline* como um texto narrativo longitudinal. Para eles, "retroceder" através do Facebook com os participantes como "co-analistas" de seus próprios traços digitais pode contribuir para a tradição de pesquisa longitudinal qualitativa (QLR). O QLR e o método *Scroll Back* atendem a um conjunto similar de preocupações em torno da mudança ao longo do tempo, da profundidade da investigação e da descoberta de narrativas de vida ricas e rigorosas.

De acordo com Thomson (2002) o uso sustentado (mais de 5 anos em nosso estudo), dos perfis do Facebook - ou *timelines*, são constituídos em grande parte por momentos cotidianos ou mundanos, pontuados por "momentos críticos" (Thomson *et al.*, 2002). Esses momentos podem incluir desde sair de casa, abandonar a escola, entrar (e sair) de relacionamentos, aprender a dirigir, lidar com a morte de entes queridos, ir a boates pela primeira vez, e assim por diante.

Sendo assim, quando esses momentos críticos são articulados e se tornam visíveis nas mídias sociais, como o Facebook, e subsequentemente arquivados pela natureza persistente desses espaços (Marwick e Boyd, 2014), eles se tornam marcos-chave em uma história de crescimento mediada destes jovens, bem como uma forma de expressão de sua “self” no meio online.

Como espaços nos quais a identidade é encenada, editada e tornada visível, as mídias sociais, como o Facebook, podem capturar histórias em crescimento por meio de uma crônica de experiências transitórias mediadas. (Robards & Lincoln, 2017: 716)²¹.

Essa metodologia de retrocesso, ou seja, *Scroll Back* funciona por meio do envolvimento dos participantes nesse sistema como co-analistas, para compreender e interrogar esses traços digitais. A "Rolagem" é uma atividade importante para os usuários do Facebook: percorrer o Feed de notícias, os perfis de amigos ou novos amigos em potencial ou, de fato, rolar pelos próprios perfis. Rolagem define como as pessoas usam e gastam tempo no Facebook, um movimento contínuo para trás e para frente, onde os feeds parecem ser infinitos. O método de rolagem para trás foi criado para possibilitar primeiramente visualizar o conteúdo das linhas de tempo de nossos participantes entrevistados, mas crucialmente envolvê-los no processo de pesquisa como co-analistas de seus próprios rastros digitais. (Robards & Lincoln, 2017)

A escolha dos referidos procedimentos leva em conta que as temáticas tratadas devem ser compreendidas como "delicadas" no contexto atual destes entrevistados com necessidade de um entendimento mais amplo e profundo. Logo, através destes métodos acredita-se que será possível obter uma melhor compreensão das questões relativas a construção de identidade no meio virtual, especificamente no Facebook, deste grupo social de acadêmicos que vive em situação de minoria em Lisboa.

De acordo com os autores Ragin e Griffin (1994) a investigação qualitativa proporciona: "tentar ver o mundo através dos olhos deles para percebermos os seus mundos sociais como eles percebem". (Ragin e Griffin, 1994: 31-54). Para Quivy e Campenhoudt (1995) ao utilizar este método de análise qualitativa "instaura-se, em princípio, uma verdadeira troca durante a qual o interlocutor exprime as suas percepções de um acontecimento ou uma situação, a suas interpretações ou a suas experiências" (Quivy e Campenhoudt, 1995: 191).

Após a realização das entrevistas em profundidade, a análise de conteúdo das redes sociais dos indivíduos entrevistados ocorrerá novamente com objetivo de confirmação, análise e recolha dados. Para isso a investigadora solicitará que os entrevistados possibilitem a visualização de suas redes. Tendo em vista que o método *Scroll Back* é recente, não existe ainda um modelo de análise específico e estruturado a ser adotado, logo não haverá a apresentação de uma grelha de análise baseada nesta metodologia. Sendo assim, o modelo de análise de conteúdo será estruturado com base na teoria de Bardin (2006).

De acordo com Bardin (2006):

²¹ Livre tradução

A análise de conteúdo consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. (...) A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)²². (Bardin, 2006: 38)

O autor organiza a análise de conteúdo em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. (Bardin, 2006)

Logo, essas fases acontecem respectivamente da seguinte forma:

- 1) Pré-análise: análise das redes sociais dos entrevistados antes da realização das entrevistas;
- 2) Exploração do material: análise das redes sociais após realização das entrevistas;
- 3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação: análise das redes sociais após a realização das entrevistas.

A partir do segundo item acontecerá a definição dos sistemas de codificação, estas que estarão presentes através das diferentes conteúdos e expressões presentes na *timeline* do Facebook desses indivíduos. E na sequência no item 3, as inferências geradas a partir do momento da exploração, juntamente com as reflexões/interpretações e a análise dos resultados.

3.3 Selecção dos entrevistados e instrumentos de recolha de informação

Foram selecionados 8 indivíduos: 4 homens e 4 mulheres, que atendem aos critérios principais que são: categoria étnico-racial (devem se identificar como negros), estar cursando o ensino superior no ISCTE-iul e possuir um perfil no Facebook há mais de 3 anos. Como mencionado anteriormente, visto que o método utilizado foi “bola-de-neve”, esta é a amostra que foi indicada e se disponibilizou a participar deste estudo.

A escolha da análise ser com um grupo de universitários negros se deve à necessidade de medição dos conceitos teóricos apresentados anteriormente, tendo em vista às condições sociais e a baixa representatividade de negros no meio acadêmico. Logo, esta investigação busca realizar uma análise de comportamento e compreender se a rede social Facebook, através da sua *timeline* possibilita determinadas expressões de identidade ao longo da vida destes indivíduos, com foco principal na transição para a universidade. Este estudo se concentrará nas *timelines* dos usuários individuais, e não nos respectivos feeds de notícias, este governado por um algoritmo que pode alterar a proeminência e a posição das postagens.

Para obter acesso a estes indivíduos, a investigadora utilizou a própria rede social Facebook para entrar em contato com os estudantes, através de posts, grupos e mensagens diretas. Após realizado

²² Livre tradução

o contato e também do impulso por meio do efeito bola de neve, a investigadora criou uma relação de todos os entrevistados e realizou a marcação das entrevistas também por meio do uso da rede social.

CAPÍTULO IV - PERFIS DE EXPRESSÃO DO *SELF* NA TRANSIÇÃO PARA O ENSINO SUPERIOR

Com o objetivo de compreender o perfil dos entrevistados, antes da realização da entrevista, foi solicitado que os participantes preenchessem um formulário de mapeamento de perfil. Sendo assim, é possível entender aspectos prévios relacionados com a idade, tempo de residência em Portugal, país de origem, curso superior, profissão dos pais, entre outros. Os entrevistados foram definidos nesta análise por letras: A, B, C, D, E, F, G e H para que houvesse sigilo de sua verdadeira identidade. O formulário de mapeamento social demonstrou que:

Quadro 2. Caracterização social dos entrevistados

Identificação neste estudo	Idade	Gênero	Categoria étnico-racial a qual se identifica	Curso superior que frequenta	Ano que está cursando	País de origem	Tempo de residência em Lisboa	Possui cidadania Portuguesa?	Está envolvido com algum tipo de ativismo/causa social?	Profissão dos pais	Freguesia/Concelho de residência	Possui atividade extracurricular?
Entrevistado A	20	Feminino	Negra	Sociologia	3o. Ano	São Tomé e Príncipe	11 anos	Sim	Não	Mecânico e Ajudante de cozinha	Corroios	Não
Entrevistado B	20	Feminino	Negra	Serviço Social	2o. Ano	Portugal	Desde o seu nascimento.	Sim	Não	Enchedora de cerveja.	Sintra	Sim. Exerce trabalho voluntário.
Entrevistado C	25	Feminino	Negra	História Moderna e Contemporânea	3o. Ano	Cabo Verde	13 anos	Sim	Sim. União de estudantes cabo verdianos em Portugal.	Doméstica	Miratejo	Não
Entrevistado D	20	Feminino	Negra	Gestão de Marketing	1o. Ano	Cabo Verde	10 anos	Sim	Não	Doméstica e Barbeiro.	Amora	Não
Entrevistado E	22	Masculino	Negro	Gestão de Marketing	2o. Ano	Cabo Verde	3 anos	Não	Não	Pedreiro e Doméstica.	Corroios	Não
Entrevistado F	24	Masculino	Negro	Engenharia de TI	3o. Ano	Cabo Verde	5 anos	Não	Não	Doméstico	Odivelas	Sim. Project Manager e Roll Out.
Entrevistado G	23	Masculino	Negro	Engenharia de TI	2o. Ano	Guiné-Bissau	3 anos	Sim	Não	Não respondeu	Amadora	Não
Entrevistado H	20	Masculino	Negro	Engenharia de TI	2o. Ano	Cabo Verde	1 ano e 8 meses	Não	Não	Não respondeu	Amadora	Não

Em todos casos respondidos os pais desempenham funções de operários não qualificados. Do total, dois entrevistados optaram por não responder. Todos os entrevistados têm entre 20 e 25 anos. A maioria destes cursam Engenharia de Tecnologias da Informação e Gestão de Marketing. O país de origem mais presente é Cabo Verde e a maioria destes reside há pelo menos 5 anos em Lisboa, bem como também é uma maioria que possui cidadania portuguesa. A maioria destes afirma não estar envolvido com ativismo/causa social e grande parte não exerce nenhuma atividade extracurricular. Todos os entrevistados residem em locais distantes do centro de Lisboa.

Ao longo das entrevistas os estudantes revisitaram os posts presentes em sua *timeline*, fazendo o movimento de *scroll down* e *scroll up*, ao mesmo tempo que respondiam aos questionamentos. Apesar da entrevista obedecer ao modelo semiestruturado, a pesquisadora buscou responder aos questionamentos de forma aprofundada, conforme observasse oportunidade para tal. Da mesma forma, em alguns momentos observou-se que os entrevistados não estavam à vontade para responder determinadas perguntas, ou não sabiam como responder.

Logo, neste capítulo apresento os resultados da pesquisa qualitativa construída com base na metodologia *scroll back*. Por meio das entrevistas em profundidade foi possível desenvolver uma tipologia de 2 perfis de transição para os entrevistados, que esta pesquisadora definiu como: Transições Expressivas do *Self* (TES) e Transições Reprimidas do *Self* (TRS). Os principais elementos diferenciadores foram estabelecidos por meio de 2 dimensões e 5 sub -dimensões que ao longo da entrevista foram exploradas em forma de questionamento aos participantes. A sua escolha justifica-se pela relevância e importância quando busca-se responder ao objetivo principal deste estudo.

Estas dimensões e respectivas sub-dimensões foram definidas por:

- Análise de comportamento referente aos posts/conteúdos no Facebook – período pré x pós meio acadêmico.
 - Conteúdos/posts que considera mais frequentes na atualidade expressados em sua *timeline*.
 - Diferença percebida de comportamento no Facebook quando analisados os dois períodos.
- Manifestações do *self* e de identidade.
 - Diferença entre identidade online e offline na visão de outros usuários para com os entrevistados.
 - Diferença percebida em conteúdos de afirmação identitária/pessoal, bem como étnico-cultural, quando analisados os dois períodos.
 - Conteúdos/temas propositalmente publicados e/ou com objetivos de criticar a sociedade e seus modos de operar.

Essas dimensões distinguem as respostas dos entrevistados por meio de uma análise comportamental da *timeline* quando percebidos os conteúdos/posts dos períodos anterior e atual ao meio universitário, bem como aprofunda nas questões relacionadas às manifestações e expressões do *self*, quando há uma necessidade de compreensão da percepção do outro, de suas expressões afirmativas, étnico-culturais nos dois períodos e da existência de demonstrações de caráter crítico/social. Considerou-se, também, no momento de escolha das dimensões, desenvolver reflexões por meio de tópicos que visam responder à pergunta de partida: “Em um processo de transição para o ambiente universitário que implica uma socialização numa cultura estudantil marcadamente branca, que formas distintas de expressão e representação identitária são suscitadas por meio da *timeline* do Facebook de estudantes negros? ”. Também foi possível a partir das entrevistas e de sua análise ordenar as respostas originais dos entrevistados, desta forma as expressões consideradas mais significativas e determinantes serão apresentadas.

Sendo assim, os perfis foram gerados por meio de uma análise “caso a caso” de cada entrevista, o que possibilitou que surgisse uma lógica estruturante e delimitadora, considerando o cenário deste estudo. (Ver Quadro 3)

Quadro 3. Matriz analítica de tipologia de perfis dos estudantes entrevistados do ISCTE

PERFIS	Análise de comportamento referente aos posts/conteúdos no Facebook - período pré x pós meio académico		Manifestações do <i>self</i> e de identidade		
	Conteúdos/posts que considera mais frequentes na atualidade expressados em sua <i>timeline</i>	Diferença percebida de comportamento no Facebook quando analisados os dois períodos	Diferença entre identidade online e offline na visão de outros usuários para com os entrevistados	Diferença percebida em conteúdos de afirmação identitária/pessoal, bem como étnico-cultural, quando analisados os dois períodos	Conteúdos/temas propositalmente publicados e/ou com objetivos de criticar a sociedade e seus modos de operar
TRANSIÇÃO EXPRESSIVA DO SELF (TES) Entrevistados A e F	• <i>Selfies</i> e conteúdos com a família e referentes à cultura de seu país de origem. • Publicações com amigos e de viagens.	• Período anterior ao meio académico realizava mais posts com amigos e família, depois disto começou a postar mais <i>selfies</i>. Percebe que ficou mais autocentrada e preocupada com sua imagem; • Percebe que começou a realizar mais publicações depois que ingressou no ambiente universitário, pois haviam mais motivos como: novos amigos, festas e eventos sociais.	• As publicações representam muito de sua personalidade, visto que é alegre e muito familiar. E isso fica evidente tanto no meio online quanto no meio offline. • Os conteúdos que são partilhados representam a mesma pessoa que é no meio online e offline, tendo em vista a relação com os amigos e a alegria que é representado em ambos ambientes.	• Postagens referentes aos <i>selfies</i> e fotos próprias, reforçam a imagem que o entrevistado quer expressar aos demais usuários, e isso deu início após o ingresso ao meio académico; • Realiza postagens com frequência da cultura local para reforçar as suas origens perante aos demais usuários; • Não realiza publicações a respeito da cultura local de seu país de origem na sua <i>timeline</i> do Facebook, visto que grande parte de seus amigos do Facebook também são da mesma região. Não considera interessante realizar esse tipo de post. Na rede social Instagram publica imagens mais relacionadas com a cultura e com a culinária, visto que a maioria de seus amigos “novos” estão nessa rede social, e faz mais sentido que esses vejam essas informações. Após ingresso no meio universitário considera que publicou muito mais imagens suas com amigos e eventos sociais na sua timeline do facebook.	• Já houve 1 post publicado com esse objetivo, mas na ferramenta Instagram. Entretanto a sua frequência é muito pouco representativa, e no Facebook isso nunca aconteceu. Não percebe a necessidade de realizar esses posts com frequência, apesar de não se sentir intimidado se for o caso, e postaria no Facebook em um futuro. Um motivo relevante que o impulsionou a compartilhar este conteúdo foi em virtude de sua família estar envolvida com respectivo incidente. Sendo assim, a publicação foi mais de cunho pessoal e familiar, do que com objetivo de “ativismo”; • Não costuma fazer posts de caráter crítico, apenas posts mais engraçados. Não se sente à vontade para partilhar esses assuntos e demonstrar a sua opinião.

- Fotos identificadas pela família e/ou amigos e não postadas diretamente pelo entrevistado;
 - Baixa frequência de postagem;
 - Partilhamentos de conteúdos relacionados com esportes;
 - Partilhamento de conteúdos relacionados com a cultura de seu país de origem;
 - Posts com amigos;
 - Posts de frases motivacionais.
- Necessidade de postar temas/conteúdos que considera mais “maduros” e “conservadores”, consequentemente, posta menos fotos com amigos e não sente necessidade de publicar *selfies* e fotos pessoais;
 - Necessidade de realizar postagens com frases de caráter motivacional, visto que se sente frequentemente intimidada por alguns colegas do meio universitário;
 - Conteúdos referentes a problemas sociais, mas de uma forma bastante conservadora, para que não seja mal interpretada pelos demais usuários. Se tornou mais cautelosa após entrada ao meio acadêmico;
 - O entrevistado percebe que diminui muito a frequência de postagens depois que entrou no meio acadêmico, se comparado a quando estava em seu país de origem realizava mais publicações dentro daquele ambiente e se sentia mais à vontade para tal;
- Sua visão no meio offline e online é diferente visto que em muitos momentos demonstra que está feliz em alguns posts (poucos), apesar de não estar na vida real;
 - Considera que os conteúdos expressam a mesma pessoa no meio online e offline, visto que é uma pessoa conservadora tanto em seus posts quanto na vida real;
 - Os outros usuários enxergam a entrevistada na rede social como alguém mais introspectiva visto sua posição mais conservadora no meio online. Entretanto essa imagem é diferente da vida real, ou seja, no meio offline onde se considera mais sociável;
 - Os conteúdos compartilhados no meio online não representam hoje quem ele é no meio offline. E essa diferença agravou-se após o ingresso ao meio acadêmico. Seus conteúdos no meio online eram de poesias e textos de própria autoria, hoje o entrevistado não consegue se expressar desta forma, pois se sente intimidado.
- As manifestações e expressões identitárias, majoritariamente, são através dos posts de conteúdo motivacional, que de forma sutil e conservadora, trata-se de uma crítica ao meio universitário. Não realizava este tipo de postagem antes de ingressar ao meio acadêmico;
 - Conteúdos já eram frequentes de expressões culturais de seu país de origem antes da entrada no meio acadêmico. Entretanto após o ingresso ao meio acadêmico, buscou ser mais conservador e proteger a sua identidade;
 - Os posts possuem a mesma lógica anterior e ao longo do período universitário, de baixa frequência. Há uma ausência de posts relacionados com o país de origem, visto que não sente ligação mais com este local e com a sua cultura. A relação com a ferramenta Facebook é muito conservadora.
 - O entrevistado afirma que apesar de ter diminuído muito a frequência que partilha conteúdo após o ingresso no ISCTE, sua imagem pode ser reconhecida por publicações relacionadas com futebol e com a cultura do país de origem, sendo que esse tipo de conteúdo é mais frequente como uma forma de reforçar sua identidade.
 - Não havia nenhum conteúdo específico nem antes nem depois de ingressar no meio acadêmico de caráter identitário/pessoal ou cultural na visão entrevistado;
 - Não se preocupava tanto com os conteúdos compartilhados, e sentia mais liberdade para realizar postagens com suas poesias e textos de própria autoria. Hoje, considera que sua identidade é representada pelo esporte, pois é como sente liberdade hoje para se expressar perante aos demais usuários.
- Não realizou e realiza este tipo de postagens, pois não sente necessidade de partilhar esse tipo de conteúdo;
 - Houveram alguns conteúdos que foram publicados mesmo ao longo do período universitário, e que durante esse mesmo período foram apagados, pois não queria que fossem vistos ou criticados por outras pessoas;
 - Houve 1 post específico, mais recente, entretanto, não realiza este tipo de postagem com frequência. Acredita que este tipo de post não fará diferença em termos de gerar mudanças na forma com que a sociedade se comporta;
 - Não compartilhou o conteúdo mas lembrou uma situação que causou polêmica nas redes sociais enquanto meio universitário, por ter sido considerado caso de racismo por alguns, mas afirmou que não considerou racismo e, portanto, não partilhou por este motivo;

Apesar dos entrevistados serem de origens diferentes, o seu tempo de pertencimento em Portugal não ser o mesmo, estes compartilham de aspectos em comum, e que a partir de uma análise mais aprofundada possibilitou a divisão entre os dois perfis. Para além das categorias determinadas, estes oito estudantes são nativos digitais, visto sua data de nascimento, isso quer dizer que estão acostumados a viver em um ambiente que desde sempre as informações são recebidas muito rapidamente. Da mesma forma, gostam de processar muitas tarefas por vez, trabalham melhor quando estão conectados a uma rede de contatos, ou seja, são falantes nativos da linguagem digital dos computadores, internet e vídeo games. (Prensky, 2001b). Portanto, é importante considerar que estes entrevistados, participaram ativamente do processo de migração de determinados conteúdos que antes eram postados apenas no Facebook, e que hoje são partilhados com maior frequência na ferramenta Instagram.

Em 2012 a empresa Facebook comprou a startup Instagram que teve desde sempre como foco ser uma ferramenta *mobile* de caráter visual onde o objetivo é de partilha de fotos e vídeos. Com isso, muitos dos usuários que inicialmente utilizavam o Facebook para partilhar fotos, vídeos e textos, migraram uma parte do seu conteúdo mais visual para esta ferramenta.

Sendo assim, ao analisar a *timeline* dos entrevistados todos estes expressaram ter participado deste processo migratório para a outra ferramenta, desde então sua quantidade de publicações de caráter visual é também presente no Instagram, em alguns casos até com maior frequência. Visto que este é um ponto em comum, este fator não influenciará diretamente a análise, pois todos estiveram presentes ao longo desse processo e o objetivo deste estudo é analisar o comportamento exclusivamente na ferramenta Facebook.

A primeira dimensão remete para “Análise de comportamento referente aos posts/conteúdos no Facebook – período pré x pós meio acadêmico”, esta decomposta por duas sub-dimensões: “Conteúdos/posts que considera mais frequentes na atualidade expressados em sua *timeline*” e “Diferença percebida de comportamento no Facebook quando analisados os dois períodos”. Quando analisada a primeira sub-dimensão, a diferença mais significativa entre os perfis de Transição Expressiva do *self* (TES) e de Transição Reprimida do *self* (TRS) é que no caso dos TES a presença de posts de *selfies* é visível e dos TRS, muitos posts partem de publicações de amigos e familiares que marcam o usuário entrevistado, nos casos onde existe uma baixa frequência de postagens e nas postagens de frases motivacionais. Os demais conteúdos são similares em ambos os perfis, como os posts com amigos, com familiares e da cultura do país de origem. Já na segunda sub-dimensão esta diferença se torna mais determinante entre esses dois perfis, visto que de um lado os perfis TES demonstram que após ingresso ao meio acadêmico sua forma de expressão mudou a partir do momento que se resumiu a *selfies* e conteúdos próprios que evidenciavam uma preocupação em auto afirmar a sua imagem de uma forma positiva.

“Sim eu acho que antes de eu entrar na faculdade eu fazia muito mais posts com amigos e família. E depois que eu entrei é muito mais *selfies*. Fiquei mais centrada em mim. Sim, mas sempre com o lado familiar.

Isso sempre. (...) conforme estava crescendo eu ficava cada vez mais ligada, assim, à minha imagem, né (...) como distribuo minha imagem. (...)”. (Entrevistada A)

A sociedade está constituída dentro de uma lógica que determina que qualquer indivíduo que apossado de características sociais possui o direito moral de almejar que os outros o tratem da maneira apropriada e o valorizem. Quando um indivíduo projeta um determinado sentido da situação e com isso busca, implícita ou explicitamente, ser de uma forma específica, automaticamente desempenha uma exigência moral sobre os outros obrigando-os a valorizá-lo e tratá-lo conforme o que as pessoas de seu tipo têm direito de ambicionar. Às vezes este mesmo indivíduo agirá de maneira totalmente calculada, expressando-se de determinada forma apenas para dar aos outros a impressão que irá possivelmente levá-los a uma resposta que lhes interessa ter. Por outras vezes este estará agindo calculadamente, mas terá, pouca consciência de estar operando assim. Ocasionalmente, pode se expressar de forma intencional e de forma consciente, mas, o fator determinante é porque a tradição de seu grupo ou posição social demanda este tipo de expressão (Goffman, 1985). Para Giddens (1991), a rede se trata de um ambiente favorável a realizar brincadeiras identitárias, por meio da influência dos posts, bem como através das interações que o sujeito institui com os demais usuários. “Muitos dos fenômenos frequentemente rotulados como pós-modernos na verdade dizem respeito à experiência de viver num mundo em que a presença e ausência se combinam de maneiras historicamente novas”. (Giddens, 1991: 175). Sendo assim, a internet introduz na sociedade uma nova forma que tem impactado os indivíduos em suas próprias identidades (Lévy, 1999)

Da mesma forma, observou-se que no perfil dos TES houve uma mudança significativa para uma frequência mais alta de postagens e na temática/conteúdos postados quando analisada a transição para o ambiente universitário. Este comportamento pode ser justificado por uma mudança de estilo de vida por parte do usuário, a partir do momento que esse integrou o meio acadêmico, onde houve uma necessidade para além de viver isso no mundo offline expressar com muita frequência no meio online.

“Inicialmente eu não publicava, assim, muita coisa(...) Então eu não tinha muito acesso à internet, coisa assim. E era só mais de entrar e falar com algumas pessoas, mas não publicava quase nada. Depois é que parti a Portugal, já, comecei a publicar mais coisas, festas, amigos etc.” (Entrevistado F)

Dentro de uma lógica da alta modernidade, não apenas seguimos estilos de vida, mas somos obrigados a fazê-lo, não temos escolha senão escolher. Um estilo de vida pode ser determinado como um conjunto interligado de práticas que um indivíduo adota, não só porque essas práticas dão significado a suas necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma determinada narrativa de auto identidade. (Giddens, 2002)

Quando analisado o perfil dos TRS para esta mesma sub-dimensão, observa-se a existência de uma outra lógica. Ao longo do processo transitório para o meio acadêmico demonstraram atitudes de

baixo compartilhamento e quando isso ocorre, o conteúdo é pensado para que a mensagem seja de caráter menos expansivo do ponto de vista da partilha de sentimentos, opiniões e outras formas de expressão de si.

“Por exemplo houve uma altura depois que eu entrei que fui, por exemplo, partilhando, por exemplo, ideias, alguma situação que as pessoas pedem para partilhar, alguma coisa que está acontecendo no mundo, e que traz indignação, Contextualização de alguns comportamentos vão estar ali para publicar, mas eu não ponho, de minha autonomia, publicar alguma coisa, não”. (Entrevistada C)

Da mesma forma, em alguns casos os conteúdos são propositalmente publicados para demonstrar uma insatisfação com a forma como percebe o meio acadêmico, através de frases motivacionais, mas expressadas de forma contida.

“Antes não postava essas mensagens. Acho que foi desde do momento que entrei no ISCTE, comecei(...)O motivo talvez pelos comentários, pois, que detonam a pessoa abaixo, ou por que...como é que é possível tirar essa nota com a cor da tua pele, infelizmente vindo de algumas pessoas. E às vezes isso me deixa um pouco abaixo. (...). Antes disso, na escola era tudo normal. Talvez porque se calhar já estava com eles desde o início, desde o primeiro ano, assim, né. Alguns desde o pré. E era como fôssemos uma família”. (Entrevistada B)

Bem como, mensagens de cunho social, também são propagadas, mas sempre de forma discreta para que o usuário não seja mal interpretado pelos demais colegas. Também há aqueles usuários que costumavam compartilhar mais conteúdos quando estava em seu país de origem, visto a maior sensação de liberdade para tal.

“Exato. Eu hoje em dia já não, vá, como tinha dito antes (...) eu já não partilho, já não vou muito ao Facebook, já não uso muito o Facebook. É, desde que estou no ISCTE, deixei mesmo, eu, em Cabo Verde até usava muito o Facebook. Quando cheguei cá, também, com outros objetivos, deixei de usar Facebook. Então, hoje em dia eu uso, mas não uso da mesma forma que antes, por exemplo. Não é a mesma coisa. Deixei, desde que estou no ISCTE, deixei de usar muito Facebook...” (Entrevistado E)

Aqui temos um perfil de estudantes que a partir desta transição se tornaram mais restritivos, em que sua liberdade de expressão dentro da ferramenta está condicionada a determinadas preocupações com terceiros, bem como suas mensagens são propositalmente construídas de forma sutil para demonstrar uma insatisfação com o ambiente social em que vivem. Observa-se neste perfil que a

transição para o ambiente universitário deu espaço para uma sensação de repressão no meio online o que é visível a partir de seu comportamento no Facebook.

Segundo Goffman (1985) a partir do momento que o indivíduo se encontra em uma nova posição na sociedade e consegue um novo papel a desempenhar, este não será informado, sobre a forma como deverá conduzir, bem como os fatos desta nova situação não o pressionarão desde o início para determinar-lhe a conduta, sem que este tenha que posteriormente refletir sobre ela. Da mesma forma, é um lugar-comum afirmar que diferentes grupos sociais expressam de maneiras diferentes atributos tais como idade, sexo, posição de classe e que para cada caso esses simples atributos são ordenados por meio de uma sistemática cultural complexa característica de meios apropriados de conduta. Ser uma determinada espécie de indivíduo não consiste simplesmente em possuir os atributos necessários, mas em manter os padrões de conduta e aspectos que o determinado grupo social, associa a ela.

O conhecimento que está implícito nestes determinados atores sociais é de fato, os responsáveis por orientar as ações que estes indivíduos desenvolvem por hábito em contextos específicos, condições de espaço e de tempo (Giddens, 1989). “A consciência prática se constitui do conhecimento das regras e táticas mediante as quais a vida social é constituída e reconstituída através do tempo e do espaço” (Giddens, 1989: 72).

A segunda dimensão desta análise é denominada “ Manifestações do *self* e de identidade”, e esta possui três sub-dimensões: “Diferença entre identidade online e offline na visão de outros usuários para com os entrevistados”; “Diferença percebida em conteúdos de afirmação identitária/pessoal, bem como étnico-cultural, quando analisados os dois períodos” e “Conteúdos/temas propositalmente publicados e/ou com objetivos de criticar a sociedade e seus modos de operar”.

Quando observados os dois perfis TES e os TRS por meio da primeira sub-dimensão, é visível a diferença entre os estudantes quando questionados a respeito da visão que os outros usuários da ferramenta possuem de seu perfil dentro dos cenários offline e online. Para os TES a sua representação identitária na ferramenta Facebook é coerente com a sua personalidade e comportamento fora da rede social. Já o perfil dos TRS demonstrou que sua representação no Facebook não condiz com sua representação no meio offline ou em outros casos é coerente, visto que se trata de um indivíduo de caráter menos expansivo em todos os círculos de vivência.

“Eu acho que seria diferente. Não consigo explicar assim, muito bem... quando estou fora da rede social é uma coisa, e depois ali é diferente. Eu, embora eu sinta-me assim por dentro, mas estou sempre a sorrir. Pois, por isso acho que é diferente”. (Entrevistada B)

“Eu acho que através das fotos. Uma simples foto, né, consegue externar muitas ideias, embora poderem ser falsas, né, as vezes a imagem não é.... Mas no meu caso, eu acho que a única ideia que a pessoa podia, tirar é que eu sou mais conservadora, porque as minhas fotos não são assim tão expostas, não é. Não tenho uma foto com decote, a mostrar as pernas ou sensualizar... Pelo que eu acho que entraria como conservador,

né (...) Eu não tenho fotos, digamos, por aí, nas festas, e, tipo numa discoteca, por exemplo, a dançar, ahn, acho que... Sim, mas às vezes eu acho que as pessoas não tem que saber pra onde é que eu vou, o que que eu estou a fazer, que tipos de hábitos que eu tenho, porque eu acho que é uma falta.” (Entrevistada C)

Goffman (1985) definiu como “Fachada” a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente perante aos que observam uma determinada representação. “É o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação.” (Idem: 29)

A segunda sub-dimensão reforça as noções de identidade que foram estabelecidas ao longo desta análise, sendo assim, os perfis TES e TRS confirmam o que já está descrito em outras dimensões e sub-dimensões. O perfil dos TES, considera que sua representação identitária bem como étnico-cultural na rede social quando comparado os dois períodos, tem como característica a preocupação com a imagem (*selfies*).

“Mas eu faço sempre questão de lembrar as pessoas quando sempre saem da Terra as vezes não ligam muito(...)Sempre quando eu vejo alguém que posta eu partilho. (...). Às vezes eu acordo de manhã pensando em uma música, "E vou postar!", a ver se também alguém ouviu (...)Por exemplo, eu sou uma pessoa mais descontraída, mais relaxada, assim, mais para diversão. Porque eu nunca fui assim, muito ligada, por exemplo, as questões da vida, da roupa ou combinar a roupa, ou, não sei, aparecer com uma roupa assim, muito estilosa, né, só mais agora quando eu cresci é que eu tenho um bocado mais de cuidado com a aparência, né...” (Entrevistada A)

Também expressões de reforço de seu país de origem e de vida social ativa. Bem como, as postagens a respeito da cultura local são intencionalmente publicadas apenas no Instagram, pois os usuários que gostaria de atingir estão nesta ferramenta.

“No Instagram às vezes, quando eu vou comer Cachupa, assim, no restaurante, ou isso, no sítio, assim, eu publico. Agora no Facebook, é mais familiar, depois a maioria, pessoas assim, que eu tenho no Facebook são de Cabo Verde, a maioria, e pronto, imagina, para eles cachupa não lhes diz nada, assim. É uma coisa praticamente que eles tão acostumados...comem sempre isso, uma coisa que conhecem, pronto. Assim eu marco lá portugueses e isso, pessoas estrangeiras que não conhecem, às vezes que já comeram uma ou duas vezes, começam a comentar e dizer "Ah, é, pois é fixe, isso e isso... Porque pronto, lhe diz qualquer coisa, bem dizer é uma coisa que eles não veem todo dia, por isso" (Entrevistado F).

Da mesma forma, os TRS, percebem/definem sua identidade e sua relação com a cultura de seu país de origem, de uma forma discreta, contida, com baixa expressão na ferramenta e poucos posts.

Existe uma apreensão visível por parte deste perfil, em manter uma imagem controlada e que não gere crítica perante aos demais usuários.

“Sou muito calada, sou muito reservada. E não, não, não digo nada a respeito disso que está acontecendo”.
(Entrevistada B)

“Atualmente acho que não, não dá para ver nada, tanto que eu, como eu disse no início da nossa conversa, eu tento agora não mostrar tanto a minha linha de pensamento, o que eu defendo, através da minha página do Facebook. Tento restringir, limitar, o acesso que as pessoas têm à minha personalidade. Eu limito um pouco à volta, por exemplo, algum ambiente específico, assim, e normalmente não mostro o espaço onde eu estou. As pessoas não sabem o que eu frequento, nem nada. Eu restrinjo mesmo à minha fotografia”.
(Entrevistada C)

“Sim, eu partilhava com meus amigos, por exemplo, com os meus amigos que estão em Cabo Verde... Partilhava futebol, basicamente era isso que eu fazia”. (Entrevistado E)

“Porque eu antes tinha ideia assim: Praxe não serve para nada, mas eu disse: mas não posso só participar. Tenho que experimentar. Quando fui experimentar, vi que realmente não serve para integração, porque eu, quando eu vi os meus colegas que estavam fazendo ser zoados, assim, no cantinho da escola.... Eu pensava, se calhar eles também tão a ficar muito ao quarto, não querem se integrar. Sim. Por que não vão à Praxe, se calhar isso até resolve, mas não resolve, nada. Porque naquela situação, são brincadeiras, pois quando é para estarmos juntos, fora da Praxe estão a fumar, tomando café, mas para fazer trabalhos: zero. Para ajudar com a matéria também, só tu corres atrás, se calhar nem tens mais resultado, se calhar eu não fiz essa cadeira, não... Era mesmo só expressão de vaidade. *"Nós somos superiores, é o único espaço que temos para expressar o nosso poder."* E aqui, pelo menos na hierarquia, em nível acadêmico, eles eram superiores. E pronto, eles até postavam lá, veteranos, no Facebook, também. Estavam assim, vestidos com aquele fato enquanto os outros numa situação ridícula, e eles assim de situação de poder. Tiravam uma foto, punham no Facebook, né. E pronto, e outros com coisa de coelhinho aqui, cara pintada, todas, todo sujos, não sei mais o que, mas eu vi mesmo que aquilo ali, demonstração de poder, vaidade, e pronto, perda de tempo, não vejo nada em termos de integração, nada mesmo. E por isso que eu, resumindo e concluindo, os estudantes africanos tendem a estar mais com os africanos. Ficam num cantinho, a não ser que tu és um excelente aluno, só tem vinte, aí eles podem aproveitar de ti. E fingem que até, se calhar, tem uma certa afeição. E conosco africanos... não tem apoio. Conosco, os africanos, é, estamos cada um por si e Deus por todos, é mais por aí.... E pronto, e nós estávamos mesmo assim, é num cantinho, e eles no outro, e a questão é: somos nós ou são eles que não tão a dar abertura? Eu, durante esses três anos, vejo a mesma coisa sempre, embora tenhamos alguma culpa de ficar assim num cantinho, às vezes...(...)eles também não facilitam muito, porque na turma, quando chega, por exemplo, normalmente, alguns alunos de outras cadeiras, de um outro curso se é um branco, que vai lá, estranho, as pessoas quando vão fazer grupo, chamam "Olha, tu não queres fazer parte do nosso grupo?" A pessoa nem tem que se mexer, mas quando é um africano ninguém, aí ninguém chega perto... eu não sei qual é a ideia. O que pensam, se não viram a

nossa capacidade, ou querem mesmo nos colocar em um cantinho para nos sentirmos sozinhos e a produtividade não ser grande coisa, não, eu não sei qual é a razão, mas o que acontece aqui é isso”. (Entrevistada C)

O humano é definido historicamente, e sua identidade torna-se uma celebração móvel, transformada sucessivamente em relação às formas pelas quais somos representados dentro dos sistemas culturais que nos cercam. Na pós-modernidade, o indivíduo adota identidades distintas em diferentes situações, identidades estas, que não são integradas a um Eu coerente. (Hall, 2005) Para Eco (1989) “Auto apresentação requer estratégias de gerenciamento da aparência, entre elas, a identidade como “o eu no contexto”; na perspectiva teatral a analogia da vida como um teatro para entender os “eu’s” nos contextos” (Idem: 39).

A terceira e última sub-dimensão analisada, diferente das categorias anteriores, demonstra uma harmonia na resposta de ambos os perfis. Tanto os TES quanto os TRS, evidenciaram não realizar postagens de caráter crítico/social na ferramenta Facebook. Segundo Cardoso (2003) “Os indivíduos ou grupos têm ao seu dispor um meio mais fácil e menos dispendioso para trocarem informações numa base local, nacional ou global. (...). Não é, por isso, de espantar que, face à crise do Estado-Nação, da democracia e da participação política nas sociedades contemporâneas, que se olhe para a Internet como um possível contributo para minorar essa crise. ” (Idem:160). Entretanto, apesar de ser uma ferramenta que possibilita a liberdade de expressão e o grande alcance, ambos os perfis não a utilizam de forma “ativista”.

Nos momentos onde houve justificação estes deixaram claro que não acreditam que este tipo de atitude fará diferença quando a questão é melhorar o contexto social, incluindo igualdade racial e étnica.

“Porque, racismo existe, é um fato. Já vem de muito tempo atrás. E vai continuar a existir, portanto vai haver luta, isso mais aquilo, tudo mais... eu até posso fazer parte, mas prefiro não me envolver por agora... porque não acho que seja necessário. É uma coisa que... para mim é muita perda de tempo..., mas, eu também valorizo muito o esforço de Associações e tudo, têm todo o meu apoio. Mas, a mim não me afeta nada”. (Entrevistado E)

“(...) porque eu acho que o preconceito, às vezes quando tu ignoras, acaba passando, mas também, se calhar é uma atitude um pouco errada, porque às vezes temos que lutar pelos nossos direitos, né, mas eu por não ligar tanto, eu não sofro tanto como os outros. Então por eu não sofrer tanto como algumas pessoas, né eu não sei, às vezes também, é por ter o tom de pele mais clarinho também, não sinto...acho que não me fazem muito, mas eu sei que aqui, quanto mais negro/negra for a pessoa, mais essa pessoa vai sofrer, mesmo, porque eu vejo, há raparigas e rapazes, há pessoas negras que sofrem mesmo muito, que os rapazes gozam, ou, por exemplo gozam com o cabelo. Eu com meu cabelo, uma vez vim aqui à escola, mesmo aqui no ISCTE... Vim aqui à escola, e eu estava com meu cabelo solto, estava com ele afro...Uma professora olhou para mim, porque eu costumo andar com o cabelo preso...Então uma professora olhou para mim, ela riu-se e eu não entendi porque que ela estava sorrindo, e então sorri de volta, porque as pessoas riem pra

mim, eu sorrio, Pois é, ela disse: "Mas o que que tu fizeste no teu cabelo?", eu disse, "Eu soltei o cabelo.", e ela, ela riu-se mesmo, riu-se, depois, em outro dia, cheguei à escola, eu tinha o cabelo preso, que eu costumo andar com o cabelo preso, né. (...)por esse motivo eu não posto nada. Eu estou um pouco desacreditada das pessoas". (Entrevistada D)

Um dos motivos também está relacionado com sentimento de repressão e/ou receio da interpretação dos demais usuários, majoritariamente os colegas brancos.

“Não partilho, não. Não mostro a opinião assim. Já aconteceu de eu mostrar minha opinião lá... E acabei por ser bloqueado de um grupo.” (Entrevistado F)

“Sim. Eu tenho visto no meu Facebook..., Mas por acaso nunca partilhei. Mas não é que eu não tenha interesse em partilhar, mas como tenho muitos amigos no Facebook portugueses e nós nos damos muito bem, não é que não quero partilhar por causa deles..., mas, mas para não afetar a nossa relação..., mas já tive vontade de partilhar, mas não fiz para não ficar mal com eles” (Entrevistado G)

“Eu acho que há coisas que não é publicando que se resolve. Por isso, eu procuro não me intrometer nessas coisas, que por vezes pode causar danos às outras pessoas, ou por vezes pode dar uma imagem ruim. Há poucos houve um conflito entre os portugueses e africanos. Muitas pessoas começaram a publicar coisas, a falar, e eu tenho amigos que são portugueses, e eu tenho amigos que são cabo, que são africanos... E por isso eu não posso tomar partido de uma forma... sem saber a causa, e o que realmente está por trás. Imaginemos que eu tenha publicado, alguma coisa a falar mal dos portugueses, e os meus amigos.... Que são portugueses? Eu não vou generalizar uma coisa, depois no final vou dizer "Ah, exceto os meus amigos.", não pode ser. Porque todo mundo tem amigos também, que fazem coisas...Que é errado, e por isso não posso estar a tirar os meus amigos e pôr os outros, por isso que eu prefiro não publicar essas coisas. Se alguém perguntar a minha opinião, aí eu dou a minha opinião. Mas eu estar a publicar e mostrar ao público, não...” (Entrevistado H)

Estas atitudes podem ser justificadas por meio da teoria da Espiral do Silêncio de Noelle-Neumann (1995) que consiste no argumento de que os indivíduos possuem uma opinião, um determinado ponto de vista, em geral minoritário, e por este motivo tendem a cair no silêncio e no conformismo, perante a opinião pública geral. Nas palavras de Neumann (1995) “Tendem a ficar silenciados e a conciliar as suas opiniões com as do público²³” (Kaid, 2004:334). Alguns pontos importantes desta teoria que podem ser associados diretamente ao contexto dos entrevistados: Medo da rejeição pelos que o cercam; Monitorização dos comportamentos de forma a observar quais são os aprovados e os reprovados socialmente (em grupo); Tendência para não expressar a sua opinião publicamente quando existe possibilidade de rejeição, objeções ou desdém; O expressar livremente determinado ponto de vista reforça ainda mais a ideia de isolamento por parte daqueles que defendem a

²³ Livre tradução.

opinião contrária; Nem sempre o ponto de vista mais forte é o defendido pela maioria da população: existe o medo de o admitir publicamente. (Midões, 2008)

Por fim, a teoria de Giddens (1989) valoriza o fato de os agentes sociais serem autônomos a uma determinada “estrutura”, esta é definida como:

O conjunto de regras e recursos implicados, de modo, recursivo, na reprodução social; as características institucionalizadas de sistemas sociais têm propriedades estruturais no sentido de que as relações estão estabilizadas no tempo e no espaço. A “estrutura” pode ser conceituada abstratamente como dois aspectos de regras: elementos normativos e códigos de significação (Giddens, 2003: 35).

Através dessa sistemática os indivíduos vivem e são organizados por meio de uma dinamicidade de interações sociais. Portanto se a estrutura envolve práticas sociais que são fundamentadas a partir do tempo e espaço, pode se dizer que a estruturação significa a reprodução dessas ações. Desta forma, estes indivíduos e agentes sociais, não só reproduzem as características dos sistemas sociais, como também são capazes de as produzir (Giddens, 1989/2001). Quando estes agentes sociais enfrentam determinadas “situações críticas”²⁴ estes perceberão a necessidade de reproduzir e produzir um conhecimento mais próximo do “supra- racionalizado”. Isto ocorrerá quando a “segurança ontológica” for sobretudo afetada. (Giddens, 2000a). Isso significa que as razões e motivações reproduzidas e produzidas pelos agentes sociais devem sempre ser consideradas. Logo, podemos então afirmar que os atores sociais só sentirão a necessidade de quebrar uma determinada rotina bem como de produzirem uma reflexividade diferente da usual a partir do momento que a sua “segurança ontológica” for afetada devido as circunstâncias consideradas ameaçadoras perante suas rotinas institucionalizadas. (Giddens, 2000a)

Os atores sociais deste estudo ao estarem expostos ao cenário acadêmico demonstraram mudanças significativas em suas formas de comportamento e expressão na rede social Facebook. As suas motivações para mudar a maneira com que a sua representação do “eu” e de sua *self* começou a ser produzida justifica-se de diversas formas desde: uma necessidade de auto estima maior, convivência social com os colegas, sensações de repressão, exclusão e preconceito entre outros. Na época em que o autor Goffman em 1959 criou a obra “*A Representação do Eu na vida cotidiana*” as redes sociais bem como a internet ainda estavam muito distantes de existirem, por isso a sua teoria aplica-se a partir de uma perspectiva do teatro. A partir deste palco o indivíduo então organiza os papéis que irá desempenhar, com os objetivos formulados de maneira prévia, conscientes ou não.

Com a integração da internet e das redes sociais na vida cotidiana dos indivíduos o conceito de palco considerado por Goffman (1959), também se adaptou aos tempos modernos. Sendo assim, ao

²⁴ “Situações críticas” são “as circunstâncias de tipo imprevisível que afectam uma quantidade substancial de indivíduos e que ameaçam ou destroem as certezas de rotinas institucionalizadas” (Giddens, 1989: 49).

refletirmos a respeito de ambas as teorias de Goffman (1959) e Giddens (2000a/2001/2002/ 2003) podemos afirmar a partir da análise destes dados que a *timeline* do Facebook, seria simbolicamente, o palco onde estes agentes sociais se apresentam. Devido ao tempo e espaço que estão expostos, estes demonstraram atitudes reflexivas quando questionados a respeito de sua identidade e representação da *self* em suas *timelines*. Estas atitudes desdobraram –se em diversas formas de expressão, motivadas a partir de um sentimento insegurança devido a este ambiente diferente de sua realidade, longe de suas rotinas institucionalizadas e estruturantes.

Sendo assim, observou-se que o Facebook, enquanto *timeline*, se trata de um palco onde estes agentes sociais universitários, negros e nativos digitais, realizam o seu processo de manutenção identitária. Este processo vem acontecendo a partir de reflexões conscientes de que estes necessitam de validações externas, alinhadas com sua segurança ontológica, bem como, se tornaram restritivos e contidos, visto que, para eles, também pode constituir uma ameaça à integridade do seu “eu”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais online (SRs) assumiram um papel de grande responsabilidade e importância na contemporaneidade, visto que se tornaram um campo aberto para a construção e a reconstrução de identidades. Através da facilidade de acesso, rápida exposição e constantes produções de conteúdo, os indivíduos hoje em dia possuem a capacidade de construir seu próprio cenário e representar a sua vida perante aos olhos dos outros conforme acharem mais conveniente. Este universo online de representações se faz presente a partir do momento que algum sujeito optar por fazer parte de uma rede social, como exemplo o Facebook. O ciberespaço e as diversas redes de pessoas que nele habitam permitem que o indivíduo veja a sua identidade estendida, ou seja, o “*self*” passa a ser fragmentado e construído no diálogo entre o offline e online (Amaral, 2009: 333).

Logo, esta investigação buscou alcançar indicadores e resultados para compreender a existência e relação das formas da representação de identidades de grupos minoritários expressadas no contexto online, especificamente, por meio da *timeline* da ferramenta Facebook. Este estudo visa a compreender as expressões e conteúdos manifestados a partir da transição destes indivíduos para o ambiente universitário por meio da análise de sua *self-representation* em seu perfil do Facebook na *timeline*. A sistemática da *timeline* é gerada a partir da existência de unidades de linha de tempo, que se organizam em ordem cronológica e são alimentadas através dos dados que foram fornecidos e autorizados pelo usuário de um determinado perfil. Sendo assim, é possível observar as diversas expressões e manifestações compartilhadas ao longo desta linha do tempo. Com base no uso desta linha do tempo e as representações que nela são manifestadas, este estudo teve como alicerce a divisão em 2 períodos: o período anterior ao meio acadêmico e o período após o ingresso ao meio acadêmico.

As questões referentes à auto identidade e *self* foram suportadas pela teoria de Giddens (1994/2002) que as define como a consciência reflexiva, ou seja, não é determinado apenas por influências externas, mas também por um processo de autoconsciência, bem como algo que deve ser diariamente sustentado nas suas atividades reflexivas. Para além disso, o autor se apropria da existência das divergências culturais para justificar aspectos de sua teoria. Logo, a mudança social é algo alcançável visto que esses atores sociais possuem capacidades racionais de idealizarem formas de atuação que visam modificar um determinado ambiente, bem como as condições atuais. Esses agentes sociais podem influenciar, intervir no mundo por meio de suas atuações (Giddens, 1989).

A lógica de identidade social digital associada à liberdade de expressão, como é oportunizado pelas redes sociais, pode evidenciar inúmeros comportamentos relevantes. A rede permite que hajam espaços em que identidades, trocas sociais e sistemas de pertencer possam ser articulados e visíveis, ao mesmo tempo que, tornam-se arquivos de transição para os jovens, pois capturam de maneira efetiva as histórias com uma crônica de experiências mediadas de forma transitória (Banepali; Subarna e Sharma, 2017). Para além da análise da linha do tempo e da rede social é fundamental compreender o conceito de

imagem social, visto que esta compreende uma forma de classificar os indivíduos tanto no meio offline quanto no meio online, por meio da construção de teorias implícitas sobre eles ou sobre os indivíduos que agem de determinada forma. (Domingues, 2013; Tajfel, 1974)

Essas teorias implícitas, muitas vezes, são reflexo de aspectos e acontecimentos históricos que até os dias atuais continuam a ser suportados por um determinado grupo de indivíduos dominante dentro de um cenário social. Aspectos como o movimento migratório das ex-colônias africanas para Portugal, e em grande quantidade para Lisboa, possibilitaram a compreensão de duas expressões diferentes de racismo: racismo simbólico e o racismo moderno. No racismo simbólico os negros representam uma ameaça aos valores e a cultura dominante e o racismo moderno surge a partir de uma ideia de que os negros ganham mais do que merecem (Vala e Lima, 2004). Outra forma de racismo mais elaborada: o racismo institucional pode ser descrito como estruturas e processos institucionais organizados de forma a promover a desigualdade racial. Sendo assim, se trata de um efeito e consequência de determinadas organizações e modelos sociais que foram solidificados ao longo dos anos. Logo, esses efeitos são visíveis em todos os cenários e ambientes, incluindo o espaço acadêmico (Jones, 1997). Os estereótipos também são referenciados como fenômeno sociocultural, logo, as consequências da transmissão de crenças por meio de família, escola, mídia, redes sociais, etc., ou seja, inúmeros fatores externos constroem e desconstróem imagens mentais e sociais que estão presentes na sociedade. (Katz & Braly, 1933/1935).

A significativa vaga de imigração africana no final da década de 80 colocou desafios ao sistema de ensino português. Com isso o número crescente de crianças e jovens imigrantes, especialmente as escolas da área de Lisboa ficaram expostas a vários desafios. Já dizia Henriques (2018) o racismo no sistema de educação começa desde cedo, desde a forma como as crianças socializam o olhar para a diferença como um defeito²⁵. (...) uma menina branca não precisa lidar com a ausência de representatividade, ao contrário da menina negra, estudante, que tem a sua representatividade definida por subalternidade com posições sociais discriminatórias e estereotipadas. (Henriques, 2018:109).

A metodologia *Scroll Back* foi eleita como inovadora e pertinente neste estudo, pois sua organização e aplicação permitiu analisar se existem fatores que evidenciem e expressem essa transição de indivíduos negros para o ambiente universitário por meio do estudo das expressões e de *self-representation* em sua *timeline* presente no Facebook. Com relação a apresentação dos resultados deste estudo, sugere-se como melhoria para o futuro que a metodologia *Scroll Back*, seja aplicada com uma estrutura previamente delimitada pelos seus autores.

Em todos casos respondidos, oito entrevistados, os pais desempenham funções de operários não qualificados. Todos os entrevistados têm até 25 anos. A maioria destes cursam Engenharia de TI e Gestão de Marketing. O país de origem mais presente é Cabo verde e a maioria destes reside a pelo

²⁵ Francisco Noa em *Racismo em Português. O lado esquecido do colonialismo* – “O racismo é transformar a diferença em defeito”. Henriques, 2016.

menos 5 anos em Lisboa, bem como também é uma maioria que possui cidadania Portuguesa. A maioria destes afirma não estar envolvido com ativismo/causa social e grande parte não exerce nenhuma atividade extracurricular. Todos os entrevistados residem em locais distantes do centro de Lisboa. Ao longo das entrevistas os estudantes revisitaram os posts presentes em sua *timeline*, fazendo o movimento de *scroll down* e *scroll up*, ao mesmo tempo que respondiam aos questionamentos.

Por meio das entrevistas em profundidade, foi possível desenvolver uma tipologia de 2 perfis de transição de entrevistados, que esta pesquisadora definiu como: Transições Expressivas do *Self* e Transições Reprimidas do *Self*. No perfil das Transições Expressivas houve uma mudança significativa para uma frequência mais alta de postagens e na temática/conteúdos postados, que demonstram uma necessidade de autoafirmação de sua *self*, bem como de um *lifestyle* de muitas atividades sociais. No perfil das Transições Reprimidas, observa-se a existência de uma outra lógica, que ao longo do processo transitório para o meio acadêmico demonstraram atitudes dentro da ferramenta de baixa frequência de compartilhamento e quando isso ocorre, o conteúdo é pensado para que a mensagem seja de caráter reprimido e menos expansivo do ponto de vista de sua expressão online. Aqui temos um perfil de estudantes que a partir desta transição se tornaram mais restritivos, em que sua liberdade de expressão dentro da ferramenta está condicionada a determinadas preocupações com terceiros, bem como suas mensagens são propositalmente construídas de forma sutil para demonstrar uma insatisfação com o ambiente social em que vivem. Observa-se neste perfil que a transição para o ambiente universitário deu espaço para uma sensação de repressão no meio online o que é visível a partir de seu comportamento no Facebook. Para o perfil de Transição Expressiva a sua representação identitária na ferramenta Facebook é coerente com a sua personalidade e comportamento fora da rede social. Sendo assim, é possível concluir que se trata do mesmo indivíduo que representa vaidade, preocupado com sua imagem e bastante ativo socialmente no meio offline. Já o perfil de Transição Reprimida demonstrou que sua representação no Facebook não condiz com sua representação no meio offline ou em outros casos é coerente, visto que se trata de um indivíduo que possui um caráter menos expansivo em todos os círculos de vivência. O perfil de Transição Expressiva, considera que sua representação identitária bem como étnico-cultural na rede social quando comparado os dois períodos, tem como característica a preocupação com a imagem (*selfies*), expressões de reforço de seu país de origem e de vida social ativa. Bem como, as postagens a respeito da cultura local são intencionalmente publicadas apenas no Instagram, pois os usuários que gostaria de atingir estão nesta ferramenta. Já os de Transição Reprimida, percebem/definem sua identidade e sua relação com a cultura de seu país de origem, de uma forma discreta, contida, com baixa expressão na ferramenta e poucos posts. Existe uma apreensão visível por parte deste perfil, em manter uma imagem controlada e que não gere crítica perante aos demais usuários. Tanto os de Transição Expressiva quanto os de Reprimida, evidenciaram não realizar postagens de caráter crítico/social na ferramenta Facebook, por motivos que variam desde a crença que este tipo de atitude não fará diferença em termos sociais até a preocupação com a visão de terceiros.

Considerou-se relevante a realização desta análise, tendo em vista aos acontecimentos no meio offline, ou seja, de aspectos em que há divisão em grupos sociais, preconceitos, estereótipos e manifestações de segregação racial existente no contexto português, bem como dentro do meio acadêmico. Da mesma forma visto a ausência de dados étnico raciais em Portugal, não foi possível incluir determinadas informações que seriam relevantes para fortalecer o objetivo desta análise.

Neste estudo, o cenário utilizado foi a universidade ISCTE, que por sua vez possui acesso e programas de apoio aos estudantes do PALOP, por meio de bolsas de estudo entre outras atividades que visam a integração. Entretanto, ainda assim, é visível que a quantidade de estudantes, visualmente, brancos é dominante comparado aos estudantes negros (muitos dos PALOP), como consequência, comportamentos entre os estudantes que demonstram segregação e assimilação são frequentes. Como um aspecto de oportunidade de melhoria para este estudo, sugere-se a realização de uma análise mais abrangente incluindo uma quantidade mais significativa de entrevistados, bem como outras universidades para além do ISCTE.

As manifestações de diferenciação racial que foram expressadas ao longo da entrevista justificam que a quantidade majoritária destes estudantes negros entrevistados, percebam que houve uma mudança de comportamento online quando estes ingressaram no meio acadêmico. Da mesma forma, a existência de uma conduta reprimida e calculada é consequência direta da “repressão virtual” que estes estudantes estão vivendo no ambiente offline, e consequentemente, repercutido no online. O cenário social, de divisão grupal, o sentimento de rejeição que estes estudantes presenciam no ambiente universitário, reflete-se, na forma com que estes se comportam em sua *timeline*. Desde expressões de autodeterminação de sua *self* e de representações de uma vida social intensa, bem como, a baixa expressividade e atuação reprimida. Independente de um lado as manifestações e o comportamento do ponto de vista de integração social, aparentar ser positiva no caso do perfil dos que são Expressivos (TES) do ponto de vista de sua transição e negativa no caso dos Reprimidos (TRS), a origem dessa mudança de atitude na *timeline* é única, ou seja, a mesma: a necessidade de adaptação a um ambiente onde a sua origem étnico-racial e classe social de origem estão sub-representadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alejandro Portes and Zhou, Min (1993), *The New Second Generation: Segmented Assimilation and Its Variants*, pp. 76.
- Allport, G. W. (1954/1979), *The Nature of Prejudice*. Cambridge, MA: Addison-Wesley.
- Alves, E. P. (2015), *Estudantes Internacionais no Ensino Superior Português: Motivações, Expectativas, Acolhimento e Desempenho*, Lisboa, Alto-Comissariado para as Migrações.
- Amaral, Inês (2009), “A era dos self media”, *Portas*, (Online), 3, 3, pp. 33. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/270892844_A_era_dos_Self_Media, consultado em 23.04.2018.
- Anthias, Floya (1999), “Institutional Racism, Power and Accountability”, *Sociological Research* (Online), 4, 1. Disponível em: <http://www.socresonline.org.uk/4/lawrence//anthias.html>, consultado em 27.06.2019.
- Artur Matuck e Meucci, Arthur (2005), “A criação de identidades virtuais através das linguagens digitais”. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, 2, 4, julho/2005, pp. 157-182.
- Atkin, Albert (2014), *The Philosophy of Race*, New York, Routledge.
- Atkin, Karl (2019), Institutional racism policy and practice. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/253974934_Institutional_racism_policy_and_practice, consultado em: 07.08.19.
- A. B. Costa, e Faria, M. L. (org.) (2012), *Formação superior e desenvolvimento: estudantes universitários africanos em Portugal*, Coimbra, Almedina.
- Baganha, Maria Ioannis (2005), Política de imigração: A regulação dos fluxos, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 73.
- Barbarin, Oscar (1976), “Race and Social Climate as Determinants of Effective Adaptation in a University Setting”, in *Third Conference on Empirical Research in Black Psychology*, (Online). Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=2fJ1AAAAMAAJ&hl=pt&pg=GBS.PP5>, consultado em: 20.08.2019.
- Barbarin, Oscar (1981), “Institutional Racism and Community Competence” in *Community Competence: An Individual Systems Model of Institutional Racism*. Disponível em: https://www.research.net/publication/234674047_Institutional_Racism_and_Community_Competence, consultado em: 18.06.2019.
- Bardin, Laurence (2006). *Análise de conteúdo*, Lisboa, Edições 70.
- Barros, L. H. A. (2013), *O Impacto do Lusotropicalismo e Outras Ideologias na Administração do Ultramar Português*.
- Bauman, Zygmunt (2005). *Identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. pp. 51.
- Bennett, P. R. and Lutz, A. (2009), “How African American is the net black advantage? Differences in college attendance among immigrant blacks, native blacks and whites”, *Sociology of Education*, 82, 1.
- Boyd, D. (2002), *Faceted id/entity: Managing representation in a digital world*, Dissertação de Mestrado em Master of Science in Media Arts and Sciences, Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts.
- Bronfenbrenner, U. (1977), “Toward an Experimental Ecology of Human Development”, *American Psychologist*, 32, 7 pp. 513-531.
- Buckingham, D. (2008b), “Introducing identity” in D. Buckingham (ed.), *Youth, Identity, and Digital Media*, pp. 1-22, Cambridge, MA: The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Series on Digital Media and Learning. doi:10.1162/dmal.9780262524834.001.
- Cabecinhas, R. (2003), *Categorização e diferenciação: a percepção do estatuto social de diferentes grupos étnicos em Portugal*, pp.18;20.

- Cardoso, Gustavo (2003), *O que é a Internet*, Lisboa, Quimera.
- Carmichael, S. and C., Hamilton (1968), *Black Power: The Political Liberation in America*. Boston, Cape.
- Carolyn Abram e Karasavas, Amy (2018), *Facebook for Dummies*, New Jersey, John Wiley & Sons, Inc. Hoboken.
- Casa-Nova, M. J. (1999), *Etnicidade, género e escolaridade: estudo em torno das socializações familiares de género numa comunidade cigana da periferia da cidade do Porto*. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto.
- Casa-Nova, M. J. (2001a), “Etnicidade e classes sociais: em torno do valor heurístico da conceptualização da etnia como categoria social.” *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, 16, p. 6382.
- Casa-Nova, M. J. (2001b), “Sociedades e escolas multiculturais: esboço de um quadro teórico para análise das práticas”, *Revista de Administração Educacional*, 1, 7, Recife, BR, p. 69-90.
- Casa-Nova, M. J. (2002), *Etnicidade, género e escolaridade*. Lisboa, IIE.
- Casa-Nova, M. J. (2003a), “Ciganos, escola e mercado de trabalho”, *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, Braga, 7, 10, 8, p. 252-268.
- Casa-Nova, M. J. (2003b), “Construindo a educação inter/multicultural crítica”, comunicação apresentada no *Colóquio da AFIRSE/AIPELF*, 12, Lisboa. A formação de professores à luz da investigação: actas... Lisboa: AFIRSE, 2, p. 1150-1158.
- Casa-Nova, M. J. (2004a), “Etnicidade e educação familiar: o caso dos ciganos.”, comunicação apresentada no *Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia*, 5, Braga. Actas... Braga, Universidade do Minho. No prelo.
- Casa-Nova, M. J. (2004b), Gypsy culture, children, schooling and life opportunities, in Carrasco, S. (ed.), *Between diversity and inequality: children's experiences of life and school in multicultural Europe*, Barcelona, CIIMU. Disponível em <http://www.ciimu.org>, consultado em: 21 mai. 2019. No prelo.
- Castells, Manuel (2001), *The internet Galaxy: Reflections on the internet, Business and Society*, Michigan, Oxford University Press.
- Castells, Manuel (2004), “Informationalism, Networks and The Network Society: a theoretical blueprint”, *The network society: a cross-cultural perspective*, Northampton, Edward Elgar.
- Castelo, Cláudia (2011), *O Modo Português de Estar no mundo*, Lisboa, Afrontamento.
- Catarina Oliveira e Gomes, Natália (2016), “Indicadores de Integração dos Imigrantes”, *Relatório Estatístico Anual. Observatório das migrações, Migrações em números*, (Online). Disponível em: https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/383402/Relat%C3%B3rio+Estat%C3%ADstico+Anual+2016_.pdf/f276bae0-d128-43b5-8558-cdb410249fd2, consultado em 24.04.2018.
- Charles Ragin e Griffin, Larry (1994), “Formal Methods of Qualitative Analysis”. Coleção Editada. *Special Issue of Sociological Methods and Research*, 23, 01. pp.31-54.
- Corrin, Linda et. al (2010), “Technological Diversity: An Investigation of Students’ Technology Use in Everyday Life and Academic Study”, *Learning, Media and Technology*, 35, 4, pp. 387-401.
- Cortesão, Luiza e Natércia Pacheco (1990), “O conceito de educação intercultural. Interculturalismo e Realidade Portuguesa”, *Inovação: revista do Instituto de Inovação Educacional*, 4, 2, pp. 31-44, Instituto de Inovação Educacional.
- Cunha, Manuela (2000). “A natureza da “raça”. Sociedade e Cultura 2”. *Cadernos do Noroeste*, 13.
- Danah Boyd e Ellison, Nicole (2007). “Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship”, *Journal of Computer-Mediated Communication*, Indiana, (Online), 13, 1. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/journal/10836101>, consultado em 23.04.2018.

- Davis, K. (2014), *Youth Identities in a Digital Age: The Anchoring Role of Friends in Young People's Approaches to Online Identity Expression*, University of Washington. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/271194175_Youth_Identities_in_a_Digital_Age_The_Anchoring_Role_of_Friends_in_Young_People%27s_Approaches_to_Online_Identity_Expression?enrichId=rgreq-32b13ae57c328e00a97ff4ef12f672b7-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzI3MTE5NDE3NTtBUzoyNDAwODE5NjEyMjIxNDRAMTQzNDI1MTQwODk5MA%3D%3D&el=1_x_2&_esc=publicationCoverPdf, consultado em 10.05.2019.
- Deschamps, J.-C. (1987), "L'individuel et le collectif dans representation de soi", in J. Kellerhals, *et al.* (orgs), *La représentation de soi. Études de sociologie et d'ethnologie*, Genova, Universidade de Genova.
- DGEEC (Direção Geral de Estatísticas de Educação e Ciência) de 2016/2017. Disponível em: <http://www.dgeec.mec.pt/np4/home>, consultado em: 25.07.2019.
- Domingues, Ana. L. (2013), *Imagens associadas às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Comunitária, Lisboa, Programa de Pós-graduação em Psicologia Comunitária Protecção de Menores. Instituto Universitário de Lisboa, (Online). Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/7498>, consultado em 25.04.2018.
- Duane Alwin, and Luther, Otto (1977), *High School Context Effects on Aspirations*, Sociology.
- Eco, U. (1989), *Psicologia do Vestir*, Lisboa, Assírio e Alvim.
- Ferreira, Lúcia Évora (2008), "O direito ao sucesso: jovens cabo-verdianos no contexto educativo português" em Pedro Góis (org.), *Comunidade(s) Cabo-Verdiana(s): as Múltiplas Faces da Imigração CaboVerdiana*, Lisboa, ACIDI, pp. 137-154.
- Ferreira, V.S (2003), "Transições entre a escola e o trabalho", em Jorge Vala (org.) Vítor Sérgio Ferreira, Marcus Eugêneo Lima e Diniz Lopes (2003), *Simetrias e Identidades: Jovens Negros em Portugal*, Oeiras, Celta/IPJ, pp. 101-142.
- Fialho, Joaquim (2015), "Pressupostos para construção de uma sociologia das redes sociais", *Sociologia Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, (Online), 29. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/1297>, consultado em 22.04.2018.
- Fiman, Byron (1976), Chapter 17 in "The Difference Indicator: Quantitative Index of Institutional Racism" in *Institutional Racism and Community Competence*, U.S. Department of health and human services. DHHS Publication No.4ADM), pp. 81-907, Printed 1981.
- Fischer, M. J. (2007), "Settling into campus life: differences by race/ethnicity in college involvement and outcomes", *Journal of Higher Education*, 78, 2, pp. 125-161.
- Foddy, W. (1996), *Como Perguntar: Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*, Oeiras, Celta.
- Ford, R (1989), *A Workshop on Multicultural Education*.
- Foster, Michele (1990), "The Politics of Race: Through the Eyes of African-American Teachers", *Journal of Education*, 172, pp. 123-41.
- Foster, Michele (1997), *Black Teachers on Teaching*, New York: New Press.

- Fred Stutzman; Gross, Ralph e Acquisti, Alessandro (2012), "Silent Listeners: The Evolution of Privacy and Disclosure on Facebook", *Journal of Privacy and Confidentiality*, 4, 2, pp. 7–41. Disponível em: <http://repository.cmu.edu/jpc>, consultado em 04.07.2019.
- Gans, Herbert J. (2005), *Deciding What's News: A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek, and Time*, s.l., Northwestern University Press.
- G. R. Adams and Marshall, S. K. (1996), A Developmental Social Psychology of Identity: Understanding the Person-in-Context, *Journal of Adolescence*, 19, 5, pp. 429-442.
- Gamoran, Adam (1992), "Social Factors in Education.", in *Encyclopedia of Educational Research*, pp. 1222-29, New York, Macmillan.
- Gibson, M. A. and Jack Ogbu, J. (Eds.) (1991), *Minority Status and Schooling: a Comparative Study of Immigrant and Involuntary Minorities*, New York, Garland.
- Giddens, A. (1989), *A Constituição da Sociedade*, São Paulo, Livraria Martins Fontes.
- Giddens, A. (1991), *As Consequências da Modernidade*, São Paulo, UNESP.
- Giddens, A. (1994), "Risco, confiança e reflexividade", em A. Giddens, U Beck & S Lash (orgs.). *Modernidade reflexiva*,. Editora Unesp, São Paulo.
- Giddens, A. (1998), *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta.
- Giddens, A. (2000a), *Dualidade da Estrutura – Agência e Estrutura –*, Oeiras, Celta.
- Giddens, A. (2000b), *O mundo na era da globalização*, Lisboa, Presença.
- Giddens, A. (2001), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta.
- Giddens, A. (2002), *Modernidade e identidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Giddens, A. (2009), "On Rereading The Presentation of Self: Some Reflections", *Social Psychology Quarters*, 72, 4, pp. 290-295, (Online). Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/019027250907200402>, consultado em: 22.07.2019.
- Gillborn, David (1995), *Racism and Antiracism in Real Schools: Theory, Policy, Practice*. Buckingham, Open University Press, Atlas de Educação. Contextos Sociais e locais do sucesso e insucesso. Edição 2017.
- Gillborn, David (2005), Education policy as an act of white supremacy: Whiteness, critical race theory and education reform, *Journal of Education Policy*, 20, 4, pp. 485–505.
- Gillborn, David (2006), Citizenship education as placebo: 'standards', institutional racism and education policy, *The Journal Education, Citizenship & Social Justice*, 1, 1, march/2006, Institute of Education, University of London.
- Goffman, Erving (1959), "The presentation of self in everyday life", in Craig Calhoun *et.al* (orgs.), *Contemporary Sociological Theory*, Oxford, Wiley-Blackwell.
- Goffman, Erving (1974), *Frame analysis*, Nova York, Harper & Row.
- Goffman, Erving (1985), *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*, Petrópolis-RJ, Vozes.
- Goldsmith, Pat António (2004), Schools' Racial Mix, Students' Optimism, and the Black-White and Latino-White Achievement Gaps. *Sociology of Education*, 77, 2, abril/2004, pp. 121-147. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3649382>, consultado em 19.06.2019.
- Gomes, Sandra (2013), *Futuros convergentes? Processos, dinâmicas e perfis de construção das orientações escolares e profissionais de jovens descendentes de imigrantes em Portugal*, Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em Sociologia.
- Griffith, D. M. *et. al* (2007), Racism in organizations: The case of a county public health department, *Journal of Community Psychology*, 35, 3, 291–306.
- Hall, Stuart (2005), *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A.

- Hall, Stuart (2014), *A identidade cultural na pós-modernidade*, Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro, Rio de Janeiro, Lamparina.
- Hall, Stuart (2016), *Cultura e Representação*, Rio de Janeiro, Apicuri.
- Henriques, Joana (2017), “Racismo à portuguesa IV”, *Público - Comunicação S.A.*, 9 de setembro de 2017. Disponível em: http://saladeimprensa.ces.uc.pt/ficheiros/noticias/17976_Publico_Porto-20170909_racismo.pdf, consultado em: 24.08.2019.
- Henriques, Julian (2018), “Social Psychology and the Politics of Racism”, in Henriques, J. et. al, *Changing the Subject, Psychology, Social Regulation and Subjectivity*. London, Routledge, pp. 60-90.
- Hogan, B. (2010), The presentation of self in the age of social media: distinguishing performances and exhibitions online, *Bulletin of Science, Technology & Society*, 30, 6 pp. 377–386.
http://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/383402/Relat%C3%B3rio+Estat%C3%ADstico+Anual+2016_.pdf/f276bae0-d128-43b5-8558-cdb410249fd2, consultado em 24.04.2018.
- Jackson, M. (2012), “Bold Choices. How Ethnic inequalities in educational attainment are suppressed”, *Oxford Review of Education*, 38, 2.
- James Coleman et. al (1966), *Equality of Educational Opportunity*, Washington, DC: U.S. Government Printing Office.
- Jerônimo, Miguel (2009), *Livros Brancos, Almas Negras – A «Missão Civilizadora» do Colonialismo Português c. 1870-1930*.
- Jones, J. M. (1997), *Prejudice and racism*, New York, McGraw-Hill Companies.
- Jorge Vala e Lima, Marcus E. (2002), “Individualismo meritocrático, diferenciação cultural e racismo”, *Análise Social*, 27, 162.
- Jorge Vala e Lima, Marcus E. (2004), “As novas formas de expressão do preconceito e do racismo”, *Estudos de Psicologia, Universidade Federal de Sergipe e Universidade de Lisboa*, 9, 3.
- Jorge Vala; Brito, Rodrigo e Lopes, Diniz (2015), “Expressões dos Racismos em Portugal”, *Imprensa de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, (Online), 2.
- Joyce C.; Claiborne, Allen and Taylor, Jerome (1976), Chapter 16 in “The Racialistic Incidents Inventory: Measuring Awareness of Racism” in *Institutional Racism and Community Competence*, U.S. department of health and human services. DHHS Publication No.4ADM), pp. 81-907, Printed 1981.
- Kaid, Lynda Lee (2004), *Handbook of Political Communication Research*, University of Florida, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, London.
- Kao, Grace (2000), “Group images and possible selves among adolescents: linking stereotypes to expectations by race and ethnicity”, *Sociological Forum*, 15, 407-430.
- Katz, D. e Braly, K. W. (1933), “Racial stereotypes of one hundred college students”, *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 28, pp. 280-290.
- Katz, D. e Braly, K. W. (1935), “Racial prejudice and racial stereotypes”, *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 30, pp. 175-193.
- Kelly, J. G. (1966), “Ecological constraints on mental health services”, *American Psychologist*, 21, pp. 535-539.
- Lévy, P. (1999), *Cibercultura*, Rio de Janeiro, s.n.
- Ley, A (1974), *The Black Inner City as Frontier Outpost Washington, D.C.*, Association of American Geographers.
- Lippmann, Walter (1922/1961), *Public Opinion*, Nova Iorque, Free Press.
- López, Ian (1999), *Institutional Racism: Judicial Conduct and a New Theory of Racial Discrimination*, Faculty Scholarship. Disponível em: <https://scholarship.law.berkeley.edu/facpubs>, consultado em: 25.07.2019.

- M. Rothbart e Taylor, M. (1992), Category labels and social reality: “Do we view social categories as natural kinds?” In G. R. Semin, e K. Fiedler (eds.), *Language, interaction, and social cognition*. Londres: Sage.
- Machado, F. L. (2002), *Contrastes e continuidades*, Oeiras, Celta Editora, 2002.
- Machado, F; Matias, A e Leal, S. (2005), “Desigualdades sociais e diferenças culturais: os resultados escolares dos filhos de imigrantes africanos”, *Análise Social*, vol. XL (176), pp. 695-714.
- Machado, Fernando et. al (2003) “Classes sociais e estudantes universitários: Origens, oportunidades e orientações”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66.
- Machado, Fernando. L. (1997), “Contornos e especificidades da imigração em Portugal”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, 24, pp. 9-44.
- Machado, Fernando. L. (2008), “Filhos de imigrantes africanos no mercado de trabalho: Acessos, perfis e trajectos”, *Migrações*, 2, pp. 121-158.
- Machado, Fernando L. (2009), “Quarenta anos de imigração africana: um balanço”, *Ler História*, 53, pp. 135- 165.
- MacPherson, W. (1999), *The stephen lawrence inquiry*, London, Stationery Office Limited.
- Maeso, S e Araújo, M. (2013), *A quadratura do círculo: (anti)racismo, imigração e a(s) política(s) da integração em Portugal nos anos 2000*. Centro de estudos sociais -Laboratório Associado Universidade de Coimbra. Oficina n.º 407.
- Marques, João P. (1999), “Os Sons do Silêncio: o Portugal de Oitocentos e a Abolição do Tráfico de Escravos”, *Instituto de Ciências Sociais*, Lisboa.
- Marques, João P. (2004), “Os dois racismos dos portugueses”, *Sapientia: Repositório da Universidade do Algarve*, (Online). Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/4290>, consultado em 26.04.2018.
- Martins, B. e Cardina M. (2018), *As Voltas do Passado*, Lisboa, Tinta da China.
- Marwick., A and Boyd, D. (2014), “Networked privacy: how teenagers negotiate context in social media”, *New Media & Society*, 16, 7.
- Mattoso, José (1997), *O Estado Novo*. Porto, Estampa.
- Meneses (2010), *O ‘indígena’ africano e o colono ‘europeu’: a construção da diferença por processos legais*, Centro de Estudos Sociais. Coimbra.
- Midões, Miguel (2008), *Caso Esmeralda e a Espiral do Silêncio de Elisabeth Noelle-Neumann*, Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. (Online). Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/midoes-miguel-caso-esmeralda-espiral-do-silencio.pdf>, consultado em: 09.08.2019.
- Miles, R. (1989), *Racism*. London, Routledge.
- Moscovici, Serge (1976), *A representação social da psicanálise*, Rio de Janeiro, Zahar, pp. 291.
- Moscovici, Serge (2003), *Representações sociais: investigações em psicologia social*, Petrópolis, RJ, Vozes, p.404.
- Neumann, Elisabeth (1995), *La Espiral del Silencio*, Opinión Publica: nuestra peil so-cial, Paidós, Barcelona.
- Nóbrega, Livia. P (2010), “A Construção de identidades nas redes sociais”, *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, 20, 1/2, pp. 95-102.
- Ogbu, J. (2003), *Black American Students in a Affluent Suburb: A study of academic Disengagement*, Mahwah, Nova Jersey e Londres, Lawrence Erlbaum Associates.
- Osler, Audrey (2000), *Inspecting Schools for Race Equality*, Stoke-on-Trent, United Kingdom, Institute of Education Press.
- Pedreira, I. (2013), *Estudantes da CPLP no ensino superior em Portugal: tendências de evolução e perfis sociais*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, ISCTE. Disponível em: [www:http://hdl.handle.net/10071/6399](http://hdl.handle.net/10071/6399), consultado em: 13.06.19.
- Pires, Rui Pena et. al (1984), *Os retornados. Um estudo sociográfico*. Lisboa, IED.

- Prensky, Marc. (2001a), "Digital Natives, Digital Immigrants part I", *On the Horizon*, 9, 5, pp. 1-6.
- Prensky, Marc. (2001b), "Digital Natives, Digital Immigrants part II. Do they Really Think Differently?" *On the Horizon*, 9, 6, pp. 1-6.
- Rajendra Banepali; Subarna Shakya e Sharma Gajendra (2017), Network Analysis in Relationship Dynamics and Digital Social Identity in Youths, *Journal of the Institute of Engineering*, 13, 1, pp. 225-231, © TUTA/IOE/PCU.
- Raymond Quivy e Campenhoudt, LucVan (1995), *Manual de investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, pp. 191.
- Ribeiro, Margarida (2005), "Uma História de Regressos", *Edições Afrontamento*, 08, agosto/2005.
- Robards, Brady and Benett, Andy (2014), *Mediated Youth Cultures: The Internet, Belonging and New Cultural Configurations*, s.l., Palgrave Macmillan.
- Robards, Brady and Lincoln, Siân (2017), "Uncovering longitudinal life narratives: scrolling back on Facebook", *Sage Publications*, 17, 6 pp. 715-730. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1468794117700707>, consultado em 26.06.2019.
- Rudd, Peter e Karen Evans (1998), "Structure and agency in youth transitions: student experiences of vocational further education", *Journal of Youth Studies*, 1, 1, pp. 39-62.
- S. Fordham e Ogbu, J. (1986), "“Black Students” School success: coping with the burden of “acting white”", *The Urban Review*, 18, 176-206.
- Santos, Boaventura de Sousa (1993), "O Estado, as relações salariais e o bem-estar social na semiperiferia: o caso português", em Boaventura de Sousa Santos (org.), *Portugal: Um retrato singular*, Afrontamento, pp. 17-56.
- Sarup, Madan (1991), *Education and the Ideologies of Racism*, Stoke-on-Trent: Trentham Books.
- Seabra et. al (org.) (2016), *Caminhos escolares de jovens africanos (Palop) que acedem ao ensino superior*, (estudos 57), Ed. Alto- comissariado para as migrações I.P (ACM, I.P.), Lisboa.
- Sivanandan, A. (1974), *Race*. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/030639687401500401>, consultado em: 27.07.2019.
- Tajfel, Henri (1974), "Social identity and intergroup behavior", *Social Science Information*, 13, pp. 65-93.
- Tajfel, Henri (1981/1983), *Grupos humanos e categorias sociais*, vol. 1 e 2, Lisboa, Livros.
- Thomson, R. et. al (2002), "Critical moments: choice, chance and opportunity in young people's narratives of transition", *Sociology*, 36, 2, pp. 335-354.
- Tinhorão, José. R. (1988/1997) *Os negros em Portugal: Uma presença silenciosa*, Lisboa, Caminho. pp. 107.
- Triviños, Augusto N. (1987), *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*, São Paulo, Atlas.
- Vala, Jorge (org.) (1999), *Novos Racismos. Perspectivas Comparativas*. Oeiras, Celta.
- Vala, Jorge et. al (2008), *A construção social das diferenças nas relações entre grupos sociais*, s.l., s.n.
- Vala, Jorge. (org.); Ferreira, V. S.; Lima, M. E. e Lopes, D. (2003), *Simetrias e Identidades: Jovens Negros em Portugal*, Oeiras, Celta/IPJ.
- Van Dijk, Teun A. (2006), "Discurso de las élites y racismo institucional" en Lario Bastida, Manuel (coord.). *Medios de comunicación e inmigración*. Murcia: Convivir sin racismo.
- Vasconcelos, João (2012), "Cadernos de Estudos Africanos", *Centro de Estudos Africanos do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa*, 24, pp.15-23.
- Walter (1985). Disponível em: <https://estereotipos.net/tag/exogrupo/>, acesso em: 22.05.2018.
- Warburton, S. et. al (2010), *Digital Identity Matters*, London, King's College. Disponível em: http://digitaldisruptions.org/rhizome/wpcontent/uploads/2010/06/rhiz08_DigitalIdentityMatters.pdf, consultado em 02.07.2019

ANEXOS

ANEXO I - Guião de entrevista

Passos necessários	Descrição
Enquadramento da entrevista	As entrevistas realizadas pretendem dar resposta ao seguinte problema de estudo: “Investigar se em um processo de transição para o ambiente universitário que implica uma socialização numa cultura estudantil marcadamente branca, pode suscitar formas distintas de expressão e representação identitária por meio da timeline do facebook de estudantes negros”. A importância da entrevista advém dos entrevistados serem estudantes no nível de ensino superior que podem vir a se identificar como negros.
Definição dos objetivos da entrevista	Dar resposta às questões de investigação colocadas: 1. Quais são os conteúdos/temas mais frequentemente expressados através da <i>timeline</i> do seu Facebook durante o período universitário e anterior a este e se os entrevistados percebem diferenças? 2. Identificar temas/conteúdos que remetam a aspectos de afirmação identitária negra, bem como sua representação de identidade online por meio da <i>timeline</i> a partir da percepção destes indivíduos e de que forma são expressados; 3. Investigar indícios de conteúdos/temas propositalmente publicados e/ou com objetivos de criticar a sociedade e seus modos de operar?
Entrevistados	Alunos do ensino superior da universidade ISCTE que podem vir a se identificar como negros.
Entrevistadores	Mestranda do 2º ano do curso de Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação.

Prazo	O prazo foi estabelecido até 31 de maio.
Condições logísticas	Impressão do formulário. Impressões de guiões. Utilização de gravador de áudio do telemovel.

Decisão	Passos necessários	Descrição
	Propósito	Problema de estudo: “Investigar se em um processo de transição para o ambiente universitário que implica uma socialização numa cultura estudantil marcadamente branca, pode suscitar formas distintas de expressão e representação identitária por meio da timeline do facebook de estudantes negros”. Objetivo - dar resposta às três questões de investigação: 1. Quais são os conteúdos/temas mais frequentemente expressados através da <i>timeline</i> do seu Facebook durante o período universitário e anterior a este e se os entrevistados percebem diferenças? 2. Identificar temas/conteúdos que remetam a aspectos de afirmação identitária negra, bem como sua representação de identidade online por meio da <i>timeline</i> a partir da percepção destes indivíduos e de que forma são expressados; 3. Investigar indícios de conteúdos/temas propositalmente publicados e/ou com objetivos de criticar a sociedade e seus modos de operar? Dimensão: abrangência local: (01 estabelecimento de ensino)

Entrevistados	Alunos do ensino superior que podem se identificar como negros. - Estes podem ser de diferentes áreas de ensino. - Estes podem ser de diferentes idades. - Estes podem ser de diferentes anos letivos. - Estes podem ser de diferentes origens étnicas. - Devem estar inscritos no facebook por pelo menos mais de 03 anos. - uma amostra de 10 entrevistados por um entrevistador: 05 homens e 05 mulheres.
Meio de comunicação	Tipo – oral (gravada, se com consentimento) e escrita. Será utilizado o computador da entrevistadora para que seja feito o momento de rolagem da <i>timeline</i> + computador de apoio para escrever observações. Espaço – espaço reservado (uma sala) no edifício escolar. Momento – a definir com o entrevistado.
Tempo da entrevista	No máx. 45 minutos.

Elaboração	Entrevista	Variáveis a serem estudadas: - Aspectos que expressam momento de transição para o ensino superior na percepção dos entrevistados quando realizada a rolagem da sua timeline; - Identificação de expressões específicas que podem remeter à afirmação, identidade e crítica por meio da timeline através dos posts/conteúdos; Descrição dos itens: - Elaboração de questões agrupadas em categorias e em subcategorias pré-definidas e sujeitas a revisão. - Considerar expectativas do entrevistador. - Resumir o discurso oportunamente.
------------	------------	--

	Marcação da entrevista Entrar em contato com os entrevistados para agendar o horário e data para o mês de maio/2019.
--	--

Elaboração	Entrevista	Variáveis a serem estudadas: - Aspectos que expressam momento de transição para o ensino superior na percepção dos entrevistados quando realizada a rolagem da sua timeline; - Identificação de expressões específicas que podem remeter à afirmação, identidade e crítica por meio da timeline através dos posts/conteúdos; Descrição dos itens: - Elaboração de questões agrupadas em categorias e em subcategorias pré-definidas e sujeitas a revisão. - Considerar expectativas do entrevistador. - Resumir o discurso oportunamente.
	Marcação da entrevista	Entrar em contato com os entrevistados para agendar o horário e data para o mês de maio/2019.
Realização	Critérios gerais a ter em conta	“As questões abertas permitem aos inquiridos expressarem exatamente o que lhe vem à cabeça sem sofrer influências de sugestões avançadas pelo investigador”.(Foddy, 1996, p.2) Embora seja apenas feita uma análise de conteúdo às palavras transcritas do entrevistado, deve-se ter em conta: O estado de espírito do entrevistado (confiança, confusão, constrangimento...). - Contradições do entrevistado. - Momentos em que o entrevistado manifesta as suas emoções. - Linguagem corporal. -Tonalidade e ritmo da linguagem do entrevistando. - Género de linguagem utilizada. - Ambiente onde a entrevista é realizada.

Aspectos formais a ter em conta	Apresentação: - Criar um ambiente descontraído, mostrando gentileza e atenção para com o entrevistado. - Manter o profissionalismo, procurando levar o entrevistado a responder às questões e esclarecendo dúvidas que este possa ter. Descrição do projeto: - Referir o âmbito da entrevista. Consentimento: - Solicitar a autorização do entrevistado para gravar e transcrever. Decorrer da entrevista: - Ajudar o entrevistado a expressar-se claramente. - Focar o entrevistado nos tópicos principais. - Estimular o entrevistado a expor mais acerca dos tópicos mais importantes. Terminar a entrevista: - Atender ao limite de tempo da entrevista. - Fazer um apanhado das ideias principais. - Apresentar um agradecimento final. Tomar notas: - Anotar as disposições corporais e emocionais do entrevistado.
------------------------------------	--

	-Solicitar a autorização do entrevistado para gravar e transcrever. Decorrer da entrevista: - Ajudar o entrevistado a expressar-se claramente. - Focar o entrevistado nos tópicos principais. - Estimular o entrevistado a expor mais acerca dos tópicos mais importantes. Terminar a entrevista: - Atender ao limite de tempo da entrevista. - Fazer um apanhado das ideias principais. - Apresentar um agradecimento final. Tomar notas: - Anotar as disposições corporais e emocionais do entrevistado.
--	--

Problema de estudo:

“Investigar se em um processo de transição para o ambiente universitário que implica uma socialização numa cultura estudantil marcadamente branca, pode suscitar formas distintas de expressão e representação identitária por meio da *timeline* do facebook de estudantes negros”.

Questões de investigação:

1. Quais são os conteúdos/temas mais frequentemente expressados através da *timeline* do seu Facebook durante o período universitário e anterior a este e se os entrevistados percebem diferenças?
2. Identificar temas/conteúdos que remetam a aspectos de afirmação identitária

negra, bem como sua representação de identidade online por meio da *timeline* a partir da percepção destes indivíduos e de que forma são expressados;

3. Investigar indícios de conteúdos/temas propositalmente publicados e/ou com objetivos de criticar a sociedade e seus modos de operar?

- **Tópicos gerais a avaliar:**

1. Quais são os conteúdos/temas mais frequentemente expressados através da *timeline* do seu Facebook durante o período universitário e anterior a este e se os entrevistados percebem diferenças?

1.1-Conteúdos/temas abordados com maior frequência. Identificar se existe um padrão.

1.2-Identificar se estes conteúdos são públicos ou privados, e se, na visão dos entrevistados reforça a sua identidade perante aos demais usuários online.

1.3- Existe alguma diferença com relação aos amigos que possuem na rede social enquanto presentes no ambiente universitário e ao período anterior?

2. Identificar temas/conteúdos que remetam a aspectos de afirmação identitária negra, bem como sua representação de identidade online por meio da *timeline* a partir da percepção destes indivíduos e de que forma são expressados:

2.1-Identificar se existem conteúdos que remetam às questões da cor da pele e de possíveis mudanças de cultura étnico-racial.

2.2- Observar se na visão dos entrevistados no momento da rolagem, quais são estes conteúdos que consideram de caráter afirmativo e se existe diferença a partir do momento que estes entraram no meio acadêmico.

2.3- Na visão dos entrevistados esses posts incentivam e manifestam a sua expressão de de identidade online no facebook? Em que medida?

3. Investigar indícios de conteúdos/temas propositalmente publicados e/ou com objetivos de criticar a sociedade e seus modos de operar?

3.1- Observar se estes conteúdos existem. Se positivo compreender quais são os impulsionadores para que esse conteúdo seja publicado e do contrário, compreender porque este tipo de conteúdo não é abordado.

3.2- Investigar se há uma diferença entre os dois períodos, anterior ao meio acadêmico e depois da entrada no meio acadêmico.

Guião da entrevista

1ª. Etapa: Entregar formulário para o entrevistado com as seguintes perguntas para preenchimento:

- Nome
- Idade
- País de origem
- Tempo de permanência em Lisboa
- Possui cidadania Portuguesa
- Se esta envolvido com algum tipo de ativismo ou causa social?
- Local de residência
- Profissão dos pais
- Possui algum trabalho?

2ª. Etapa: Conectar computador no perfil de facebook do entrevista. Posicionar o mesmo de frente à sua *timeline* e iniciar a rolagem de cima para baixo. Deixar o entrevistado por algum tempo realizar uma análise e reflexão sozinho enquanto ele pratica a rolagem e iniciar com as perguntas:

3ª. Etapa - perguntas:

1. Conteúdos/temas abordados com maior frequência e se existem aspectos visíveis

que expressem essa transição para o meio acadêmico por meio da rolagem da *timeline*:

- Que tipo de conteúdo você observa com mais frequência na sua *timeline*?
- Existe algum padrão e propósito para que estes conteúdos estejam sendo expressados com maior frequência?
- Estes conteúdos em sua maioria são públicos ou privados? Quais são estes e porquê da diferença?
- Você observa uma diferença nas temáticas/conteúdos manifestados na sua *timeline* a partir do momento que ingressou para o meio acadêmico? Existe algum motivo específico para isso?
- Estes conteúdos expressam a visão que os outros usuários têm de você dentro do meio online? E no meio offline? Existe alguma diferença?
- Grande parte dos amigos destes usuários são negros? Se possível informar uma porcentagem estimada. Existe alguma diferença quando comparados os dois períodos?

2. Identificar temas/conteúdos que remetam a aspectos de afirmação identitária negra, bem como sua representação de identidade online por meio da *timeline* a partir da percepção destes indivíduos e de que forma são expressados:

- Em que medida a cor da pele pode influenciar a postagem de determinados conteúdos? De que forma isso é manifestado?
- Estes já existiam antes da entrada no meio acadêmico? Existe alguma diferença quando analisados os dois períodos?
- Na sua visão esses conteúdos reforçam a expressão da sua identidade online, perante aos demais usuários?
- Em sua maioria esses conteúdos são públicos ou privados? Porque?

3- Investigar indícios de conteúdo/temas propositalmente publicados e/ou com objetivos de criticar a sociedade e seus modos de operar? E em que medida?

– Estes conteúdos existem?

- Existe alguma diferença visível de um período para o outro, em virtude da transição para o meio acadêmico?

- Se estes conteúdos existem, é importante na visão do entrevistado que estas informações sejam colocadas como forma também de reforçar sua identidade no Facebook?

- Quais ou qual conteúdo(s)/post(s) de seu *timeline* que você considera que esteve mais satisfeito e feliz? Acredita que isso representou bem seu estado de espírito perante aos seus amigos online?

- Quais ou qual conteúdo(s)/post(s) de seu *timeline* que você considera que esteve mais insatisfação e descontentamento? Acredita que isso representou bem seu estado de espírito perante aos seus amigos online?

- Existe algum conteúdo/post em sua *timeline* que reflita aspectos que considera de sucesso no meio acadêmico? E de insucesso? Quais são esses?

Legitimação da entrevista	Objectivos	Tópicos/exemplos de questões	Observações
	Legitimar a entrevista Informar sobre o âmbito do trabalho que conduziu à realização da entrevista	Como sabe encontro-me a frequentar o Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação do ISCTE e no âmbito da dissertação de mestrado necessito que seja solicitada esta entrevista junto aos alunos de ensino superior do 2º. Ano que se identificam como negros.	Frisar que se trata de um estudo e que os seus nomes reais não serão divulgados.
	Motivar o entrevistado	Necessitado da sua colaboração para que tenhamos um número maior de estudos que tratam das questões do negro dentro do meio académico, visto que a investigação por meio das questões de racismo e busca pela afirmação identitária são muito relevantes para que tenhamos uma sociedade mais igualitária.	Esclarecer: -Objetivo da entrevista. -Que não há respostas corretas ou erradas.
	Informar sobre a importância da participação do entrevistado	Esta entrevista é importante para confirmar e, eventualmente, aprofundar a literatura existente acerca desta matéria.	

Utilização dos dados recolhidos	Os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e anonimato.	Garantir a confidencialidade e anonimato do sujeito, a sua protecção e a não difusão dos registos. Solicitar o uso de maior sinceridade, sem qualquer tipo de preocupação com juízos de valor.
---------------------------------	---	--

Dados biográficos do entrevistado	Objetivo	Questões
	Características do Entrevistado	- Sexo (Feminino/Masculino): 05 mulheres e 05 homens. - Identificação com a raça negra. - Cursando o ensino superior no ISCTE. - Estar inscrito na rede social facebook em um tempo de no mínimo 03 anos.
	Possível relação entre respostas e itens descritos	- País de origem. - Profissão dos pais. - Local onde residem.

		- A existência da cidadania portuguesa. - Se possuem emprego além do estudo.
--	--	---

Passos subsequentes à realização da entrevista

Verificação dos requisitos dos dados	- Validade: Comparação com outros dados externos de importância. - Relevância: importância em relação aos objectivos propostos. - Clareza: referência a datas, curso, idade, nome dos locais do evento.
Tratamento dos dados	Análise das respostas às questões: - Transcrição da entrevista. - Análise de conteúdo da entrevista escrita, podendo utilizar as redes sociais novamente dos entrevistados.
Elaboração de relatório	- Explicitar metodologia. - Descrever recolha e tratamento de dados. - Apresentar a análise dos dados. - Realizar as conclusões.

ANEXO II - Respostas por entrevistado

1. Quais são os conteúdos/temas mais frequentemente expressados através da *timeline* do seu Facebook durante o período universitário e anterior a este e se os entrevistados percebem diferenças?

- a) Conteúdo na visão do entrevistado que é mais presente e frequente na sua respectiva timeline, considerando o período atual.

- **Entrevistado A:** Os posts mais frequentes são *selfies* e conteúdos com a família, bem como referente à cultura de São Tomé.
- **Entrevistado B:** Posts mais frequentes com amigos e de frases motivacionais.
- **Entrevistado C:** Posts de fotos em geral sozinho e de expressões culturais de Cabo Verde.
- **Entrevistado D:** Fotos postadas pela família. Entrevistado tem uma frequência de postagem muito baixa.

“Sim, é mesmo, pois no Facebook também, as coisas que colocamos, às vezes todas as pessoas veem, então eu fico um pouco menos à vontade de colocar qualquer coisa. Não tenho de mostrar a minha vida toda a eles. Sim, a maioria das coisas é minha mãe que me identifica, assim, mas mesmo assim não são tantas coisas”.

- **Entrevistado E:** Partilhamentos de conteúdos relacionados com futebol e da cultura de Cabo Verde.
- **Entrevistado F:** Publicação de fotos com amigos e fotos quando vai a algum local diferente, como viagens.
- **Entrevistado G:** Publicações marcadas por amigos, e não realizadas pelo próprio usuário.
- **Entrevistado H:** Publicações relacionadas a esportes.

b) Estes conteúdos em sua maioria são públicos ou privados? Quais são estes e existe algum motivo para esta diferença?

- **Entrevistado A:** Maioria público. Apenas uma vez fez um post privado que foi quando criou um álbum de fotos para a sua irmã mais nova.
- **Entrevistado B:** Maioria privado. Quando é algo fora do contexto acadêmico em geral apenas parentes e amigos próximos.
- **Entrevistado C:** Maioria dos posts atualmente privados. São restringidos apenas aos amigos. Mas os posts antigos eram públicos.

“Acho que as minhas fotos, por exemplo, que é o que eu mais posto agora, eram pra ser públicas, depois comecei a restringir só aos meus amigos mesmo.(...) E

aquelas publicações que eu publicava antigamente, e passei a não publicar, era público, era para todos verem”.

- **Entrevistado D:** Posts públicos visto que em maioria são compartilhados pela família.
- **Entrevistado E:** Não se preocupava com o conteúdo. Todos os posts eram públicos.
- **Entrevistado F:** Não se preocupava com o conteúdo. Todos os posts eram públicos.
- **Entrevistado G:** Todas as publicações são públicas.
- **Entrevistado H:** Maioria dos posts são públicos.

c) O entrevistado observa diferença nas temáticas/conteúdos manifestados na sua timeline a partir do momento que ingressou para o meio acadêmico? Existe algum motivo específico para isso?

- **Entrevistado A:** Antes de entrar na faculdade fazia muito mais posts com amigos e família. E depois que entrou no meio universitário começou a postar mais *selfies*.

“Sim eu acho que antes de eu entrar na faculdade eu fazia muito mais posts com amigos e família. E depois que eu entrei é muito mais selfies. Fiquei mais centrada em mim.. Sim, mas sempre com o lado familiar. Isso sempre. (...) Sim, porque conforme estava crescendo eu ficava cada vez mais ligada, assim, à minha imagem, né (...) Como distribuo minha imagem. E em coisas mais pessoais, por exemplo, eu às vezes posto, posto uma foto, mas eu quero mais ver os comentários da minha família, sempre. E também pra quem tá longe poder me acompanhar”.

- **Entrevistado B:** Depois que entrou no meio universitário sentiu necessidade de postar coisas que considera de conteúdo mais “sério” e de menos fotos com amigos. O entrevistado afirmou que desde o seu ingresso, sentiu necessidade de realizar postagens com frases de caráter motivacional, e que isso representa hoje em dia 80% do conteúdo de suas postagens.

“Antes não postava. Acho que foi desde do momento que entrei no ISCTE, comecei(...)O motivo talvez pelos comentários. Uhum. Comentários tipo...Vamos

ver...Que detonam a pessoa abaixo, ou por que...Como é que é possível tirar essa nota com a cor da tua pele?, infelizmente vindo de algumas pessoas. E às vezes isso me deixa um pouco abaixo”.

“Antes disso, na escola era tudo normal. Talvez porque se calhar já tava com eles desde o início, desde o primeiro ano, assim, né. Alguns desde o pré. E era como fossemos uma família”.

Também afirma que deixou de compartilhar conteúdos referentes a pessoas desaparecidas, doações de sangue etc.. pois acabou dando lugar ao conteúdo de caráter mais motivacional.

- **Entrevistado C:** Começou a compartilhar alguns conteúdos referentes a problemas sociais, mas de uma forma bastante conservadora. Considera que se tornou mais conservadora depois que entrou no meio acadêmico.

“Ahn, por exemplo houve uma altura depois que eu entrei que fui, por exemplo, partilhando, por exemplo, ideias, alguma situação né, que as pessoas pedem pra partilhar, alguma coisa que está acontecendo no mundo, e que traz indignação, assim, contextualização de alguns comportamentos vão estar ali para publicar, mas eu não ponho, normalmente quando eu vejo na rede social da pessoa eu partilho.(...) Sim, agora, assim, de minha autonomia, publicar alguma coisa, não”.

- **Entrevistado D:** Considera que se tornou mais adulta e amadurecida após ingresso no meio universitário, e por isso começou a postar com uma frequência ainda menor. Reforça que não sente mais necessidade de postar *selfies* e fotos pessoais.

“Só mudei, acho que eu fiquei um pouco mais adulta, mas isso também tem a ver com o fato de eu agora morar sozinha, eu antes morava com minha mãe, assim, então ligo, ligo muito menos para essas coisas. Vou no meu Instagram, vejo as coisas, vou no YouTube, vejo os vídeos que eu gosto, faço as coisas que eu gosto, mas nunca pensando em partilhar com as outras pessoas, pois tenho de ver porque quero, rio muito. Fico-me a rir sozinha em casa, e assim, mas é, não passa disso, só vejo e rio-me e acabou. Pois nós

também, agora não dou muita importância. Antes, de vez em quando eu ficava, tenho que tirar uma foto e colocar de vez em quando. Mas agora já não sinto nem essa necessidade. Eu tiro as minhas fotos, atualizo a minha foto, foto do WhatsApp, aquela fotinha que tem no WhatsApp, às vezes coloco na minha história do Instagram, mas é uma coisa que aparece na história, depois acabou, depois de 24 horas. Mas assim, para tirar uma foto para colocar, assim, já não, eu não faço isso há muito tempo, também”.

- **Entrevistado E:** O entrevistado percebe que diminui muito a sua quantidade de postagens depois que entrou no ISCTE.

“Exato. Eu hoje em dia já não, vá, como tinha dito antes (...) eu já não partilho, já não vou muito ao Facebook, já não uso muito o Facebook. É, desde que estou no ISCTE, deixei mesmo, porque esta rede social às vezes é um vício, né... Eu, em Cabo Verde até usava muito o Facebook. Quando cheguei cá, também, com outros objetivos, deixei de usar Facebook. Então, hoje em dia eu uso, mas não uso da mesma forma que antes, por exemplo. Não é a mesma coisa. Deixei, desde que estou no ISCTE, deixei de usar muito Facebook...”

- **Entrevistado F:** O entrevistado percebe que começou a realizar mais publicações depois que ingressou no ambiente universitário.

“Inicialmente eu não publicava, assim, muita coisa... Então eu não tinha muito acesso à internet, coisa assim. E era só mais de entrar e falar com algumas pessoas, assim, mas não publicava quase nada. Depois é que parti a Portugal, já, comecei a publicar mais coisas, festas, etc..coisas assim. Festas e amigos”

Mas ao mesmo tempo começou a cuidar com algumas publicações que eram colocadas no Facebook em virtude de sua mãe e familiares estarem utilizando a ferramenta. Também começou a utilizar a ferramenta para ficar mais próximo da família que está em Cabo Verde.

“E também, é coisas que é só nas festas, isso, não é uma coisa diária, e por exemplo, se tu tá a publicar com pessoas assim, ou conhecidos do Facebook, eles pensam, se calhar, começam a julgar ou a fazer...Ah, ele publicou isso, se calhar tá a fumar, tá a beber, todos os dias e isso... e eu digo à minha mãe, ah, que eu vou à festa, e isso, e que eu bebi... E ela diz, para eu não beber. Ao se ela me viu

a beber, pronto vai dar problema...Porque meu pai também tem problemas com álcool, ele tá sempre a beber, às vezes. ”

“Porque Facebook, assim, digamos, é mais familiar. Coisas assim mais familiares eu deixo aqui. Assim como amigos, coisas que não envolvem álcool ”.

- **Entrevistado G:** Usuário não teve muita uma frequência grande de uso da ferramenta. Mas afirma que antes de entrar no meio acadêmico, ou seja, quando estava em seu país de origem realizava mais publicações dentro daquele ambiente.

“Eu diria que na Guiné não partilhava muita coisa, assim, mas eu partilhava, em relação aqui, eu partilhava muito mais coisas em Guiné do que aqui, mas mesmo assim não partilhava assim tanta coisa, também. Porque aqui, partilhei, tô a contar... por aí, cinco publicações, desde que cheguei cá, em dois anos. Pois, em Guiné, em cada dois meses, três meses, eu partilhava alguma coisa, ou eu publicava alguma imagem ou vídeos, alguma coisa assim. Portanto eu diria que sim, em Guiné eu publicava mais do que cá. ”

Antes de ingressar no meio acadêmico postava mais coisas de cunho “engraçado” com os amigos de seu país de origem.

“Digamos que, mais sobre coisas engraçadas, né... Com os amigos, essas coisas assim. E como amigos locais, já não temos muitos contatos assim... Não posto muitas coisas com eles. Aqui ainda não tenho muitos amigos”.

- **Entrevistado H:** Entrevistado postava mais no Facebook quando estava em cabo verde, ou seja, antes de ingressar no meio universitário. Justifica que o motivo é que posta mais atualmente na ferramenta Instagram. Mas isso se referindo as fotos.

“É, desde que eu morava em Cabo Verde. Quando eu vivia em Cabo Verde, postava mais. Aqui eu posto mais no Instagram do que no Facebook”.

Também afirma que antes de ingressar no ambiente acadêmico realizava compartilhamento de poesias de sua própria autoria. Mas isso parou depois que entrou para a universidade.

“Sim. Até porque eu gostava mais de escrever, agora parei de escrever, essas coisas. É, poesia. E isso parou... ah, porque Facebook agora todo mundo consegue ter acesso às suas coisas, mesmo sem conhecer, sem nada. Por isso eu parei de postar muitas coisas sobre minha vida no Facebook”.

“Sim. Porque, ah, dei mais prioridade e mais importância à privacidade...”

“É, tudo publico. Eu critico, eu critico os meus amigos que fazem isso. Confesso que critico”.

d) Estes conteúdos expressam a visão que os outros usuários têm do entrevistado dentro do meio online? E no meio offline? Existe alguma diferença?

- **Entrevistado A:** Sim. As publicações representam muito de sua personalidade, pois se considera alegre e muito familiar. E isso fica evidente tanto no meio online quanto no meio offline.
- **Entrevistado B:** Considera que a sua visão no meio offline e online diferente, visto que em muitos momentos também mostra que está feliz em alguns posts, apesar de não estar na vida real.

“Eu acho que seria diferente. Não consigo explicar assim, muito bem... quando estou fora da rede social é uma coisa, e depois ali é diferente. Eu, embora eu sinta-me assim por dentro, mas estou sempre a sorrir. Pois, por isso acho que é diferente”.

- **Entrevistado C:** Sim. Considera que os conteúdos expressam a mesma pessoa no meio online e offline. O entrevistado remete isso ao fato de ser conservadora tanto em seus posts quanto na vida real.

“Eu acho que através das fotos. Uma simples foto, né, consegue externar muitas ideias, embora poderem ser falsas, né, as vezes a imagem não é... Mas no meu caso, eu acho que a única ideia que a pessoa podia, tirar é que eu sou mais conservadora, porque as minhas fotos não são assim tão expostas, não é. Não tenho uma foto com decote, a mostrar as pernas ou sensualizar... Pelo que eu acho que entraria como conservador, né (...) Eu não tenho fotos, digamos, por aí, nas festas, e, tipo numa discoteca, por exemplo, a dançar, ahn, acho que... Sim, mas às vezes eu acho que as pessoas não tem que saber pra onde é que eu

vou, o que que eu estou a fazer, que tipos de hábitos que eu tenho, porque eu acho que é uma falta.”

- **Entrevistado D:** Sim. Existe diferença. As pessoas enxergam a entrevistada na rede social como alguém mais introspectiva, entretanto essa imagem é diferente da vida real, ou seja, no meio offline.

“Eu sou completamente diferente. As pessoas vão me ver no Facebook e devem achar que eu sou muito antissocial, que eu não falo com as pessoas, assim. Mas quando me conhecem pessoalmente, sou completamente o oposto, eu falo muito, eu falo muito com as pessoas, né, não tem nada a ver com como eu me expresso na internet, mesmo”.

- **Entrevistado E:** Não representa a mesma pessoa no meio online e offline na visão do entrevistado.

“Hm, ah, porque, vá, eu partilho coisas de futebol, isso mais aquilo, mas os amigos mais próximos, que me conhecem... Sabem perfeitamente que eu não sou esse tipo de pessoa, que gosta, por exemplo hoje em dia há pessoas que gostam de discutir futebol, isso mais aquilo... Eu partilho, só porque acho um lance interessante...”

- **Entrevistado F:** Sim os conteúdos que são partilhados representam a mesma pessoa que ele é no meio online e offline.
- **Entrevistado G:** Não sabe responder.
- **Entrevistado H:** Acredita que os conteúdos partilhados no meio online não representam quem ele é no meio offline. E essa diferença entre o meio online e o offline, agravou-se após o ingresso ao meio académico. Seus conteúdos no meio online eram de poesias e textos de própria autoria, hoje o entrevistado não consegue se posicionar desta forma em nenhum dos meios, online e offline.

“É porque eu já tinha dito antes, coisas que falam sobre mim, mesmo, que me identificam, eu não gosto de publicar. Gosto de manter sempre comigo, privado, guardar no computador, no drive, essas coisas...Sim, porque eu gosto... Ah, eu gosto das coisas que eu gosto de considerar privado. Como exemplo essa questão

da escrita. As coisas que são públicas são essas: meus amigos, algumas fotos, algumas fotos minhas, de familiares, mas as coisas que falam quem eu sou, que tipo de pessoa que eu sou, que dá para perceber, não gosto de colocar. Até hoje meus amigos ficam a me criticar por causa disso. Não gosto de falar quem eu sou, o que sou, como sou”.

- e) Grande parte dos amigos destes usuários tanto no meio online quanto no meio offline são negros? Existe alguma diferença quando comparados os dois períodos?
- **Entrevistado A:** A maioria são negros. Os indivíduos brancos, em geral, são de amigos que resultaram do ingresso ao meio universitário.

“A maioria são negros. São ou de origem cabo-verdiana ou são-tomense.

Os amigos brancos são do meio acadêmico.

Eu diria porque às vezes eu, quando estou com as minhas amigas...

Mos negras temos mais sintonia... eu sinto-me mais confortável com elas... para falar com elas, porque parece que elas me entendem melhor. Mas não quer dizer que as outras também não entendam...

Mas é por termos mais coisas parecidas em termos de gosto. E o que, e o que eu vejo é que, pronto, as minhas amigas brancas têm outros gostos, elas, por exemplo, ligadas à roupa, coisas que eu não percebo, ahn, música, ouvir músicas diferentes, por exemplo, as minhas amigas pretas ouvem as mesmas músicas que eu. Ahn, e por isso se calhar entendem-me um bocado melhor, e por exemplo, em termos dos pais, às vezes vou e falo com as minhas amigas sobre os meus pais.

E eu vejo que, por exemplo, os pais das minhas amigas negras também agem da mesma forma que os meus, ou têm comportamentos parecidos”.

- **Entrevistado B:** A maioria dos amigos no meio online são brancos e no meio offline existe uma quantidade de negros e outra de brancos. Os negros são da escola e os brancos são do meio universitário.
- **Entrevistado C:** A maioria dos amigos tanto no meio online quanto no offline são negros, majoritariamente de Cabo Verde. Mas percebe que adquiriu novos amigos brancos do meio acadêmico.

“Continuei com os antigos e chegaram novos, e esses novos, claro, eram pessoas do meio acadêmico né, eram os meus colegas, e pronto. Também vou, fui tendo novos amigos que não eram do meio acadêmico, acho que... A única diferença é que antes só tinha amigos que em sua maioria não estudavam”.

- **Entrevistado D:** Sim a maioria são negros, visto que são pessoas da família. Mas também há colegas da escola. Não houve diferença visível nos dois períodos.
- **Entrevistado E:** A maioria dos amigos são negros, mas existem amigos brancos também no meio offline. No meio online a maioria é negro. Depois que entrou no meio acadêmico fez mais amigos brancos.

“Sim, eu aqui no ISCTE tenho, tenho bastante amigos. Tanto de Cabo Verde, ahn, amigos portugueses também, da turma, Tenho muitos conhecidos... Eu gosto. Eu por acaso, eu desde muito cedo sempre gostei de ter amigos. Principalmente, repare, eu venho, vim de Cabo Verde né... E então eu tinha mesmo que fazer amigos... Para poder me integrar, essas coisas... E não só isto, mas é sempre bom conhecer muitas pessoas, cultura, por exemplo... As pessoas que vem de fora, como eu... E há mais pessoas também... Eu sou muito popular sim, no ISCTE..”

“Ah, aqui no ISCTE eu diria que são mais, e, sinceramente não sei. Mas assim, eu acho que tanto faz...Mas diria que são mais negros, Não sei... Há mais facilidade, pelo menos pra mim, mas, acho que diria que são mais negros mesmo.”

- **Entrevistado F:** Os amigos do meio online são majoritariamente negros de cabo verde e offline são majoritariamente brancos e portugueses. Quando ingressou no meio acadêmico que se aproximou mais desses amigos do meio offline.

“Não, a maioria são portugueses. Ao vir até aqui... conseguimos, por curso temos direito a duas bolsas por ano. Duas vagas por curso. Por isso normalmente só tem um colega cabo-verdiano. E a não ser que os outros que já tiveram aqui, nos anos anteriores, já que posteriormente chegaram aqui... digamos que quase todos, um ou dois, assim que, ou tentam, assim, falar crioulo ou dizem que já sabem porque criaram esse domínio de cabo-verdianos, isso... Mas a maioria é, vamos dizer,

portugueses brancos. Penso que é mais do curso. O tempo que eu tive aqui em Portugal, eu vi que as pessoas de cor normalmente têm mais dificuldade... têm mais barreiras, assim... Pra entrar, conseguir entrar na Universidade, aqui em Portugal... E normalmente os, digamos os blacks que tão aqui na faculdade, que entram na faculdade... São os que conseguem vaga assim, através de apoio de... Cooperações entre Portugal e, assim... Países africanos, digamos”.

“Então a maioria brancos, sim. E, como disse, que se identifica como preto é um ou dois, no máximo dos máximos. Digamos, do ISCTE aqui, que eu conheço. Assim, amigos do curso e amigos que vou conhecer na festa”

“Eu só convivia em Cabo Verde, era mais com pessoas negras. Depois, quando eu cheguei aqui e comecei a conhecer os meus amigos que eu tenho hoje, como eu disse, aquilo que eu fui pra Cascais, isso foi a partir de um amigo, também que eu estudava junto... e depois um dia fomos no autocarro juntos e descobrimos que morávamos na mesma zona, tipo, digamos, 30 metros um do outro. E depois começamos a ser amigos, eu também era meio tímido, assim... Também não conhecia aqui muitas pessoas. Normalmente então vou para casa do meu pai, e por isso sempre os via ali, foi ali que eu os conheci, só que como já tava com outros amigos, ficamos todos amigos também”.

- **Entrevistado G:** A maioria dos amigos online são negros de Guiné e uma proporção menor são os portugueses brancos do meio académico. Isso também representa a realidade offline do entrevistado.

“Maioria são de Guiné. Tem alguns que são portugueses, só alguns. Não muitos, uns dez, por aí, não muito. Sim, mas o que eu considero mesmo amigo, amigo próximo aí são dois ou três... Grande parte são de Guiné. Eu me sinto muito mais a vontade com os amigos de Guiné. Porque, como vivi mais tempo lá em Guiné... acho que é natural né...”.

- **Entrevistado H:** Grande parte dos amigos do Facebook são de Cabo Verde e negros. Os amigos brancos, são majoritariamente portugueses e fazem parte da equipe de volei e do ambiente universitário. No meio offline tem amigos tanto brancos quanto negros.

“É, hm, né, não é igual o meu país. No meu país todo mundo fala com todo mundo, aqui é cada um na sua. Então, lá tu é diferente.”

2. Identificar temas/conteúdos que remetam a aspectos de afirmação identitária, bem como sua representação de identidade online por meio da *timeline* a partir da percepção destes indivíduos e de que forma são expressados;

a) Existe uma percepção de diferença entre os temas/conteúdos expressados que remetem a aspectos de afirmação identitária/pessoal, bem como étnico-cultural, quando analisados os dois períodos?

- **Entrevistado A:** Os posts referentes a São Tomé da cultura local já eram frequentes antes da entrada do meio acadêmico. Já as postagens referentes aos *selfies* e fotos próprias, reforçam a imagem que o entrevistado quer expressar ao usuário, e isso deu início após o ingresso ao meio acadêmico.

“Mas eu faço sempre questão de lembrar.. as pessoas quando sempre saem da Terra as vezes não ligam muito(...)Sempre quando eu vejo alguém que posta eu partilho”.

“Às vezes eu acordo de manhã pensando em uma música, "E vou postar!", a ver se também alguém ouviu”

“Por exemplo, eu sou uma pessoa mais descontraída, mais relaxada, assim, mais para diversão. Porque eu nunca fui assim, muito ligada, por exemplo, as questões da vida, da roupa ou combinar a roupa, ou, não sei, aparecer com uma roupa assim, muito estilosa, né, só mais agora quando eu cresci é que eu tenho um bocado mais de cuidado com a aparência, né...”

- **Entrevistado B:** Não existem manifestações étnico-culturais. As manifestações e expressões identitárias, majoritariamente, são através dos posts de conteúdo motivacional, que de forma sutil trata-se de uma crítica do entrevistado ao meio

universitário. Existe sim, uma diferença entre os dois períodos, visto que o entrevistado não realizava este tipo de postagem antes de ingressar ao meio acadêmico.

“Sou muito calada, sou muito reservada. E não, não, não digo nada a respeito disso que esta acontecendo”.

- **Entrevistado C:** Os conteúdos já eram frequentes de expressões culturais de Cabo Verde antes da entrada no meio acadêmico. Entretanto após o ingresso ao meio acadêmico, o entrevistado afirma que buscou ser mais conservador e proteger a sua identidade.

“ Expressão cultural é sempre bom. Isso eu mostro mais através da música. Sai uma música nova que eu gosto, identifico alguém... e pronto, vai ver que eu estou a ouvir a música...”

“Atualmente acho que não, não dá para ver nada, tanto que eu, como eu disse no início da nossa conversa, eu tento agora não mostrar tanto a minha linha de pensamento, o que eu defendo, através da minha página do Facebook. Tento restringir, limitar, o acesso que as pessoas têm à minha personalidade. Eu limito um pouco à volta, por exemplo, algum ambiente específico, assim, e normalmente não mostro o espaço onde eu estou. As pessoas não sabem o que eu frequento, nem nada. Eu restrinjo mesmo à minha fotografia”.

“Talvez pela forma e a postura como eu tiro a foto também dá para saber um pouco de mim, não é. Mesmo por causa do estereotipo. A pessoa vê ...ah, ela está vestida assim, não se mostra muito, se calhar ela é uma mulher mais conservadora. Eu acho que é a única conclusão que podem chegar, e na sua vez que também é sempre...porque quando as minhas amigas comentam a minha foto, botam... ah, onde é que tu estavas, o que que estavas a fazer?”, a partir daí desenrolam alguns tipos de conversas não é, piadas, se calhar até dou uma opinião sobre uma certa coisa...”

“Ah, você está em Cabo Verde? Não, não estou...se calhar, mas estava com vontade de ir... como é que está em Cabo Verde?”, pois podem falar alguma coisa

de Cabo Verde, e eu comento sobre isso, não é. Então, não melhorou nada por lá? por exemplo...Ah, o que que eu acho... Se calhar até chego a falar de política de Cabo Verde numa conversa qualquer... Eu acho um comentário mais revelador do que a própria foto né, porque as pessoas questionam, não é, e...”

“Quando eu publicava coisas, assim, um pouco chocantes e curiosas...Eu estava sempre à espera que alguém tivesse alguma reação, que fizesse alguma crítica, desse meu ponto de vista”.

- **Entrevistado D:** Não. Os posts possuem a mesma lógica anterior e ao longo do período universitário. Manifestou-se a respeito da ausência de posts relacionados a Cabo Verde. O entrevistado sente que não tem mais ligação com Cabo Verde, visto que também não possui muitos familiares próximos residindo atualmente lá, apenas a sua avó. Possui outros familiares mais distantes, mas já não vai há muito tempo, se considera desconectado à cultura local. Além disso sua relação com a ferramenta Facebook é muito conservadora e não sente que possui necessidade de expressar sua identidade por meio deste local.

“Basicamente não. A minha identidade não está mais em nada aqui no Facebook. Sim. Eu sou mais de sentar e conversar com as pessoas, se eu tiver que dar uma opinião, sento e converso com as pessoas, assim, mas agora eu vejo, às vezes, às vezes faz bem compartilhar algumas coisas, realmente. Por exemplo, às vezes vejo umas coisas, por exemplo, de meio ambiente, dos animais a morrerem, mas eu às vezes só não partilho porque eu sei: ninguém vai ligar. Principalmente as coisas que vejo, por causa só quero partilhar para minha família, porque eu tenho uma tia minha que fica sempre a usar copos de plástico... eu estou sempre a dizer”.

- **Entrevistado E:** O entrevistado afirma que apesar de ter diminuído muito a frequência que partilha conteúdo após o ingresso no ISCTE, sua imagem pode ser reconhecida por publicações relacionadas com futebol e com a cultura cabo-verdiana. Mas após o ingresso no ISCTE diminuiu as postagens sobre futebol e acredita que a frequência de conteúdos referentes a cultura Cabo Verdiana é mais presente.

“Sim, eu partilhava com meus amigos, por exemplo, com os meus amigos que estão em Cabo Verde... Partilhava futebol, basicamente era isso que eu fazia”.

“Prato típico de Cabo Verde... Cachupa. Sim, eu partilho. É, mais isso que eu partilho, mesmo. Também música”.

A frequência também diminuiu de uso do Facebook, pois percebe que a rede social estava criando um vício, e da mesma forma estava com menos tempo em virtude dos estudos.

“É que com o passar do tempo, às vezes na vida ganhamos alguma experiência, mais responsabilidade. Então, deixei de usar o Facebook, troquei, por livros, biblioteca, estudo... é só por isso mesmo, não é.... Rede social é muito viciante, né... se não tivermos atenção, ficamos mesmo doentes. ”

- **Entrevistado F:** O entrevistado afirma que não realiza publicações a respeito da cultura de cabo verde na sua *timeline*, visto que grande parte de seus amigos do FB são de Cabo Verde, e para eles não é interessante que vejam isso. No Instagram ele publica imagens mais relacionadas com a cultura e com a culinária, visto que a maioria de seus amigos “novos” estão nessa rede social. A diferença entre os dois períodos é que após ingresso no meio universitário o entrevistado considera que publicou mais imagens com amigos e eventos sociais.

“No Instagram às vezes, quando eu vou comer Cachupa, assim, no restaurante, ou isso, no sítio, assim, eu publico... Agora no Facebook, é mais familiar, depois a maioria, pessoas assim, que eu tenho no Facebook são de Cabo Verde, a maioria, e pronto, imagina, para eles cachupa não lhes diz nada, assim. É uma coisa praticamente que eles tão acostumados... comem sempre isso, uma coisa que conhecem, pronto. Assim eu marco lá portugueses e isso, pessoas estrangeiras que não conhecem, às vezes que já comeram uma ou duas vezes, começam a comentar e dizer "Ah, é, pois é fixe, isso e isso... Porque pronto, lhe diz qualquer coisa, bem dizer é uma coisa que eles não veem todo dia, por isso.”

- **Entrevistado G:** Não havia nenhum conteúdo específico nem antes nem depois de ingressar no meio acadêmico de caráter identitário/pessoal ou cultural na visão entrevistado.
- **Entrevistado H:** Antes de entrar no meio acadêmico o entrevistado não se preocupava tanto com os conteúdos compartilhados, e sentia mais liberdade para

realizar postagens com suas poesias. Hoje, enquanto estudante do ISCTE considera que sua identidade é muito representada pela sua participação no esporte. Não há incidências nem antes nem depois de postagens étnico-culturais.

b) Existe algum conteúdo/post em sua *timeline* que reflita aspectos que considera de sucesso no meio acadêmico? E de insucesso? Quais são esses?

- **Entrevistado A:** De sucesso, considera 01 post com a cerimônia de encerramento da turma do ISCTE. De insucesso não possui.
- **Entrevistado B:** De sucesso com as amigas que fez no meio universitário, e de insucesso considera os posts com as frases motivacionais que são consequência da forma com que estava se sentindo enquanto estudante naquele sistema acadêmico.
- **Entrevistado C:** Não costuma postar nada relacionado com o meio acadêmico.

“Não, porque eu pergunto porque que eu estou a fazer aquilo... Uma coisa é tirar uma foto, mostrar aos meus familiares que eu estou... Pronto, é ela né, em 2017, que se calhar tem curiosidade para se ver como é que eu estou... E às vezes também sentimos aquela obrigação de dar satisfação, ou de... A pessoa tem que ver que eu estou, né. Tanto que eu só posto uma foto assim simples, mas se for no meio acadêmico eu pergunto, mas o que que eu quero passar com essa foto? É dizer que eu estou a estudar? E que importância que isso tem? Eu faço essa reflexão. Qual é a importância de as pessoas verem que eu estou na biblioteca a estudar, ou que eu já consegui uma coisa, e se calhar para o currículo ou para um outro meio qualquer, embora, através do Facebook as pessoas podem te oferecer uma oportunidade a partir do que elas veem, né. Mas, se a pessoas tiverem mesmo interessadas em te encontrar, mandam um e-mail... É por causa disso”.

- **Entrevistado D:** Não possui conteúdos expressados em seus posts que remetam ao meio acadêmico.
- **Entrevistado E:** O entrevistado considera que postava coisas relacionados a associação a qual fazia parte. Mas depois que deixou de fazer parte parou.

“Só se eu participar, ou seja, fazer parte de alguma associação, como agora já não faço então não tenho. Mas partilhava, por exemplo, fazia parte da

associação de estudantes, mas ela de certa forma acabou... Quer dizer, não acabou, tiveram é que reorganizar aquilo tudo de novo, e eu tive que sair, mesmo”

- **Entrevistado F:** Considera que seriam os posts de sucesso, relacionados às festas e comemorações com os amigos.

“Só tenho assim, mais de festas. Já há muito tempo não fazia scroll no meu Facebook. Foi em 2016 numa festa que... Festa de caloiro. Eu estava feliz, mas por uma notícia... penso que a foto não representa muito. Mas acho que pode ser esse, se é porque é o único que está aqui que tem, assim acadêmico. ”

- **Entrevistado G:** Sim um momento de sucesso acadêmico refere a um post de quando ingressou ao ISCTE.
- **Entrevistado H:** É crítico com relação a alguns posts que vê dentro do meio acadêmico, com exceção dos posts relacionados a esportes ou com os amigos da universidade.

“Todo mundo quando entrou na Universidade pronto. Não tem segredos... agora já entrou na Universidade..., não, é, fica pior ainda ficar forçando. Me deixa mais feliz é quando posto as coisas sobre meus amigos, como esse daqui, é o Feijão, ah, eu gosto de postar sobre meus amigos”.

“Sim, porque eu passo muito tempo aqui na universidade... Ah, tem mais sobre mim e os meus amigos, ah, só isso”.

“Foto do jogo, ficamos em quinto lugar, pela ISCTE”.

Algumas postagens expressam a aproximação do entrevistado com os amigos do meio acadêmico portugueses que fazem parte de sua equipe de vôlei. Isso para ele é considerado um momento feliz, ou seja, de sucesso.

“Ah, eu considero como um fator... Porque nesse momento eu comecei a interagir com a maior parte da equipe, porque eu só ia para jogar”.

3. Investigar indícios de conteúdo/temas propositalmente publicados e/ou com objetivos de criticar a sociedade e seus modos de operar?

a) Existem conteúdos/temas propositalmente publicados e/ou com objetivos de criticar a sociedade e seus modos de operar? Quais são esses?

- **Entrevistado A:** Já houveram posts publicados com esse objetivo, entretanto a sua frequência é muito pouco representativa. O entrevistado não sente necessidade de realizar esse tipo de compartilhamento. Apenas 01 post, mas que foi compartilhado no Instagram, entretanto, o entrevistado afirmou que provavelmente postaria no Facebook se o conteúdo tivesse sido colocado nesta plataforma. Um motivo relevante que impulsionou o entrevistado a compartilhar este conteúdo é em virtude de sua família. Sendo assim, a publicação foi mais de cunho pessoal e familiar, do que com objetivos “ativistas”.

“Não porque eu nunca desde que estou aqui me senti mal ou essas coisas... Partilhei quando foi recentemente o caso do bairro da Jamaica, porque eu tenho familiares lá... o que aconteceu foi uma injustiça né... partilhei, mas foi no Instagram... a comentar uma outra historia que eu vi. Mas apenas porque tenho família lá. Sim, porque o Bairro da Jamaica está mais ligado à comunidade de São Tomé. Eu partilhei no Instagram porque eu vi uma outra crítica lá... Eu acredito que partilharia no Facebook também, independente dos amigos que estão lá, eu partilho mesmo para que as pessoas vejam... não, porque há pessoas mais direcionadas para uma coisa e há pessoas mais direcionadas para outra...eu levei isso, também, mais para um lado pessoal. E manifestações, e isso, também, eu não costumo participar, por isso também não estaria a dar o meu contributo nas redes sociais”.

- **Entrevistado B:** Não realizou este tipo de posts, pois não sentiu necessidade de partilhar esse tipo de conteúdo.
- **Entrevistado C:** Sim. Houveram alguns conteúdos que foram publicados mesmo ao longo do período universitário, e que durante esse mesmo período foram apagados pelo entrevistado.

“Isso antigamente, um ano depois de entrar na faculdade, sim, um ano depois...No segundo ano eu fazia isso, mas não com muita frequência. De vez em quando, assim, via qualquer coisa que me chamava atenção. Em relação ao mundo, por exemplo, havia um que era sobre, por acaso eu não sei se eu cheguei a apagar ou não, porque eu depois apaguei tudo, porque eu pensei, se calhar as pessoas nem sabem o que eu sou contra, ou o que sou a favor. Optei por apagar, por isso que eu ia dar o exemplo... não sei, acho que as pessoas não têm que saber tudo sobre nós, podem ler o nosso ponto de vista, o que nós defendemos ou não... naquele momento que partilhei só estava a pensar: vou estudar. E também uma coisa que me fez parar é que às vezes as notícias são falsas e pode estar a contribuir para difundir mais ainda. E como eu não tinha de postar na história, eu tive uma cadeira que é metodologia do trabalho historiográfico, onde eu aprendi que normalmente... e nós como historiadores temos que ter muito cuidado, temos que ser sensíveis às informações e procurar donde é que ela vem. Ter acesso a fonte e quem publicou, e como eu não tinha como, não tinha mais para saber se aquela notícia era falsa ou verdadeira... acho que deletei tudo. Eu tenho agora só fotos de antes, nem fotos minha assim, pintada. Mas é aquilo. Por enquanto vou fazer isso. Não tenho mais nada, eu apaguei tudo”

Da mesma forma o entrevistado possui um discurso bastante crítico a respeito do sistema universitário, e é por esse motivo que optou por ter uma atitude mais conservadora, depois que ingressou no ISCTE.

“Porque eu antes tinha ideia assim: Praxe não serve para nada, mas eu disse: mas não posso só participar. Tenho que experimentar. Quando fui experimentar, vi que realmente não serve para a integração, porque eu, quando eu vi os meus colegas que estavam fazendo ser zoados, assim, no cantinho da escola... eu pensava, se calhar eles também tão a ficar muito ao quarto, não querem se integrar. Sim. Por que não vão à Praxe, se calhar isso até resolve, mas não resolve, nada. Porque naquela situação, são brincadeiras, pois quando é para estarmos juntos, fora da Praxe estão a fumar, tomando café, mas para fazer trabalhos: zero. Ahn, para ajudar com a matéria também, só tu corres atrás, se calhar nem tens mais resultado, se calhar eu não fiz essa cadeira, não... Tais vendo”?

“Era mesmo só expressão de vaidade. “Nós somos superiores, é o único espaço que temos para expressar o nosso poder.” E aqui, pelo menos na hierarquia, em nível acadêmico, eles eram superiores. E pronto, eles até postavam lá, veteranos, no Facebook, também. Estavam assim, vestidos com aquele fato enquanto os outros numa situação ridícula, e eles assim de situação de poder. Tiravam uma foto, punham no Facebook, né. E pronto, e outros com coisa de coelhinho aqui, cara pintada, todas, todo sujos, não sei mais o que, mas eu vi mesmo que aquilo ali, demonstração de poder, vaidade, e pronto, perda de tempo, não vejo nada em termos de integração, nada mesmo. E por isso que eu, resumindo e concluindo, os estudantes africanos tendem a estar mais com os africanos. Ficam num cantinho, a não ser que tu és um excelente aluno, só tem vinte, aí eles podem aproveitar de ti. E fingem que até, se calhar, tem uma certa afeição. Eu não, não sou contra isso, mas, não é a melhor forma de fazer... E conosco africanos... não tem apoio. Conosco, os africanos, é, estamos cada um por si e Deus por todos, é mais por aí.... E pronto, e nós estávamos mesmo assim, é num cantinho, e eles no outro, e a questão é: somos nós ou são eles que não tão a dar abertura? Eu, durante esses três anos, vejo a mesma coisa sempre, embora tenhamos alguma culpa de ficar assim num cantinho, às vezes...”

“Eles também não facilitam muito, porque na turma, quando chega, por exemplo, normalmente, alguns alunos de outras cadeiras, de um outro curso se é um branco, que vai lá, estranho, as pessoas quando vão fazer grupo, chamam “Olha, tu não queres fazer parte do nosso grupo?” A pessoa nem tem que se mexer, mas quando é um africano ninguém, aí ninguém chega perto... eu não sei qual é a ideia. O que pensam, se não viram a nossa capacidade, ou querem mesmo nos colocar em um cantinho para nos sentirmos sozinhos e a produtividade não ser grande coisa, não, eu não sei qual é a razão, mas o que acontece aqui é isso”.

- **Entrevistado D:** Sim. Houve 01 post específico, mais recente, entretanto afirma que não realiza este tipo de postagem com frequência. O entrevistado acredita que este tipo de post não fará diferença em termos de gerar mudanças na forma com que a sociedade se comporta.

“Um que eu lembre, acho que foi o último, porque por acaso, de vez em quando eu penso nisso, foi... Por exemplo, tem um que era sobre uma rapariga negra,

que ela estava a fazer um relato, que estava num autocarro...e ela estava com um turbante, e que umas senhoras começaram a fazer piadinha...E ela a dizer que depois começou a dizer que não existe racismo reverso, que os brancos não passam por isso, eu na altura achei, na altura achei muito injusto o que fizeram com ela e achei bem o que ela falou, mas agora eu venho a pensar um pouco sobre isso, e eu acho que existe racismo dos negros com os brancos, eu já não concordo com essa, agora já não concordo 100% com o que ela disse. Concordo que os negros sofreram muito mais, assim, mas eu acho que alguns negros, por terem sofrido tanto, também algumas vezes fazem o mesmo... porque eu acho que o preconceito, às vezes quando tu ignoras, acaba passando, mas também, se calhar é uma atitude um pouco errada, porque às vezes temos que lutar pelos nossos direitos, né, mas eu por não ligar tanto, eu não sofro tanto como os outros. Então por eu não sofrer tanto como algumas pessoas, né eu não sei, às vezes também, é por ter o tom de pele mais clarinho também, não sinto... acho que não me fazem muito, mas eu sei que aqui, quanto mais negro/negra for a pessoa, mais essa pessoa vai sofrer, mesmo, porque eu vejo, há raparigas e rapazes, há pessoas negras que sofrem mesmo muito, que os rapazes gozam, ou, por exemplo gozam com o cabelo. Eu com meu cabelo, uma vez vim aqui à escola, mesmo aqui no ISCTE...

Vim aqui à escola, e eu estava com meu cabelo solto, estava com ele afro...

Uma professora olhou para mim, porque eu costumo andar com o cabelo preso... Então uma professora olhou para mim, ela riu-se e eu não entendi porque que ela estava sorrindo, e então sorri de volta, porque as pessoas riem para mim, eu sorrio, pois é, ela disse: "Mas o que que tu fizeste no teu cabelo?", eu disse, "Eu soltei o cabelo.", e ela, ela riu-se mesmo, riu-se, depois, em outro dia, cheguei à escola, eu tinha o cabelo preso, que eu costumo andar com o cabelo preso, né".

"Por esse motivo eu não posto nada. Eu too um pouco desacreditada das pessoas".

- **Entrevistado E:** O entrevistado não compartilhou o conteúdo mas lembrou uma situação que causou polémica nas redes sociais enquanto ele estava no ISCTE, por ter sido considerado caso de racismo por alguns, mas não na opinião do entrevistado.

“Isso há muito tempo. Depois, há pouco tempo atrás, mas eu não, não, não cheguei a partilhar, aqui no ISCTE houve um conflito por causa de um boneco, houve um boneco negro. Sim, houve divergência e opiniões, por aí. Não cheguei a partilhar, porque não, não acho que... realmente tratasse de racismo. Porque até eu bati no boneco. E no início ele não era de cor escura não, mas de tanto levar baterem nele aquilo mudou de cor, né... chegaram a partilhar no Facebook..., mas eu não partilhei, mas é uma coisa que me marcou né...”

“Mas se tivesse achado que era racismo teria partilhado. Sim, aí eu teria partilhado, mas...eu acho que hoje em dia também quem organiza uma jornada, como a jornada tem que ter algum cuidado com escolher, vá, bonecos e cores, sei mais o quê... tanto que eu vi o esforço de meus colegas, porque também, eu não fiz parte, mas gostei do que eles fizeram... e vi que a galera também tinha gostado. É, eu vi o esforço dos meus colegas, sei perfeitamente que aquilo não teve nenhuma intenção racista. Até porque isso nem foi coisa deles, é uma empresa que vendeu o boneco.”

Também afirmou que prefere não se envolver com as causas ativistas na sua rede social.

“Eu, eu... Eu prefiro não me envolver, exato. Eu nunca partilhei coisas, coisas sobre racismo, porque não é uma coisa que me afeta, particularmente. Eu creio que isso também tem muito a ver com a mente das pessoas... eu uma pessoa pode me chamar de preto... não vejo mal nisso. Mas não gosto de ver, por exemplo, pessoas a chamar "preto" outras pessoas que não são negras... Fico com vontade..., mas nunca fiz parte de uma organização, ou nunca senti vontade de partilhar uma relacionada com racismo, nunca”.

“Porque, racismo existe, é um fato. Já vem de muito tempo atrás. E vai continuar a existir, portanto vai haver luta, isso mais aquilo, tudo mais... eu até posso fazer parte, mas prefiro não me envolver por agora... porque não acho que seja necessário. É uma coisa que... para mim é muita perda de tempo..., mas, eu também valorizo muito o esforço de Associações e tudo, têm todo o meu apoio. Mas, a mim não me afeta nada”.

- **Entrevistado F:** Não costuma fazer posts de carácter crítico, apenas posts mais engraçados. Não se sente à vontade para partilhar esses assuntos e demonstrar a sua opinião.

“Não partilho, não. Não mostro a opinião assim. Já aconteceu de eu mostrar minha opinião lá... E acabei por ser bloqueado de um grupo. ”

- **Entrevistado G:** Nunca partilhou nenhum conteúdo de caráter polêmico e crítico, apesar de acreditar que teria interesse em partilhar, não faz, pois, possui amigos portugueses em sua rede social.

“Sim. Eu tenho visto no meu Facebook..., Mas por acaso nunca partilhei. Mas não é que eu não tenha interesse em partilhar, mas como tenho muitos amigos no Facebook portugueses e nós nos damos muito bem, não é que não quero partilhar por causa deles..., mas, mas para não afetar a nossa relação..., mas já tive vontade de partilhar, mas não fiz para não ficar mal com eles”

- **Entrevistado H:** Não costuma partilhar esses assuntos.

“Eu acho que há coisas que não é publicando que se resolve. Por isso, eu procuro não me intrometer nessas coisas, que por vezes pode causar danos às outras pessoas, ou por vezes pode dar uma imagem ruim. Há poucos houve um conflito entre os portugueses e africanos. Muitas pessoas começaram a publicar coisas, a falar, e eu tenho amigos que são portugueses, e eu tenho amigos que são cabo, que são africanos... E por isso eu não posso tomar partido de uma forma... sem saber a causa, e o que realmente está por trás. Imaginemos que eu tenha publicado, alguma coisa a falar mal dos portugueses, e os meus amigos.... Que são portugueses? Eu não vou generalizar uma coisa, depois no final vou dizer "Ah, exceto os meus amigos.", não pode ser. Porque todo mundo tem amigos também, que fazem coisas...Que é errado, e por isso não posso estar a tirar os meus amigos e pôr os outros, por isso que eu prefiro não publicar essas coisas. Se alguém perguntar a minha opinião, aí eu dou a minha opinião. Mas eu estar a publicar e mostrar ao público, não...”